

Deserto

Anônimo

2011

Conteúdo

Nota do autor	4
Avançar!	5
1. Nenhum futuro (global)	6
Mitos religiosos: progresso, capitalismo global, revolução global, colapso global . .	6
Nos amamos, há tanto que podemos fazer e ser, mas há limites	7
Da antiglobalização às alterações climáticas	8
2. É mais tarde do que pensávamos	11
As alterações climáticas observadas são mais rápidas do que o esperado	11
Hectares fantasmas alimentam excessos populacionais	14
As alterações climáticas trazem consigo possibilidades e também encerramentos .	16
3. Tempestades no Deserto	17
Os militares olham para o futuro	17
Guerras quentes e estados falidos	18
Soldados da paz no cemitério dos vivos	19
Das revoltas (alimentares) à insurreição	20
4. Caminhos africanos para a anarquia	22
Elementos anárquicos na vida cotidiana (camponesa)	22
Povos sem governos	23
Os bens comuns ressurgem à medida que o comércio global se retrai	24
Enganando o estado	25
5. A civilização recua, a natureza selvagem persiste	27
Os impérios espalham desertos nos quais não conseguem sobreviver	27
Liberdades nômade e o colapso da agricultura	28
Cortiça e creosoto	29
6. Terror-Nullius retorna	31
A civilização se expande à medida que os desertos frios descongelam	31
Ecocídio e genocídio nas terras "vazias".	32
Vidas de liberdade/escravidão nas novas fronteiras	34
7. Convergência e as novas maiorias urbanas	36
Expectativa de vida e expectativas da 'vida moderna'	36
Mundos divergentes	37
Sobrevivência nas favelas	38
Deuses antigos e novos céus	39
Plantas errantes em ecossistemas urbanos	41
8. Conservação em meio à mudança	43
Apocalipses agora	43
"A conservação é o nosso governo"	44
Controle de danos	46

A natureza reina por último	49
9. Anarquistas Atrás dos Muros	50
Guerra social em climas temperados	50
Estados de vigilância e culturas de segurança	52
Resista muito, obedeça pouco	55
Amor, saúde e insurreição	57
10. Deserto	59

Deserto 1 substantivo

1. Uma área árida ou desolada, especialmente: **a.** Uma região seca, geralmente arenosa, com pouca precipitação, temperatura extrema e vegetação esparsa. **b.** Uma região de frio permanente que é em grande parte ou totalmente desprovida de vida. **c.** Uma área de água aparentemente sem vida. **2.** Um lugar vazio ou abandonado; *um deserto cultural*. **3. Arcaico** Uma região selvagem, inculta e desabitada.

[Inglês médio, do francês antigo, do latim tardio *desertum*, do particípio passado neutro de *deserere*, desertar; ver **deserto 2.**]

Nota do autor

Escrevi Desert como um anarquista amante da natureza, abordando principalmente outros com sentimentos semelhantes. Como resultado, nem sempre expliquei ideias que defendo quando elas são, até certo ponto, dadas em muitos círculos anarquistas e ambientais radicais. Espero ter escrito de uma maneira acessível o suficiente, então, mesmo que você não venha dessa formação, ainda achará Desert legível. Embora as melhores introduções à ecologia e à anarquia sejam momentos passados em ecossistemas não domesticados e comunidades anarquistas, alguns também podem achar os seguintes livros úteis — eu achei.

- Peter Marshall, *Exigindo o Impossível: Uma História do Anarquismo* (Londres: HarperCollins, 2008).

- Fredy Perlman, *Contra sua história, contra o Leviatã* (Detroit: Black & Red, 1983).

- Christopher Manes, *Green Rage: Ambientalismo Radical e a Desconstrução da Civilização* (Boston: Little, Brown and Company, 1990).

- Clive Ponting, *Uma história verde do mundo* (Londres: Penguin Books, 1991).

Avançar!

Algo assombra muitos ativistas, anarquistas, ambientalistas, muitos dos meus amigos. Isso me assombrava. Muitas de nossas subculturas nos dizem que isso não está lá, que não podemos ver, ouvir. Nossos melhores desejos para o mundo nos dizem para não ver. Mas para muitos, apesar de seus melhores esforços — continuando com o ativismo normal, a construção do movimento, vivendo de acordo com e como uma expressão de sua ética — apesar de tudo isso, o espectro ganha forma. A imagem tênue se torna mais sólida, mais inevitável, até que o fantasma esteja encarando alguém na cara. E como muitos monstros de contos passados, quando seu olhar é encontrado — as pessoas congelam. Tornam-se incapazes de se mover. Desistem da esperança; tornam-se desiludidas e inativas. Esse mal-estar, congelamento, não apenas retarda a "carga de trabalho do ativista", mas eu o vi afetar todas as facetas da vida de muitos dos meus amigos.

O espectro que muitos tentam não ver é uma simples percepção — o mundo não será "salvo". A revolução anarquista global não vai acontecer. A mudança climática global agora é imparável. Não veremos o fim mundial da civilização/capitalismo/patriarcado/autoridade. Não vai acontecer tão cedo. É improvável que aconteça algum dia. O mundo não será "salvo". Não por ativistas, não por movimentos de massa, não por instituições de caridade e não por um proletariado global insurgente. O mundo não será "salvo". Essa percepção machuca as pessoas. Elas não querem que seja verdade! Mas provavelmente é.

Essas realizações, esse abandono de ilusões não devem se tornar incapacitantes. No entanto, se alguém acredita que é tudo ou nada, então há um problema. Muitos amigos 'abandonaram' o 'movimento' enquanto outros permaneceram em velhos padrões, mas com uma tristeza e cinismo que sinalizam um sentimento de futilidade. Alguns pairam em torno de cenas criticando tudo, mas vivendo e lutando pouco.

"Não é o desespero — eu consigo lidar com o desespero. É a esperança que não consigo lidar."¹

A esperança de um Grande Final Feliz machuca as pessoas; prepara o cenário para a dor sentida quando elas ficam desiludidas. Porque, sinceramente, quem entre nós agora realmente acredita? Quantos foram queimados pelo esforço necessário para reconciliar uma fé fundamentalmente religiosa na transformação positiva do mundo com a realidade da vida ao nosso redor? No entanto, ficar desiludido — com a revolução global/com nossa capacidade de parar as mudanças climáticas — não deve alterar nossa natureza anarquista, ou o amor pela natureza que sentimos como anarquistas. Ainda há muitas possibilidades de liberdade e selvageria.

Quais são algumas dessas possibilidades e como podemos vivê-las? O que poderia significar ser um anarquista, um ambientalista, quando a revolução global e a sustentabilidade social/eco mundial não são o objetivo? Quais objetivos, quais planos, quais vidas, quais aventuras existem quando as ilusões são postas de lado e caminhamos para o mundo não incapacitados pela desilusão, mas aliviados por ela?

¹ Não, não Derrick Jensen, mas John Cleese! — *No sentido horário*. Filme. Christopher Morahan. 1986; Londres, Thorn EMI Screen Entertainment.

1. Nenhum futuro (global)

Mitos religiosos: progresso, capitalismo global, revolução global, colapso global

A ideia de Progresso era central para o paradigma ocidental moderno e a presunção de que o mundo inteiro estava sempre se movendo para um futuro melhor era dominante. A ideia da inevitabilidade ou possibilidade de um futuro libertário global se origina dessa crença.

De muitas maneiras, o Anarquismo foi/é o extremo libertário do Iluminismo Europeu — contra Deus e o Estado. Em alguns países, como a Espanha da virada do século XX, foi o Iluminismo — seu anticlericismo militantemente pró-ciência sendo uma atração tanto quanto seu anticapitalismo. No entanto, o lixo da história não é tão facilmente descartado e os movimentos revolucionários "progressistas" têm sido frequentemente, em essência, forma e objetivo, a continuação da religião por outros meios. Como exemplo, a crença de que a paz e a beleza universais seriam alcançadas por meio de tumultos apocalípticos de sangue e fogo (revolução/o milênio/o colapso) indica firmemente que, como uma ideologia iluminista, o Anarquismo tem sido fortemente sobrecarregado por suas origens euro-cristãs. John Gray estava falando sobre o marxismo quando disse que era uma "...uma versão radical da crença iluminista no progresso — em si uma mutação das esperanças cristãs... [Seguindo] o judaísmo e o cristianismo ao ver a história como um drama moral, cujo último ato é a salvação."¹ Embora alguns anarquistas nunca tenham caído em tais disparates, muitos caíram, e alguns ainda caem.

Hoje em dia, o próprio Progresso é cada vez mais questionado tanto por anarquistas quanto por toda a sociedade. Ainda não conheci ninguém hoje que ainda acredite na *inevitabilidade*² de um futuro anarquista global. No entanto, a ideia de um movimento global, confrontando um presente global e criando um futuro global, tem muitos apóstolos. Alguns deles são até libertários e olham esperançosamente para a *possibilidade* de uma revolução anarquista global.

O triunfo ilusório do capitalismo após a destruição do Muro de Berlim levou à proclamação — mais utópica³ do que real — de uma Nova Ordem Mundial — um sistema capitalista global. A reação de muitos à globalização foi postular uma de baixo, e isso só foi reforçado pelo surgimento público quase simultâneo dos zapatistas e pela invenção da Web. Os dias de ação internacional subsequentes, muitas vezes coincidindo com cúpulas, tornaram-se o foco do supostamente global "movimento dos movimentos" anticapitalistas. A excitação nas ruas permitiu que muitos evitassem ver o espectro olhando na direção do "movimento global". Mas nunca houve um movimento global contra o capitalismo, então⁴, ou nunca⁵

¹ John Gray, *Al Qaeda e o que significa ser moderno* (Londres: The New Press, 2003), p. 7.

² Embora eu não conheça ninguém pessoalmente que professe isso hoje, o Anarquismo como o telos da história humana ainda está presente em nossa propaganda. Ainda em 2006, no que eu diria ser o livro introdutório mais acessível e de longe o mais visualmente belo à Anarquia, é afirmado: "que a direção geral da história humana era continuamente em direção à liberdade, apesar de tudo que a autoridade impunha, e que o progresso posterior era inevitável... A sociedade está se desenvolvendo naturalmente para garantir uma vida de bem-estar para todos, na qual a produtividade coletiva será colocada em uso coletivo — Anarquismo." — Clifford Harper referindo-se com aprovação à 'Base científica para o anarquismo' de Peter Kropotkin, em Clifford Harper, *Anarchy: A Graphic Guide* (Londres: Camden Press, 1987), p. 59.

³ A ideia do milênio implícita no "fim da história" afecta tanto os governantes como os governados.

⁴ Embora o dia de ação "global" que indiscutivelmente deu início a este período, J18 1999, tenha sido nomeado pela Reclaim the Streets (Londres) como o "Carnaval contra o Capital", há pouca evidência de que a maioria dos que participaram em outros lugares (especialmente fora do Ocidente) se viam como anticapitalistas, naquela época ou no período subsequente. A Ação Global dos Povos — a principal rede que então ligava grupos anarquistas/ativistas no Ocidente a organizações no Mundo Majoritário — nunca foi realmente tão global e sua escala era frequentemente exagerada.

⁵ Como a ausência de qualquer movimento global contra o capitalismo é tão óbvia, aqueles com desejo de acreditar em um têm que ir a impressionantes extensões mentais. Ignorando a grandeza da esquerda autoritária, a principal técnica em nossos círculos é pensar em todas as lutas difusas e momentos de resistência pessoal e coletiva implícita na luta de classes, e então juntá-los nomeando-os: comunismo, o movimento dos movimentos, a multidão — escolha o que quiser. Fundamentalmente, este

, assim como o próprio capitalismo nunca foi verdadeiramente global. Há muitos, muitos lugares onde as relações capitalistas não são a prática dominante, e ainda mais onde os movimentos anticapitalistas (e muito menos anarquistas) simplesmente não existem.

Em meio à irrealdade alegre deste período de 'Resistência Global', alguns podem realmente se deixar levar: "Não temos interesse em reformar o Banco Mundial ou o FMI; queremos que sejam abolidos como parte de uma revolução anarquista internacional."⁶ Tais declarações são compreensíveis se escritas na exuberância embriagada que às vezes se pode sentir ao derrotar a polícia, mas são encontradas com mais frequência. A autodescrição de uma Federação Anarquista diz: "Como o sistema capitalista governa o mundo inteiro, sua destruição deve ser completa e mundial".⁷

A ilusão de um presente capitalista mundial singular é refletida na ilusão de um futuro anarquista mundial singular.

Nos amamos, há tanto que podemos fazer e ser, mas há limites

Os anarquistas estão crescendo em número. Grupos e contraculturas estão aparecendo em países onde havia poucos, ou nenhum, movimento social anarquista⁸ anteriormente. No entanto, uma avaliação honesta de nossas forças e perspectivas, e aquelas das comunidades e classes das quais fazemos parte, mostraria claramente que não estamos desenvolvendo "a nova sociedade na casca da velha"⁹, que um dia libertará o mundo em um momento de ruptura. A Terra tem muitos lugares com muitas pessoas; uma realidade que pode se perder cada vez mais facilmente na aldeia global (ativista) encapsulada na web.¹⁰ Querer livrar o mundo das relações sociais capitalistas, ou ainda mais da civilização, é uma coisa. Ser capaz de fazer isso é algo completamente diferente. Não estamos em todos os lugares — somos raros.

Ações, círculos de amigos, centros sociais, células de guerrilha urbana, grupos editoriais de revistas, eco-guerreiros, cooperativas habitacionais, estudantes, refúgios, incendiários, pais, ocupações, cientistas, camponeses, grevistas, professores, comunas terrestres, músicos, tribos, gangues de rua, insurgentes amorosos e muito, muito mais. Anarquistas podem ser maravilhosos. Podemos ter beleza, poder e possibilidade autocontrolados em baldes. Não podemos, no entanto, refazer o mundo inteiro; não somos o suficiente e nunca seremos.

Alguns podem argumentar que uma revolução libertária global pode ter sucesso sem ser feita, ou significativamente auxiliada, por anarquistas declarados, então 'nossos' números e recursos atuais são nulos e inválidos. Embora seja um dado que crises sociais e revoltas são ocorrências regulares em sociedades baseadas na guerra de classes; colocar a fé no 'impulso revolucionário do proletariado' é uma teoria aproximada a dizer 'Vai ficar tudo bem à noite.'

é um exemplo de pensamento mágico, ao categorizar e nomear o difuso e invisível, ele se torna real. A coisa pode então receber atributos e desejos podem ser projetados nela — sem surpresa, muitas vezes exatamente os mesmos desejos que o imaginador gostaria de ver em um movimento que expressasse sua política. Que esses incidentes de luta possam estar sendo realizados por pessoas com crenças, desejos e necessidades fundamentalmente diferentes não é importante, pois é a construção imaginária que importa, não seu conteúdo real.

⁶ Andrew Flood, 'S26 na Irlanda e as origens do movimento anticapitalista', *Workers Solidarity Movement* (Irlanda), 13 de setembro de 2000.

⁷ UK Anarchist Federation, *Resistance*, maio de 2009, p. 4. Essas citações são apenas ilustrações — você mesmo pode encontrar muitas semelhantes. Não leve isso como uma crítica se você for aliado a essas organizações/tendências. Muitos de vocês que eu conheço estão fazendo coisas ótimas e são pessoas adoráveis com quem compartilhei risadas e lutas.

⁸ Eu uso a frase, 'anarquistas de movimentos sociais', para significar aqueles de nós que se autointitulam anarquistas, e se sentem de alguma forma aliados, a tradições anarquistas, em grande parte de origem ocidental. Muitos povos e indivíduos têm, e vivem, vidas anarquistas/acéfalas, sem qualquer ligação com nossos movimentos sociais relativamente modernos. Eu escrevo sobre esses outros anarquistas no Capítulo 4 — African Roads to Anarchy

⁹ Declarações que se referem à construção ou crescimento da nova sociedade na casca da velha são relativamente comuns na escrita libertária. Embora o conceito seja anterior a ele, acredita-se que a origem dessas frases seja o preâmbulo centenário da constituição dos Trabalhadores Industriais do Mundo: "Ao nos organizarmos industrialmente, estamos formando a estrutura da nova sociedade dentro da casca da velha."

¹⁰ Claro que a web conecta o globo, mas a maioria de nós acaba ouvindo principalmente pessoas como nós: "Acabamos dentro dessas bolhas de filtro... onde vemos as pessoas que já conhecemos e as pessoas que são semelhantes às pessoas que já conhecemos. E tendemos a não ver o quadro mais amplo." Ethan Zucker-man, *Listening to Global Voices*, TED, (www.ted.com).

Infelizmente, há pouca evidência na história de que a classe trabalhadora — e muito menos qualquer outra pessoa — esteja intrinsecamente predisposta à revolução libertária ou ecológica. Milhares de anos de socialização autoritária favorecem a bota...¹¹

Nem nós, nem ninguém, podemos criar uma sociedade global futura libertária e ecológica expandindo movimentos sociais. Além disso, não há razão para pensar que, na ausência de uma expansão tão vasta, uma transformação social global congruente com nossos desejos acontecerá. Como anarquistas, não somos a semente da *sociedade* futura na casca do antigo, mas apenas um dos muitos elementos dos quais o futuro está se formando. Tudo bem; quando confrontados com tal escala e complexidade, há um valor na humildade não servil — mesmo para insurgentes.

Desistir da esperança de uma revolução anarquista global não é resignar-se a que a anarquia continue sendo um protesto eterno. Seaweed coloca bem:

A revolução não está em todo lugar ou em lugar nenhum. Qualquer biorregião pode ser libertada por meio de uma sucessão de eventos e estratégias com base nas condições únicas a ela, principalmente à medida que o domínio da civilização naquela área enfraquece por sua própria vontade ou pelos esforços de seus habitantes... A civilização não teve sucesso em todos os lugares ao mesmo tempo, e então sua ruína pode ocorrer apenas em graus variados em lugares diferentes em momentos diferentes.¹²

Mesmo que uma área esteja aparentemente sob o controle total da autoridade, sempre há lugares para ir, para viver, para amar e para resistir. E podemos estender esses espaços. A situação global pode parecer além de nós, mas a local nunca está. Como anarquistas, não somos nem totalmente impotentes nem potencialmente onipotentes, felizmente.

Da antiglobalização às alterações climáticas

Para muitos de nós, quando a onda antiglobalização da virada do século perdeu seu ímpeto,¹³ o pensamento global e o otimismo religioso foram com ela. No entanto, nos últimos anos, uma tentativa de ressuscitar o "movimento global" apareceu entre nós mais uma vez — desta vez em torno das mudanças climáticas.

A mobilização na Conferência das Nações Unidas sobre Mudanças Climáticas em Copenhague foi anunciada por muitos como a próxima Seattle¹⁴ e alguns grupos alegaram que estão "construindo um movimento global para resolver a crise climática".¹⁵ O Greenpeace, por exemplo, diz que "as mudanças climáticas são um 'mal' público global. Para resolvê-lo, é necessária uma ação coletiva global... Não temos alternativa a não ser construir um movimento global de base, fazer os políticos avançarem e forçar as corporações e os bancos a mudar de direção".¹⁶ Vou assumir como certo que você, o leitor, entende a irrealidade ingênua de tais grupos de lobby, mas vale a pena olhar para aqueles na extremidade menos institucionalizada da campanha sobre mudanças climáticas.

¹¹ Abaixo o Império, acima a Primavera! (Te Whanganui a Tara/Wellington: Rebel Press, 2006), p. 74.

¹² Algas, *Terra e Liberdade: Rumo a um movimento de subsistência organicamente auto-organizado* ('Occupied Isles of British Columbia': Autopublicado, 2002). Disponível online: (www.anti-politics.net/distro).

¹³ Começamos a ser derrotados nas ruas pela polícia, entediados pela rotina, infiltrados pela esquerda, intimidados por longas sentenças de prisão, ofuscados pela insurgência islâmica e pelas guerras de invasão ocidentais, diluídos pela imersão no movimento anti-guerra e então enfraquecidos por seu fracasso. Algumas lutas importantes foram vencidas em alguns níveis (a tecnologia GM Terminator estagnou e as negociações da OMC implodiram), muitas migraram para terrenos de luta mais vantajosos (ou dramáticos), algumas batalhas foram além do que era geralmente aceitável. Muitas se consolidaram localmente e/ou abandonaram ilusões sobre a massa e o espetacular. Uma miríade de questões "não políticas" da vida cotidiana — crianças, mudança geracional, depressão, morte e emprego — também não devem ser subestimadas.

¹⁴ Além de ser irremediavelmente centrado nos EUA, este foi certamente outro exemplo de pensamento fundamentalmente mágico. Alguém se pergunta se uma equação que concluísse Copenhague = Seattle teria sido tão popular se a COP 15 tivesse ocorrido perto do sexto aniversário de Seattle, em vez do numericamente elegante décimo aniversário.

¹⁵ O dia 10.10.10 organizado pela 350.org viu mais de 1600 eventos em 135 países, a maioria do tipo ritualístico de plantio de árvores/troca de lâmpadas, embora também com a opção de "trabalho religioso".

¹⁶ John Sauven — Director Executivo da Greenpeace UK, 'A ação coletiva global é a chave para resolver as alterações climáticas', *Guardian*, 16 de Fevereiro de 2010, p. 33.

Existem três tendências principais, e às vezes as pessoas vagam de uma para outra. Primeiro, há aqueles que têm crenças semelhantes às do Greenpeace — ou seja, 'ação direta' como uma estratégia de conscientização/lobby. Segundo, há aqueles que usam o discurso em torno das mudanças climáticas para ajudar na mobilização em campanhas locais que, embora seja improvável que tenham qualquer efeito sobre as mudanças climáticas, pelo menos têm objetivos práticos e às vezes realizáveis em mente, ou seja, interromper a destruição de um ecossistema/a piora do bem-estar¹⁷ de uma comunidade ou simplesmente aumentar a autossuficiência.¹⁸ Terceiro, há aqueles anticapitalistas nostálgicos que imaginam a 'justiça climática' como uma metamorfose do imaginado "movimento alter-globalização"¹⁹ (observe que cada vez mais não é mais antiglobalização). Um escritor anônimo descreveu bem a última tendência:

[Quando os ativistas] tentam nos convencer de que é a 'última chance de salvar a Terra'... é porque eles estão tentando construir movimentos sociais... Há uma tendência crescente e perturbadora que tem perdurado em círculos radicais nos últimos anos, baseada na ideia de que a positividade cega pode levar a sucessos interessantes e inesperados. Os livros de Michael Hardt e Tony Negri forneceram algumas das bases teóricas para isso, e foi adotado por alguns que querem unir as massas sob a bandeira da precariedade, organizar migrantes e mobilizar para cúpulas. Para muitos vindos da tradição de esquerda, tem sido a mensagem de esperança que eles queriam ouvir, em um momento em que suas ideologias pareciam mais moribundas do que nunca.

...Teóricos que deveriam entender o capitalismo bem o suficiente para saber melhor, escrevem que uma renda básica global ou livre circulação para todos é uma meta alcançável. Eles podem não acreditar nisso, mas ostensivamente querem inspirar outros a acreditar nisso, alegando que os "momentos de excesso" gerados por tais sonhos utópicos darão origem a movimentos potentes por mudança. A mudança climática... é certamente um campo de testes adequado para a política de esperança fabricada, sendo tão alienada de nossas realidades cotidianas reais. Mas enquanto os novos políticos do movimento — facilitadores, não ditadores — observam seus movimentos crescerem, ainda há um caso para viver no mundo real.²⁰

Fora dos centros de convenções, as novas estrelas parecem cada vez mais com aquelas de dentro. Por dentro e por fora, a mensagem é que um futuro global é possível de ganhar se apenas nos organizarmos. No entanto, a realidade tanto dentro dos ecossistemas em geral quanto nos estômagos das pessoas em particular é que não há um futuro global singular²¹ e nenhuma comunidade imaginária, seja de estados ou 'multidões' (ou ambos à la Cochabamba)²² pode parar a mudança climática.

Dada a nossa óbvia incapacidade de refazer o mundo inteiro do jeito que gostaríamos que fosse, alguns substituem o mito da "revolução global" por uma crença no iminente "colapso global" — atualmente, geralmente, uma mistura de mudança climática e pico do petróleo. Como veremos mais tarde (nos próximos capítulos e em nossos próximos anos), o aquecimento global desafiará severamente a civilização em algumas áreas e provavelmente a derrotará em outras. No entanto, em algumas regiões, provavelmente abrirá possibilidades para a disseminação do domínio das civilizações. Algumas terras podem permanecer (relativamente) temperadas — climática e socialmente. Quanto à civilização, assim como para a anarquia e os anarquistas — severamente desafiadas, às vezes derrotadas; possibilidades de

¹⁷ Veja-se o tristemente despejado Mainhill Solidarity Camp ou a bem-sucedida campanha ligada ao Climate Camp contra a expansão do Aeroporto de Heathrow.

¹⁸ Alguns dos grupos aliados às Cidades em Transição seriam o exemplo mais óbvio, pelo menos nas Ilhas Britânicas.

¹⁹ Ver Tadzio Muller e Ben Trott, *Como institucionalizar um enzame?* (www.zeitschrift-luxemburg.de/?p=412).

²⁰ *Agora você está fodido*, Natterjack Press, (www.natterjackpress.co.uk/menu/downloads.php). O título refere-se a um folheto do Climate Camp cuja capa frontal continha simplesmente o texto "Você não está fodido".

²¹ A menos que, é claro, a mudança climática atinja uma das possibilidades verdadeiramente do Fim dos Tempos bem delineadas por Mark Lynas em sua descrição da destruição do fim do Permiano. Esta é uma possibilidade... Mark Lynas, *Six Degrees: Our Future on a Hotter Planet* (Londres: HarperCollins, 2007), p. 243.

²² A Conferência Mundial dos Povos de 2010 sobre Mudanças Climáticas e os Direitos da Mãe Terra foi convocada e organizada pelo Governo Boliviano. Para uma boa crítica anarquista, veja: Dariush Sokolov, 'Cochabamba: Beyond the Complex — Anarchist Pride', *Shift Magazine* No. 9, 2010. Uma abordagem muito mais pró — embora ainda um tanto questionadora — da conferência pode ser encontrada em: Building Bridges Collective, *Space for Movement? Reflections from Bolivia on climate justice, social movements and the state* (Bristol: autopublicado, 2010).

liberdade e selvageria se abrindo, possibilidades de liberdade e selvageria se fechando. A desigualdade do presente se tornará ainda maior. Não há futuro global.

2. É mais tarde do que pensávamos

As alterações climáticas observadas são mais rápidas do que o esperado

Um tema recorrente no ambientalismo é que o apocalipse é sempre iminente, mas adiado para sempre. Cada geração parece ter uma última chance de salvar o planeta. O biólogo Barry Commoner disse em 1970: “Estamos em um período de graça, temos tempo — talvez uma geração — para salvar o meio ambiente dos efeitos finais da violência que já fizemos a ele.”¹ Pronunciamentos semelhantes podem ser ouvidos hoje, mas o período de graça provavelmente acabou. Em 1990, os editores do *The Ecologist* estabeleceram uma avaliação geral do estado da Terra em *5000 Days to Save the Planet*:

Hoje nos dizem que nosso planeta está em crise, que estamos destruindo e poluindo nosso caminho para uma catástrofe global... Podemos ter apenas quinze anos, talvez um tempo tão curto quanto 5000 dias para salvar o planeta... Uma das principais preocupações decorrentes da teoria de Gaia é que estamos levando os processos naturais além de sua capacidade de manter uma atmosfera adequada para formas superiores de vida. Além de um certo ponto, o sistema pode mudar para um estado inteiramente novo que seria extremamente desconfortável para a vida como a conhecemos... uma vez acionada, a mudança para o novo estado pode ocorrer com extrema rapidez.²

Em 2005, a contagem regressiva prevista no título havia chegado a zero e o criador da teoria de Gaia, James Lovelock, estava escrevendo *The Revenge of Gaia*, onde ele afirmaria que achava que a Terra viva provavelmente estava se movendo irrevogavelmente para um estado quente. Lovelock chegou a essa conclusão principalmente como resultado de ver observações científicas de mudanças climáticas superando o que a maioria das previsões dizia que deveria estar acontecendo. Em um discurso para a Royal Society, ele declarou:

O feedback positivo sobre o aquecimento do derretimento do gelo flutuante do Ártico e da Antártida sozinho está causando uma aceleração do aquecimento conduzido pelo sistema cujo total em breve ou já será maior do que o de toda a poluição de CO₂ que adicionamos até agora. Isso sugere que implementar Kyoto ou algum super Kyoto tem muito pouca probabilidade de ter sucesso... temos que entender que o Sistema Terrestre está agora em feedback positivo e está se movendo inelutavelmente em direção ao estado quente estável de climas passados.³

A defesa pública de Lovelock da energia nuclear,⁴ a descrença em parques eólicos como uma panaceia e suas declarações claras de que uma mudança climática massiva é agora provavelmente inevitável o tornaram impopular entre muitos verdes. Ele está definitivamente “fora da mensagem”. É bastante inconveniente, então, que ele tenha um pedigree ambiental e científico tão bom. Como um polímata na

¹ Citado em, Christopher Manes, *Green Rage: Radical Environmentalism and the Unmaking of Civilisation* (Boston: Little Brown and Company, 1990), p. 25.

² Edward Goldsmith et al, *5000 Dias para Salvar o Planeta* (Londres: Hamlyn, 1990).

³ James Lovelock, *Mudanças Climáticas na Terra Viva*, Palestra na Royal Society, 29 de outubro de 2007.

⁴ Sua postura pró-nuclear é prática se você for pró-civilização como ele. Ele não diz que a energia nuclear é a solução para o aquecimento global, que ele vê como inevitável agora. Ele acha que a fissão nuclear e, eventualmente, a fusão nuclear são as únicas tecnologias capazes de “manter as luzes acesas” enquanto a civilização recua. Como alguém que quer que as luzes se apaguem, posso ver a lógica de seus argumentos, mas querendo o oposto não tenho necessidade de concordar com sua postura ou rejeitar seus argumentos mais amplos por causa disso.

casa dos noventa, ele trabalhou em muitos campos. Notavelmente, ele inventou o Detector de Captura de Elétrons que tornou possível a descoberta do Buraco de Ozônio e a escrita de *Primavera Silenciosa de Rachel Carson*⁵. Sua hipótese Gaia inicialmente herética, de uma Terra viva autogerenciada, é agora amplamente aceita sob o título Ciência do Sistema Terrestre. Ele há muito defende a expansão de terras selvagens e tem sido simpático às ações de defesa ecológica. Como um ávido caminhante, ele até realizou uma campanha de bombardeio pessoal em torno do direito de vagar na década de 1930! Seus detratores frequentemente admiram seu trabalho pioneiro, mas dizem (de uma maneira um tanto preconceituosa) que ele agora ficou um pouco maluco. O problema real, porém, é que ele fez uma carreira profissional sem se prender à ideologia ou ao salário de ninguém mais. Como tal, ele tem a capacidade de dizer o que muitos em instituições científicas e ambientais estão pensando, mas têm medo de dizer isso diretamente em público. Lovelock acha que uma série de fatores levaram a um subdiagnóstico consistente da extensão dos efeitos humanos na Terra. Esses fatores incluem:

-
Uma velocidade e complexidade de mudança que os cronogramas de pesquisa/publicação não conseguem acompanhar.

-
Uma falha em ver e compreender a Terra viva como um sistema dinâmico e autorregulado.

-
Falta de pensamento integrado devido à compartimentação acadêmica.

-
Pressões governamentais sobre a elaboração de relatórios de síntese do IPCC.⁶

-
O possível mascaramento considerável do aquecimento atual pelo escurecimento global.⁷

Está além do escopo deste texto dar um resumo geral do pensamento de Lovelock, sem falar da ciência mais ampla em torno do aquecimento global. Parte da natureza do problema é que, quando você ler isto, a ciência terá evoluído consideravelmente. Se você estiver interessado, dê uma olhada nas fontes que referenciei e leia mais você mesmo. No entanto, embora os detalhes possam variar, a direção inexorável de grande parte da ciência parece ser que provavelmente estamos caminhando para uma Terra consideravelmente mais quente, e rápido. Observações recentes nos colocam mais adiante na estrada do que muitos de nós pensávamos até mesmo alguns anos atrás. Décadas mais adiante na estrada. Combinado com a inércia em torno da redução das emissões de carbono, isso torna as chances de "parar" uma mudança climática massiva provavelmente bastante pequenas.

Enquanto as ONGs ainda balbuciam sobre parar um aquecimento de dois graus, cada vez mais cientistas do clima estão discutindo um aquecimento de quatro graus até o final do século ou mesmo já

⁵ Provavelmente o livro que lançou o movimento ambiental (em vez do movimento de conservação).

⁶ Aqui, é menos a ciência em si que está em questão, mas a sua apresentação no resumo dos decisores políticos, cuja edição e formulação sofrem algum nível de pressão governamental. Outros no campo também apelaram a uma maior independência dos governos: 'IPCC: apreciá-lo, alterá-lo ou eliminá-lo?', em *Nature*, 11 de Fevereiro de 2010.

⁷ A poluição industrial aumentou as partículas de aerossol na atmosfera que se pensa refletirem a luz solar de volta para o espaço e semeiam nuvens. Se alguém pudesse de alguma forma desligar a indústria global amanhã, esse efeito de escurecimento desapareceria e as temperaturas da superfície poderiam aumentar significativamente, quase imediatamente. Isso poderia colocar mecanismos de feedback em prática, com aumentos massivos de gases de efeito estufa sendo emitidos por sistemas não gerenciados por humanos. Lovelock diz que por essa razão ele pensa que estamos vivendo em um "clima de tolo" — condenados se vivermos e condenados se não vivermos. Aqui, delinee uma imagem muito simples (e, portanto, falha) de um processo muito complexo. Para uma melhor declaração da teoria, veja Meinrat Andreae et al. 'Forte resfriamento de aerossol atual implica um futuro quente', em *Nature*, 30 de junho de 2005. Para uma introdução mais acessível (embora simplista e parcialmente desatualizada) ao escurecimento global, assista ao documentário 'Global Dimming' de 2005 da BBC, (www.bbc.co.uk/sn/tvradio/programmes/horizon/dimming_trans.shtml). O efeito de mascaramento agora é amplamente aceito, mas sua extensão ainda é desconhecida. Por exemplo, em um estudo de 2008 do Met Office Hadley Centre, os modelos mostraram um aumento modesto ou severo no aquecimento após uma remoção repentina da neblina. De qualquer forma, "É muito provável que o resfriamento de aerossol atual esteja suprimindo uma grande parte do aquecimento atual do efeito estufa". — Peter Stott et al., 'Observed climate change constrains the likelihood of extreme future global warming', em *Tellus B*, 60: pp. 76–81, 2008. Entre os defensores da geoengenharia proposital, a ideia de aumentar o escurecimento global despejando sulfatos na estratosfera parece estar ganhando apoio, oh alegria. Vale ressaltar que, quando você ler isso, grande parte da ciência já terá sido substituída/avançada.

em 2060.⁸ Isso não é de forma alguma uma preocupação marginal. O relatório do IPCC de 2007 previu um aumento entre 2 e 6,4 °C neste século. Bob Watson, seu ex-presidente, alertou que o “mundo deve trabalhar em estratégias de mitigação e adaptação para ‘se preparar para 4 °C de aquecimento’”.⁹ Isso já é ruim o suficiente, mas Lovelock vai além e cita uma série de mecanismos de feedback que ele acha que já estão nos movendo para um estado ainda mais quente, dos quais o derretimento do gelo marinho mencionado acima é o mais conhecido. Como poderia ser esse novo estado quente? Alguns destaques:

-
Desertos quentes se espalham por grande parte do sul global e pelo sul e até mesmo parte da Europa central.

-
Desertos frios, predominantemente no norte global, estão se retraindo para deixar novas fronteiras na Sibéria, Escandinávia, Canadá, Groenlândia, Alasca e até mesmo, até certo ponto, na Antártida.

-
Tentativas em massa de migração de zonas áridas para áreas ainda habitáveis.

-
Morte em massa de humanos associada à aceleração da extinção de espécies.
Lovelock coloca isso de forma bastante direta:

Os humanos estão em uma posição bem difícil e não acho que sejam inteligentes o suficiente para lidar com o que está por vir. Acho que eles sobreviverão como espécie, mas o abate durante este século será enorme... O número restante no final do século provavelmente será de um bilhão ou menos.¹⁰

Claro, não sei se esta é uma imagem verdadeira das mudanças climáticas presentes e futuras. A verdadeira complexidade do Sistema Terrestre (e a dinâmica social humana dentro dele) provavelmente está além da nossa compreensão (definitivamente além da minha) e os modelos não devem ser confundidos com a realidade. Meu palpite informado (é tudo o que se tem no negócio de fazer tolices de descrever o futuro) é que a imagem pintada é provavelmente uma aproximação razoável. Você pode não pensar assim, mas eu pediria que você corresse comigo, pois é uma possibilidade que vale a pena considerar. Esse palpite é tanto informado por uma crítica anarquista do capitalismo quanto por uma leitura da ciência climática. Olhando ao meu redor, é um lindo dia brilhante e as folhas das árvores estão quase brilhando; mas pouco na sociedade em que vivo me indica que um problema da escala e complexidade das mudanças climáticas será corrigido. Dado isso, sinto que a grande questão colocada não é tanto se chegaremos a um mundo um pouco parecido com o descrito acima, mas *quando*.

Lovelock está propondo seriamente que tal mundo (ou para ser mais preciso, tais mundos) surgirá até o final deste século, e que as tendências de emergência começarão a se tornar óbvias em meados do século. Pode levar mais tempo, mas de qualquer forma pode ser vantajoso levar tais mudanças em consideração ao pensar sobre o que queremos alcançar em nossas vidas.

Aqui, para ser claro, não estamos falando de um apocalipse milenar, embora possa parecer assim para alguns presos em seus momentos mais horríveis ou emocionantes. Em vez disso, estamos falando de uma mudança massiva e acelerada. James Hansen (NASA), comenta:

Se quisermos preservar um planeta semelhante àquele em que a civilização se desenvolveu e ao qual a vida se adaptou, as evidências paleolíticas e as alterações climáticas em curso sugerem que o CO₂ terá de ser reduzido dos atuais 385 ppm para, no máximo, 350 ppm.¹¹

As chances são de que não será. O nicho ambiental em que a civilização (cultura urbana sustentada pela agricultura e dividida em classes) se desenvolveu está a caminho do fim. Com ele provavelmente irão muitos cidadãos da civilização. E há muitos, muitos cidadãos.

⁸ Actas da conferência de Setembro de 2009 — '4 Degrees and Beyond: Implications of a global change of 4 plus degrees for people, ecosystems and the earth-system', patrocinada conjuntamente pela Universidade de Oxford, o Tyndall Centre for Climate Change Research e o Met Office Hadley Centre, www.eci.ox.ac.uk/4degrees

⁹ Bob Watson, citado em 'How to Survive the Coming Century', *New Scientist*, 25 de fevereiro de 2009.

¹⁰ Citado em 'How to Survive the Coming Century', *New Scientist*, 25 de fevereiro de 2009.

¹¹ James Hansen, citado por Bill McKibben, em 'Civilizations Last Chance', *Los Angeles Times*, 11 de maio de 2008.

Hectares fantasmas alimentam excessos populacionais

Integral ao crescimento do capitalismo industrial tem sido um vasto aumento na população humana. Existem agora cerca de sete bilhões de nós, em comparação com cerca de 600 milhões no início do século XVIII. Esse salto aconteceu em 13 gerações¹² e em grande parte não foi um acidente. Silvia Federici expôs claramente que um fundamento fundamental do capitalismo inicial foi a destruição do controle das mulheres sobre sua própria fertilidade: “...os úteros se tornaram território público, controlados pelos homens e pelo estado, e a procriação foi colocada diretamente a serviço da acumulação capitalista” (veja o quadro abaixo). Embora tenha sido o capitalismo que primeiro impôs e depois permitiu essa expansão em massa mais recente, ao fazê-lo ele estava/está cantando um hino mais antigo da civilização¹³ — desta vez, porém, com amplificação mecânica.

Nasci em meados da década de 1970, quando a população humana era de quatro bilhões; quando eu morrer (espero que não antes de 2050), a ONU estima que a população humana da Terra será de mais de 9 bilhões.¹⁴ Essa estimativa, no entanto, pressupõe ‘negócios como sempre’. Se isso vai acontecer ou não dependerá de três fatores interdependentes: controle de natalidade, controle de morte e suprimento de alimentos.

Em todo o mundo, apesar dos contínuos éditos de patriarcas de culto como o Papa, muitos estão usando cada vez mais o controle de natalidade para limitar o tamanho da família. A contínua luta pelo poder para nos permitir fazer isso é uma batalha fundamental e em torno da qual muitos anarquistas — entre outros — se organizaram.¹⁵ No entanto, a disseminação do *controle de natalidade* — e a luta pela libertação das mulheres¹⁶ de forma mais geral — não impedirá a provável duplicação da população humana durante minha vida. Com a diminuição do tamanho da família já sendo uma norma global em grande parte do mundo, é a capacidade da medicina industrial e das medidas de higiene de promulgar o *controle da morte* que agora é fundamental. A população humana, pelo menos em projeções de negócios como de costume, continuará a aumentar até pelo menos 2050, desde que os vivos hoje vivam suas expectativas de vida e tenham o número esperado de filhos.

No entanto, não precisamos esperar até lá para ultrapassar a capacidade de carga humana do planeta (sua carga máxima permanentemente suportada), como provavelmente já fizemos. A civilização industrial conseguiu aumentar o *suprimento de alimentos* colonizando cada vez mais terras selvagens para a agricultura e desenvolvendo agrotecnologias e transportes de “revolução verde”¹⁷ dependentes de combustíveis fósseis. Essencialmente, a agricultura industrial depende da colheita de áreas fantasmas¹⁸ (a produção fotossintética fossilizada de ecossistemas há milhões de anos) para produzir alimentos na taxa atual. Isso pode ser apenas temporário, pois, a menos que se acredite no mito cornucópico de que os recursos são ilimitados, um dia a caça aos combustíveis fósseis não dará em nada. Quando isso acontecerá, ninguém sabe realmente, embora muitos argumentem que já passamos do “pico do petróleo”.

¹² Em contraste, estima-se que a população planetária pré-histórica de caçadores-coletores tenha permanecido abaixo dos 10 milhões durante quase todas as 60.000 gerações do *homo sapiens*. Gerald Marten, *Human Ecology* (Londres: Earthscan Publications, 2001), pp. 26–38.

¹³ “Sede fecundos e multiplicai-vos, enchei a terra e sujeitai-a; dominai sobre os peixes do mar, sobre as aves dos céus e sobre todo o vivente que se move sobre a terra.” — *Bíblia King James*, Gênesis 1:28

¹⁴ *Perspectivas da População Mundial: Revisão de 2008*, Divisão de População do Departamento de Assuntos Econômicos e Sociais do Secretariado das Nações Unidas. 10 de junho de 2009.

¹⁵ O trabalho dos anarquistas e feministas do ‘novo movimento social’ dos anos 60 em diante é relativamente bem conhecido, mas o envolvimento anarquista nas lutas pelo controle da natalidade remonta a muito mais tempo. Emma Goldman, entre muitas coisas uma enfermeira e parteira, foi uma de suas defensoras mais conhecidas e para muitos dos anônimos do movimento era uma parte significativa de sua organização diária. Esta é tanto uma questão de luta de classes quanto de libertação das mulheres. Como Emma Goldman proclamou, “Famílias grandes são uma pedra de moinho em volta do pescoço dos trabalhadores!” A citação a seguir se refere aos anarquistas franceses do início do século XX, mas poderia se aplicar a muitos em outros países: “O anarquismo pode ser considerado sua síntese máxima’, e o ‘neomalthusianismo’ (planejamento familiar), educação e antimilitarismo eram campos de atividade válidos e necessários para anarquistas que trabalhavam por uma revolução social total.” — David Berry, *Uma história do movimento anarquista francês: 1917–1945* (Oakland: AK Press, 2009), p. 26.

¹⁶ Ver George Bradford, ‘Woman’s Freedom’, em *Quão profunda é a ecologia profunda?* (Detroit: Fifth Estate, 1989).

¹⁷ Para uma introdução decente às questões em torno da revolução verde, ver Vandana Shiva, *Monocultures of the Mind: Perspectives on Biodiversity and Biotechnology*. (Londres: Zed Books 1998).

¹⁸ William R. Catton Jr., *Overshoot: A base ecológica da mudança revolucionária* (Illinois: University of Illinois Press, 1982), p. 38.

Alguns podem argumentar que as células de combustível de hidrogênio, a energia solar, a engenharia genética, a nanotecnologia e a gosma verde evitarão de alguma forma uma queda populacional. Esses apóstolos do progresso se assemelham cada vez mais a cultos de carga em sua crença de que a tecnologia comandada pelo mercado (se capitalista) ou pelo planejamento estatal (se socialista) fornecerá tudo o que é necessário. No caso improvável de que eles estejam certos, e o suprimento de alimentos acompanhe o crescimento populacional, a natureza altamente gerenciada da provisão garantirá que o "suprimento de liberdade" (tanto para humanos quanto para outros animais) seja cada vez mais escasso.

Então, a população humana em rápido crescimento precisa de combustíveis fósseis para se manter viva. A maioria de nós está comendo petróleo e as doenças são amplamente controladas com tecnologias de alta dependência energética. Aqui está mais uma razão pela qual duvido da capacidade dos ativistas, ou dos estados, para esse assunto, de convencer a sociedade a descarbonizar. Parece bom, mas para milhões, se não bilhões, significaria vidas mais curtas se a humanidade parasse de importar do passado.

Em um globo significativamente mais quente, uma grande mortandade humana pode estar nos planos, mesmo que não se concorde com as ideias em torno do pico do petróleo. À medida que grande parte do mundo se torna mais quente e mais pobre, os fazendeiros não poderão pagar as importações petroquímicas necessárias para a produção contínua, mesmo que os combustíveis fósseis não acabem. Além disso, embora a agricultura industrial tenha aumentado temporariamente a capacidade de suporte da terra, no processo muitas terras "produtivas" foram desnudadas e, sem a aplicação de fertilizantes, agora seriam incapazes de produzir tanto alimento organicamente quanto produziam originalmente. Mesmo os sulistas "sortudos" o suficiente para ainda ter acesso a insumos de combustíveis fósseis descobrirão que poções mágicas perdem seus poderes quando o solo seca, assa e é levado pelo vento. Com pouca nutrição ou remédios, as doenças colherão grande parte dos famintos.

Seria bom imaginar que aqueles países ainda capazes de produzir quantidades consideráveis de alimentos (em parte graças às melhores condições de cultivo — mais sobre isso depois) os presenteariam, mas eu não prenderia a respiração. Um bilhão de pessoas na Terra já estão com fome.¹⁹ Em vez da espetacular morte em massa de comunidades inteiras, isso causa principalmente aumento da mortalidade infantil e diminuição da expectativa de vida geral. No entanto, o capitalismo, desde o início, teve uma "forma" definida (pergunte aos irlandeses) ao permitir (e causar) que milhões passassem fome de forma mais dramática. Mike Davis nos lembra de um exemplo frequentemente esquecido quando escreve (em *Late Victorian Holocausts*) sobre os 30 a 60 milhões de pessoas na última parte do século XIX que morreram de fome, "não fora do 'sistema mundial moderno', mas no próprio processo de serem incorporadas à força em suas estruturas econômicas e políticas".²⁰ Fomes semelhantes cobraram seu preço ao longo do século seguinte, muitas delas arquitetadas por socialistas de estado, os estudantes mais atentos do Império Britânico.

Seria irremediavelmente utópico acreditar que a fome poderia ser exilada da condição humana, mas principalmente aqueles que morrem hoje de fome o fazem enquanto outros em suas sociedades continuam comendo. A fome é a linguagem da guerra de classes. O poder tem muitos níveis e, entre muitos dos mais pobres, a fome no futuro provavelmente será representada como violência de gênero, como é agora.²¹

Deixarei para outros discutirem sobre a contribuição relativa dos números populacionais ou padrões de consumo industrial (como se ambos não estivessem intrinsecamente ligados) ao aquecimento global. Hoje, o crescimento populacional global (e local) é uma barreira para qualquer "descarbonização" significativa. Amanhã, a atual incapacidade do capitalismo de superar seu vício em combustíveis fósseis provavelmente resultará em uma queda populacional massiva.

¹⁹ *A fome no mundo atinge um bilhão*, BBC (www.news.bbc.co.uk/1/hi/world/europe/8109698.stm), 19 de junho de 2009.

²⁰ Mike Davis, *Holocaustos vitorianos tardios: fomes de El Niño e a formação do Terceiro Mundo* (Londres: Verso, 2001), p. 9.

²¹ "Esta menina aqui, por exemplo, está num centro de alimentação na Etiópia. O centro inteiro estava cheio de meninas como ela. O que é notável é que os seus irmãos, da mesma família, estavam totalmente bem. Na Índia, no primeiro ano de vida, de zero a um, bebês do sexo masculino e feminino sobrevivem basicamente à mesma taxa porque dependem do peito, e o peito não mostra preferência por filhos. De um a cinco, as meninas morrem a uma taxa de mortalidade 50 por cento mais elevada do que os rapazes, em toda a Índia." — Sheryl WuDunn, *Our century's greatest injustice* (julho de 2010: www.ted.com).

As alterações climáticas trazem consigo possibilidades e também encerramentos

Aquecimento global, crescimento populacional, pico do petróleo e outros limites ambientais provavelmente não são *o* apocalipse que acabará com o reinado do capital e do estado em todos os lugares. *O colapso global* provavelmente não está mais próximo do que *a revolução global*. No entanto, significa que um capitalismo global totalizado, envolvendo todos os relacionamentos dentro dele, se torna ainda menos provável. O projeto ocidental de expansão cultural enfrenta seus limites. Como parte disso, os movimentos libertários que o capitalismo carregou em suas caudas também enfrentam os limites reais para o crescimento do anarquismo. No entanto, assim como o estabelecimento de um mundo *único* do anarquismo é impedido, as possibilidades de muitos mundos novos/antigos — algumas anarquias — se tornam generalizadas. Algumas dessas possibilidades serão abertas pelo conflito, algumas serão fechadas pelo conflito.

A própria natureza dos estados é controlar populações, mas muitos dos bilhões não passarão fome silenciosamente. Ontem, os holocaustos vitorianos tardios desencadearam revoltas milenares entre aqueles que estavam sendo varridos pelas águas da inundação do "sistema mundial". Amanhã, quando a maré recuar e as populações excedentes forem deixadas na areia (do deserto), parece que estamos prontos para mais um século, se não mais brutal, de guerras e insurreições.

3. Tempestades no Deserto

Os militares olham para o futuro

Enquanto políticos de ambos os estados e movimentos sociais repetem chavões, sorriem para seus eleitores e se enfrentam, alguns realistas estão olhando para um futuro com mudanças climáticas menos como algo que pode ser evitado e mais como algo que precisará ser policiado. Em *Segurança Nacional e a Ameaça das Mudanças Climáticas*, os principais pensadores e atores do exército dos EUA investigaram uma ampla gama de cenários. Sua primeira descoberta foi que "as mudanças climáticas projetadas representam uma séria ameaça à segurança nacional dos Estados Unidos". Como?

Em estados já enfraquecidos, eventos climáticos extremos, secas, inundações, elevação do nível do mar, recuo de geleiras e a rápida disseminação de doenças fatais terão efeitos prováveis: aumento de migrações, estados ainda mais enfraquecidos e fracassados, expansão de espaços não governados, agravamento das condições subjacentes que os terroristas buscam explorar e aumento de conflitos internos. Em países desenvolvidos, essas condições ameaçam interromper o comércio econômico e introduzir novos desafios de segurança, como aumento da disseminação de doenças infecciosas e aumento da imigração.¹

Além de verem as mudanças climáticas como "um novo fator hostil e estressante" que produzirá novas ameaças em geral, eles também as viam como um agravamento de ameaças específicas já existentes.

A mudança climática atua como um multiplicador de ameaças para a instabilidade em algumas das regiões mais voláteis do mundo. Muitos governos na Ásia, África e Oriente Médio já estão no limite em termos de sua capacidade de fornecer necessidades básicas: comida, água, abrigo e estabilidade. A mudança climática projetada agravará os problemas nessas regiões e aumentará os problemas de governança eficaz. Ao contrário da maioria das ameaças de segurança convencionais que envolvem uma única entidade agindo de maneiras específicas em diferentes pontos no tempo, a mudança climática tem o potencial de resultar em múltiplas condições crônicas, ocorrendo globalmente dentro do mesmo período de tempo. As condições econômicas e ambientais serão ainda mais erodidas à medida que a produção de alimentos diminui, as doenças aumentam, a água limpa se torna cada vez mais escassa e as populações migram em busca de recursos. Governos enfraquecidos e falidos, com uma margem de sobrevivência já estreita, promovem as condições para conflito interno, extremismo e movimento em direção ao aumento do autoritarismo e ideologias radicais...

Como as alterações climáticas também têm o potencial de criar catástrofes naturais e humanitárias numa escala muito superior à que vemos hoje, as suas consequências irão provavelmente fomentar a instabilidade política, onde as exigências sociais excedem a capacidade dos governos para as enfrentar.²

Pesadelos e fantasias semelhantes são discutidos por especialistas militares em outros lugares.³ Deve-se lembrar que os exércitos planejam o que pode acontecer, não o que definitivamente acontecerá. Além

¹ CNA Corporation. *Segurança Nacional e a Ameaça das Alterações Climáticas* (Alexandria: CNA Corporation, 2007), Constatação 1.

² *Ibid.*, Conclusão 2.

³ Por exemplo: "Com os efeitos das alterações climáticas a agravarem as pressões existentes, as operações futuras serão mais frequentes e mais intensas do que as que estão actualmente em curso em Timor-Leste e nas Ilhas Salomão." [O marechal-chefe do ar Angus] Houston disse que a subida do nível do mar causada pelas alterações climáticas iria piorar os problemas sociais nas ilhas, muitas das quais são pobres e subdesenvolvidas, com o potencial para um crescimento económico sustentado baixo em todos os

disso, há interesse próprio institucional em pensar que o mundo está se tornando mais perigoso se seu trabalho é fornecer ordem forçada. No entanto, vale a pena levar a sério suas previsões de conflito, principalmente porque quando recomendações políticas como as deles são promulgadas, sombras de seus sonhos podem se tornar realidade. Assim como "os generais estão sempre lutando a última guerra", também sua visão das futuras é moldada pelo conflito atual. Não deveria ser nenhuma surpresa, então, que grande parte do discurso militar em torno das mudanças climáticas seja centrado em guerras quentes, estados fracassados e a violência política que pode emanar deles. Potenciais guerras frias, dentro do norte global e do extremo sul, recebem menos destaque. Seguirei essa convenção por enquanto, embora retorne a essas possibilidades mais tarde.

Guerras quentes e estados falidos

Olhando para os conflitos de hoje, já existe um óbvio Cinturão de Tensão Equatorial que deve se expandir significativamente. Sua existência se deve a uma série de variáveis, entre as quais o impacto ambiental acumulado de civilizações em colapso, os legados do colonialismo ocidental direto, altos níveis populacionais, a presença de "recursos" úteis ao capitalismo e habitats que estão à margem da viabilidade agrícola.⁴ Dado o que os generais dos EUA descrevem acima, alguns governos nessas regiões cairão, enquanto outros, em graus variados, "falharão". Alguns estados se retrairão para suas capitais (talvez mudando), deixando o resto de seus supostos territórios em um mosaico de guerra e paz, outros serão engolfados em guerra civil, revolução e conflito interestatal. Sem dúvida, haverá muito horror, mas também muito potencial para construir vidas livres.

Não é de surpreender que haja divisão entre os pensadores militares sobre o que as grandes potências de hoje serão capazes de fazer. Alguns argumentam que elas: "... podem ser atraídas com mais frequência para essas situações, sozinhas ou com aliados, para ajudar a fornecer estabilidade antes que as condições piorem e sejam exploradas por extremistas." E que elas "... também podem ser chamadas para empreender esforços de estabilidade e reconstrução uma vez que um conflito tenha começado, para evitar mais desastres e reconstituir um ambiente estável."⁵ Outros preveem um papel de policiamento planetário significativamente reduzido em um fim efetivo para a Nova Ordem Mundial declarada pelos EUA que, "sem os meios para ajudar as autoridades locais a restaurar a ordem, 'provavelmente recorrerá a uma combinação de políticas que se somam à quarentena.'"⁶

Os anarquistas do movimento social nessas regiões podem querer pensar seriamente sobre quais preparativos práticos podem ser sabiamente feitos para o autogoverno, guerra civil, sobrevivência e o surgimento e fortalecimento infelizmente inevitáveis de forças autoritárias e conflitos interétnicos. "Devemos ter a capacidade de nos defender, sobreviver e explorar crises na sociedade, incluindo tentativas capitalistas de nos destruir. A natureza dividida e industrial da sociedade de hoje já determinou a instabilidade de amanhã."⁷

Nas profundezas das crises com demandas sociais "excedendo a capacidade do governo de lidar", os dias de glória do anarquismo podem estar de volta. "Se a mudança climática resultar em redução de chuvas e acesso ao capital natural que sustenta os meios de subsistência, a pobreza se tornará mais generalizada, levando a maiores queixas e melhores oportunidades de recrutamento para movimentos rebeldes."⁸ Quem sabe podemos até ver cenas tão dramáticas quanto os trens blindados anarquistas

países, excepto em alguns. Isto significava que as nações insulares teriam dificuldades em adaptar-se às alterações climáticas, disse ele, enquanto que a alteração dos padrões de precipitação, o clima extremo e a subida do nível do mar ameaçariam a agricultura e a pesca das quais dependiam. 'A partir daí, é um pequeno passo para a instabilidade política e a desordem social', disse Houston." — 'Australia military head warns of Pacific climate unstable', *France 24*, 3.11.2010 (www.france24.com).

⁴ James R. Lee, *Mudanças climáticas e conflitos armados: guerras quentes e frias* (Londres: Routledge, 2009), p. 7.

⁵ *Segurança Nacional e a Ameaça das Alterações Climáticas* (Alexandria: CNA Corporation, 2007), p. 6.

⁶ Kurt M Campbell et al, *The Age of Consequences: The Foreign Policy and National Security Implications of Global Climate Change* (Centro de Estudos Estratégicos e Internacionais, 2007), citado em, Gwynne Dyer, *Climate Wars* (Toronto: Random House, 2009), p. 19.

⁷ *Abaixo o Império, acima a Primavera!* (Te Whanganui a Tara/Wellington: Rebel Press, 2006), p. 118.

⁸ R Nordas e NP Gleditsch, 'Mudanças climáticas e conflito', *Geografia Política* (26) 627–638 (2007), citado em, James R. Lee, *Mudanças climáticas e conflito armado: guerras quentes e frias* (Londres: Routledge, 2009), p. 15.

de Maria Nikiforova.⁹ Das estepes da Ucrânia às serras do México e às ruas de Barcelona, um grande número daqueles que se identificaram como anarquistas o fizeram envolvidos em guerras abertas.

Infelizmente, na maioria dos lugares, os movimentos rebeldes são mais propensos a serem estatistas do que anarquistas. Isso se deve em parte ao grande número de gangues políticas autoritárias estabelecidas em comparação às libertárias, mas também porque em situações extremas as pessoas recorrem a *soluções extremistas*. Em alguns lugares, isso pode ser auto-organização, descentralização e ajuda mútua, mas em muitos não haverá solução social possível, apenas as falsas promessas de déspotas e profetas. Isso não quer dizer que não poderíamos competir com eles espalhando esperanças milenares rivais de um novo amanhecer, mas se formos honestos conosco mesmos, tendo jogado a religião de lado, seria uma farsa de nossa ética retomá-la na causa do recrutamento de gangues e da alegria dos problemas.

Onde forças sociais libertárias visíveis e dramáticas surgem, é provável que muitos de outras partes do mundo viajem para se juntar a elas. À medida que as nuvens escurecem, alguns de nossa família correrão em direção a surtos de resistência armada — onde quer que estejam. Isso vem de um profundo amor sentido e sentimentos de solidariedade, mas também porque, sejamos honestos, para muitos o conflito é atraente e os antimilitaristas raramente têm a oportunidade de uma guerra aberta. O desejo nihilista — amplificado em um mundo cada vez mais complexo — de simplesmente sair e "foder tudo" é, se não um desejo criativo, definitivamente um forte. Isso não quer dizer que todo mundo tem, mas muitos têm. Aqui há uma simetria desconfortável entre nossos motivadores emocionais e os dos lutadores em geral.

No território externo de estados fracassados e decadentes, os conflitos interétnicos se tornarão cada vez mais comuns, pelo menos até que as populações sejam reduzidas a um nível mais adequado a um mundo muito mais quente.

Os estados falidos têm níveis de conflito tão altos e persistentes que mesmo as mudanças de base previstas pelo IPCC provavelmente piorarão as condições de subsistência. As tendências sugerem mais um colapso social ou tribal do que guerras entre nações. As tendências climáticas ignorarão as fronteiras, e os estados falidos propensos ao conflito se espalharão como uma doença.¹⁰

Soldados da paz no cemitério dos vivos

Tais forças de conflito interétnico serão muito mais disseminadas do que grupos organizados em torno de ideologias políticas originárias da Europa — libertárias ou autoritárias. Afinal, elas são capazes de fornecer soluções reais (mesmo que temporariamente) para as necessidades imediatas das pessoas em áreas onde os fundamentos para a sobrevivência são superados em número por bocas sedentas. Isso é feito, é claro, arrancando recursos dos "outros". Além disso, conflitos interétnicos podem irromper quando a "causa é desesperadora", mas o condutor emocional é forte.

A crença consoladora de que indivíduos se juntam voluntariamente a conflitos movidos apenas por considerações estratégicas racionais, narrativas familiares ou fardos históricos se dissolve quando trazida à luz dos desejos expressos por muitos lutadores. Para um exemplo europeu dramático, basta ler o estudo de Mattijs van de Ports sobre uma comunidade varrida pela guerra civil. Em *Gypsies, Wars and other instances of the Wild*, ele apresenta vozes de pessoas que "em clima festivo, assumiram o papel de bárbaros".

Como *isso* é possível na Europa no final do século XX?' era a questão que tocava obsessivamente em minha mente... O que a guerra na antiga Iugoslávia nos forçou a digerir é o fato

⁹ Maria Nikiforova "foi a única mulher comandante de uma grande força revolucionária na Ucrânia — uma atamansha. A Druzhina de Combate Livre estava equipada com dois grandes canhões e um vagão blindado. Os vagões estavam carregados com carros blindados, tachankas e cavalos, bem como tropas, o que significava que o destacamento não estava de forma alguma restrito às linhas ferroviárias. Os trens estavam enfeitados com faixas dizendo 'A Libertação dos Trabalhadores é um Assunto dos Próprios Trabalhadores', 'Viva a Anarquia', 'O Poder Gera Parasitas' e 'A Anarquia é a Mãe da Ordem'... Com suas bandeiras pretas e canhões, os escalões de Murusya pareciam navios piratas navegando pelas Estepes Ucrânicas." — Malcolm Archibold, *Atamansha: The Story of Maria Nikiforova, the Anarchist Joan of Arc* (Edmonton: Black Cat Press, 2007), pp. 21–22.

¹⁰ James R. Lee, *Mudanças climáticas e conflitos armados: guerras quentes e frias* (Londres: Routledge, 2009), p. 93.

de que as pessoas se mostraram dispostas a fazer uma escolha consciente e ativa para abraçar a regressão, a barbárie, um retorno à natureza selvagem. Veja os combatentes sérvios que sonham com um retorno à Sérvia dos poemas épicos 'onde não havia eletricidade, nem computadores, quando os sérvios eram felizes e não tinham cidades, os criadouros de todo o mal.'¹¹

Que algumas milícias modernas refletem desejos românticos enquanto bombardeiam cidades, massacram vilas e são mortas em troca, não deveria nos surpreender nem necessariamente invalidar completamente o romance. No entanto, sugere — junto com as expressões honestas de alegria na destruição expressas por alguns soldados em todas as guerras, bem como por muitos anarquistas — que há uma espécie de acoplamento entre um desejo generalizado de destruir e uma repulsa pela complexa sociedade humana.

Randolph Bourne estava certo quando disse que “a guerra é a saúde do estado”¹², mas esse outro motor também está em ação, especialmente onde os “lados” não são mais estados. A descrição do antropólogo anarquista francês Pierre Clastres da guerra entre tribos amazônicas não é diretamente transferível para conflitos interétnicos envolvendo povos não anarquistas, mas, ainda assim, um eco ressoa:

Qual é a função da guerra primitiva? Assegurar a permanência da dispersão, do parcelamento, da atomização dos grupos. A guerra primitiva é obra de uma lógica centrífuga, de uma lógica de separação que se expressa de tempos em tempos em conflitos armados. A guerra serve para manter cada comunidade em sua independência política... Ora, qual é o poder jurídico que abraça todas as diferenças para suprimi-las, que só se sustenta para abolir a lógica do múltiplo para substituí-la pela lógica oposta da unificação? Qual é o outro nome do Um que recusa em essência a sociedade primitiva? É o Estado.¹³

Não é tudo arrogância e duplicidade quando os assessores militares descrevem invasões estatistas como “manutenção da paz”. Diversidade étnica e autonomia frequentemente emergem tanto da ajuda mútua na comunidade quanto da animosidade entre comunidades. Gosto de pensar (e nossa história respalda isso) que anarquistas autoidentificados nunca infligirão tanta dor quanto as milícias nacionalistas sérvias (um exemplo que escolhi propositalmente por sua repugnância), mas devemos admitir que nosso desejo de “foder com tudo” é parcialmente motivado pelo mesmo desejo de desmembramento civilizacional que pode ser encontrado em muitos conflitos interétnicos e nas mentes dos combatentes em geral. À medida que o poder central é enfraquecido em algumas áreas, as possibilidades de anarquia em seus significados felizes e horríveis se abrem.

Das revoltas (alimentares) à insurreição

As guerras climáticas que estão por vir podem acabar com muitos anarquistas, mas é improvável que acabem com o anarquismo, que como movimento político sobreviveu a abates significativos de seus adeptos em apocalipses locais passados.¹⁴ Apesar de todos os horrores dos últimos 200 anos, o anarquismo é, como o *New York Times* colocou, “o credo que não permanecerá morto”.¹⁵ Isso é animador, mas não somos máquinas ideológicas. Importa que os próprios anarquistas — ou seja, você, eu, nossas famílias e amigos que ainda não conhecemos — continuem vivendo — não apenas ‘o ideal’. Importa para mim! Dadas ou não as particularidades do local, podemos ter vinte anos (provavelmente mais) para nos preparar para essas rupturas, não como uma alternativa a outras tarefas em mãos, mas como parte

¹¹ Mattijs Van de Port, *Ciganos, guerras e outros casos selvagens: a civilização e os seus descontentamentos numa cidade sérvia* (Amsterdão: Amsterdam University Press, 1998), pp. 15–17.

¹² Randolph Bourne, 'A guerra é a saúde do Estado'. Bureau of Public Secrets (www.bopsecrets.org).

¹³ Pierre Clastres, *Arqueologia da violência* (Nova Iorque: Semiotext(e), 1994), pp. 164–165.

¹⁴ Ou eliminados durante períodos de tumulto (contra) revolucionário ou escolhidos como presa escolhida por autoritários durante relativa paz social — os anarquistas têm uma tendência a levar uma pancada na nuca. Nossas fileiras foram ainda mais reduzidas pelos muitos que se sentiram forçados a escapar da civilização por meio do suicídio e das drogas.

¹⁵ Joseph Khan, 'Anarquismo, o credo que não permanecerá morto', *New York Times*, 5 de agosto de 2000.

integrante de uma estratégia multifacetada de longo prazo. Para alguns, também será uma questão de vida ou morte.

Embora as futuras guerras climáticas sejam uma extensão das condições atuais, elas provavelmente serão muito maiores e mais extremas. Em alguns lugares, os povos, anarquistas entre eles, poderiam transformar as guerras climáticas em insurreições libertárias bem-sucedidas. Em outros, a batalha pode ser simplesmente pela sobrevivência ou mesmo pela morte com dignidade e significado. Aqueles em ambientes sociais relativamente estáveis — política e climaticamente — provavelmente serão confrontados por um estado de vigilância cada vez mais opressivo e uma "massa" que teme cada vez mais "a barbárie além dos muros".

O que realmente precisa ser feito de prático dependerá em grande parte de onde e quem você é. Embora possamos ter algumas aspirações compartilhadas, as mudanças climáticas reforçam a verdade básica de que não temos um futuro global compartilhado. Embora em todos os lugares o inimigo seja o afastamento e a domesticação,¹⁶ as situações em Basingstoke e Bangladesh são diferentes no presente e serão no futuro.

Durante sua palestra na Royal Society, Lovelock declarou:

Enfrentamos agora a dura escolha entre o regresso a uma vida natural como um pequeno grupo de caçadores-coletores ou uma civilização de alta tecnologia muito reduzida...¹⁷

Em vez de uma escolha, é provável que haja ambos os tipos de sobreviventes (como há agora) — cidadão industrial de alta tecnologia e anarquista caçador-coletor de baixa tecnologia. Entre esses dois extremos estarão, enterrados ou famintos, os "muito reduzidos" (muitos por guerras climáticas) junto com aqueles que estão ganhando uma vida possivelmente mais livre (ou não) nas margens da viabilidade agrícola/pastoral. Vejamos então quais possibilidades podem haver para liberdade e selvageria em alguns desses modos de vida divergentes.

¹⁶ A 'natureza' fundamental de todas as civilizações é um afastamento ilusório da natureza selvagem, aprofundando-se à medida que nos afastamos uns dos outros, da terra, do produto do nosso trabalho e até mesmo dos nossos próprios desejos. Os animais selvagens (incluindo os humanos) são domados — domesticados — ao serem cercados, separados dos seus ambientes naturais e membros livres da sua própria espécie. O domínio é queimado nos cérebros através da violência e do racionamento de recursos. A natureza selvagem é domada, tanto no exterior como no interior. O nascimento da "domesticação envolveu o início da produção, divisões de trabalho vastamente aumentadas e as fundações completas da estratificação social. Isto equivaleu a uma mutação de época tanto no carácter da existência humana como no seu desenvolvimento, obscurecendo este último com cada vez mais violência e trabalho." — John Zerzan, *Elements of Refusal* (CAL Press: Columbia, 2006), p. 77. Embora seja importante tentar entender suas origens, seria um erro ver o estranhamento e a domesticação como eventos passados, em vez disso, eles são um processo que pode ser, e é, resistido. Para começar, veja também: Ian Hodder, *The Domestication of Europe* (Basil Blackwells: Oxford, 1990), Leopold Roc, *Industrial Domestication: Industry as the Origins of Modern Domination*. Biblioteca anarquista (www.theanarchistlibrary.org), Derrick Jensen et al., *Strangely Like war: The Global Assault on Forests* (Green Books: Dartington, 2003), Jacques Camatte, *Against Domestication* (Leeds: Re-Pressed Distro, 2006), *Beasts of Burden: Capitalism, Animals, Communism* (Antagonism Press: Londres, 1999).

¹⁷ James Lovelock, *Alterações climáticas na Terra viva*, (The Royal Society: Londres, 29 de Outubro de 2007).

4. Caminhos africanos para a anarquia

Elementos anárquicos na vida cotidiana (camponesa)

Para examinar as possibilidades futuras de liberdade na vida camponesa, vamos, como exemplo, olhar para o continente mais frequentemente descartado. Hoje em dia, “a África tem um problema de imagem”¹ : guerra, fome, doença e apelos à caridade. Com o passar do tempo, essa visão distorcida de um continente diverso será ainda mais exagerada pelo agravamento das mudanças climáticas e pelas intervenções do capitalismo de desastre.² Nas seções anteriores, vimos que as mudanças climáticas causarão e agravarão as guerras civis em grande parte por meio do aumento da escassez de alimentos, água e solo cultivável. Muitos imaginam esses conflitos futuros como uma generalização da imagem que têm da África atual. Ao fazer isso, eles estão, em grande parte, enganados.

A maioria das guerras da África hoje são alimentadas mais pela presença de recursos e menos pela sua escassez.³ Retrações no comércio global devem negar oxigênio a alguns desses incêndios. Por exemplo, à medida que o petróleo acaba, áreas como o Delta do Níger, sitiadas por interesses petrolíferos estatais/corporativos, provavelmente se tornarão novamente remansos em vez de campos de batalha. Eu assumo como certo que não veremos uma conversão em toda a África para o anarquismo de origem ocidental, então o que as sociedades evoluem será, em grande parte, definido pelo que elas são agora. E aqui estão algumas boas não notícias da África — em muitos lugares e em muitos níveis suas culturas têm características anárquicas significativas, com uma minoria sendo anarquias funcionais. Vou passar a palavra por um momento para Sam Mbah, um anarcossindicalista nigeriano:

Em maior ou menor grau... [muitas] sociedades tradicionais africanas manifestaram uma eloquência anárquica que, após um exame mais detalhado, leva à credibilidade do truísmo histórico de que os governos nem sempre existiram. Eles são apenas fenômenos recentes e, portanto, não são inevitáveis na sociedade humana. Embora algumas características anárquicas na sociedade tradicional africana tenham existido em grande parte em estágios passados de

desenvolvimento, alguns deles persistem e permanecem pronunciados até hoje. O que isso significa é que os ideais subjacentes ao Anarquismo podem não ser tão novos no contexto africano. O que é novo é o conceito de Anarquismo como uma ideologia de movimento social. A Anarquia como abstração pode de fato ser [amplamente] desconhecida para os africanos, mas não é de forma alguma desconhecida como um modo de vida...

Manifestações de elementos anárquicos em comunidades africanas... foram e até certo ponto ainda são generalizadas. Isso inclui a ausência parcial ou completa de estruturas hierárquicas, aparelhos estatais e a mercantilização do trabalho. Para colocar isso em termos positivos, [algumas sociedades] eram (e são) em grande parte autogeridas, igualitárias e republicanas por natureza.⁴

¹ Discurso do desonroso Ministro do Comércio Exterior (Nigéria), Sr. G Yhema, Crown Plaza Hotel, Haia, 27 de abril de 2000.

² Ver: Naomi Klein, *The Shock Doctrine: The Rise of Disaster Capitalism* (Londres: Penguin, 2008).

³ Contrariamente à ideia de que uma diminuição de recursos é susceptível de resultar num aumento de conflitos, muitos inquéritos demonstraram que o aumento de recursos resulta num aumento de conflitos. Os conflitos podem ser causados por uma combinação de ganância e queixa e, frequentemente, a ganância é o motor, enquanto a queixa é a justificação. “Isto sugere que a maldição dos recursos, ao expor aqueles que estão no poder às tentações da grande riqueza, é o mais poderoso impulsionador da violência e do conflito.” — Camilla Toulmin, *Climate Change in Africa* (Londres: International African Institute e Zed Books, 1999), p. 118.

⁴ Sam Mbah e IG Igariewy, *Anarquismo Africano: A História de um Movimento* (Tucson: Ver Sharp Press, 1997), pp. 27–33.

A extensão em que a África é vista como um "caso perdido" na "opinião mundial" se deve, em parte, à extensão em que suas sociedades são anárquicas e não estão totalmente incluídas nas relações capitalistas.

Por que as relações sociais anárquicas sobreviveram na África a tal ponto? Jim Feast, escrevendo para a revista anarquista americana *Fifth Estate*, tem algumas respostas:

Na África subsaariana, além da minoria de países com uma grande população de colonos brancos e recursos valiosos (como diamantes ou cobre), houve pouca penetração de formas agrícolas capitalistas ou de governo no interior. Na era colonial... as potências imperiais tinham apenas objetivos limitados. Não havia desejo de investir recursos para garantir que o estado pudesse projetar sua autoridade em todos os cantos das novas colônias... E, após a independência, os estados colonizadores foram exceção... Os africanos permaneceram apenas marginalmente afetados pelo mercado. Eles negociavam cada vez mais no mercado, mas sua base ainda era uma propriedade rural e uma fazenda familiar onde prevalecia um ethos de subsistência... Os pontos salientes são estes. Não importa quão amplo seja o impacto do capitalismo mundial, grande parte da África subsaariana não foi efetivamente moldada pelo poder do estado ou do mercado. Além disso, enquanto em... [muitas partes do planeta]... há uma luta para desenvolver uma economia alternativa, nas partes da África em discussão, uma economia de subsistência robusta, despreocupada com o lucro e a expansão do capital, continua a existir.⁵

Povos sem governos

Embora elementos anárquicos sejam generalizados na África, também existem sociedades anarquistas inteiras.⁶ Algumas delas existem cercadas por populações mais incorporadas, enquanto outras estão verdadeiramente distantes do poder externo — por sorte ou evitação ativa. Ambientes que não são propícios ao império são um fator significativo por trás da sobrevivência de algumas dessas culturas e sua capacidade de defender sua autonomia.

Vários permaneceram anárquicos dentro de si mesmos enquanto superficialmente aceitavam o poder externo. Isso não deve ser necessariamente visto como assimilação. Os governos não gostam de deixar a oposição direta impune para não encorajar outros. No entanto, eles nem sempre têm a capacidade de internalizar completamente sociedades pré-existentes ou isoladas, especialmente as astutas. Para a comunidade, o "poder do estado e a cultura política estrangeira... são tão diferentes e tão poderosos que... a resistência direta logo se mostra inacessível; a acomodação passiva também é impossível. A possibilidade mais aceitável é algum tipo de colaboração que permita que as coisas continuem quase como antes, com a ideia de que 'estávamos aqui antes deles e estaremos aqui depois deles'"⁷ Em algumas situações, isso é tão simples quanto contratos tácitos aproximados de 'Nós fingiremos que você está nos governando, você finge acreditar'. Em outras situações, 'enganar o estado' pode envolver um conjunto complexo de táticas, incluindo o fornecimento de funções-chave, a retraditionalização, o movimento regular e a manipulação do equilíbrio de poderes externos concorrentes.

Alguns podem objetar que essas anarquias não são aquelas que 'nós' projetaríamos se 'nós' nos sentássemos e planejássemos a sociedade 'ideal' para elas⁸ — mas elas são anarquias mesmo assim. Embora muito mais igualitárias do que as sociedades vizinhas, elas geralmente têm algum nível de relações de poder estratificadas por sexo e idade, uma divisão de trabalho e às vezes dependem da

⁵ O seguinte também vale a pena notar: "Tais ligações limitadas eram do interesse dos... [patrões], que propositadamente criaram uma classe semi-trabalhadora. Thomson afirma: 'Os proprietários de minas e os administradores de fazendas contam com o fato de que os camponeses [que vêm trabalhar temporariamente] também estão produzindo para si mesmos em suas pequenas propriedades (cultivadas em sua ausência por suas famílias). Como os trabalhadores têm essa fonte adicional de subsistência, os salários podem ser mantidos baixos.' — Jim Feast, 'The African Road to Anarchism?', em, *Fifth Estate* Vol. 43 No. 2 2008.

⁶ Para uma boa visão geral de algumas anarquias vividas, em vez de imaginadas, tanto em África como noutros lugares, ver: Harold Barclay, *People Without Government: An Anthropology of Anarchy* (Londres: Kahn SrAverill, 1990).

⁷ P Skalnik, *Outwitting the State*, (Nova Brunswick: Transaction Publishers, 1989), p. 13.

⁸ Um exercício pessoalmente abominável e definitivamente autoritário que alguns anarquistas ainda parecem gostar...

escravidão animal. Não vejo nenhuma dessas coisas como boas, mas deve-se lembrar que, em diferentes graus, esses são aspectos de todas as sociedades civilizadas. Pelo menos essas culturas não têm guerra de classes ou estado! Nesse sentido, elas são anarquias, mesmo que não estejam em conformidade com todas as aspirações dos 'nossos' anarquismos de origem ocidental. Elas não devem ser idealizadas (não mais do que Chiapas atual ou Barcelona de 1936) e você não precisa 'apoiá-las'. Mas essas são anarquias existentes, a criação social ativa de milhões de pessoas ao longo do tempo resistindo à concentração de poder. Qualquer visão geral das possibilidades de liberdade seria tola se as ignorasse. Aqueles de nós que se estão a libertar da autoridade podem encontrar insights, inspiração e advertências nos seus exemplos.⁹

Os bens comuns ressurgem à medida que o comércio global se retrai

Para aqueles na África, o fato de que anarquias existem e algumas tendências anárquicas permanecem disseminadas além delas deixa rotas de fuga e sobrevivência abertas que podem ser utilizadas conforme autoridades entram em colapso, se retraem ou são destruídas. Deve-se notar que muitas sociedades baseadas em bens comuns dentro da África são posições de reserva às quais se voltaram depois que reinos complexos entraram em colapso ou foram desmantelados por impérios invasores (ocidentais e africanos). Enquanto as elites coloniais frequentemente policiavam por meio de autoridades tradicionais locais, elas também entravam em conflito com elas. As classes dominantes agem em seu próprio interesse, não no de um sistema abstrato de poder hierárquico. O ataque à autoridade local por elites externas abriu possibilidades para a anarquia no passado e esse padrão continua. Jim Feast mais uma vez:

Aqui está uma ironia da história. Nos últimos 15 anos, em [algumas partes do] mundo industrialmente subdesenvolvido, o estado definiu, não por causa de sua supercessão, mas devido à extensão do capitalismo global. Falar sobre o colapso do estado na periferia do capital não significa que os governos desapareceram completamente, mas que muitos estados diminuíram de serem as agências totalizadas de controle que vivenciamos nos países do nível Norte...

Desde a independência, a maioria dos países da África Subsaariana têm sido estados de partido único, liderados por homens fortes e corruptos que governam combinando coerção militar com a distribuição de favores a seguidores bem posicionados... O homem forte inteligente vê que não apenas seus comparsas imediatos (que compõem o estado), mas também líderes regionais e tribais de todos os tipos significativos devem ser cultivados por meio do financiamento de projetos de infraestrutura (que oferecem excelentes oportunidades para corrupção) em seus redutos... Mas com as políticas de ajuste estrutural impostas a essas nações, essa forma de governo [frequentemente] deixou de existir porque os fundos para sustentar as redes de clientelismo não estão mais lá... Em um movimento para reforçar o governo da elite, houve uma transformação generalizada em democracias multipartidárias. De 1988 a 1999, o número de estados na África Subsaariana com eleições multipartidárias passou de 9 para 45. Isto resolve temporária e cinicamente dois problemas para o governo estatal... Restaura uma pátina de legitimidade a um sistema que já não pode fornecer clientelismo nem serviços de assistência social aos seus cidadãos, e revigora-o ao dividir os clientes entre os partidos concorrentes, pelo que cada grupo político tem necessidade de desviar menos fundos, uma vez que serve uma base de clientes mais pequena¹⁰ ...

⁹ Embora, obviamente, não à custa de olhar para as relações de classe, equilíbrios de poder, lutas e alegrias onde vivemos. Muitos activistas conhecem as complexidades das lutas, no estrangeiro, mas pouco da guerra social que os rodeia.

¹⁰ Embora eu concorde com o autor aqui, eu diria que 'a questão do cliente' é um fator por trás da disseminação de sistemas multipartidários, mas de forma alguma o único. O colapso do Bloco Soviético, a mobilização social-democrata na África e as demandas — tanto financeiras quanto ideológicas — do Ocidente são alguns fatores entre outros. Será interessante ver como a expansão do poder chinês na África afeta isso.

Outra perda de poder do estado é a incapacidade de fornecer bem-estar mínimo aos cidadãos, como educação e assistência médica, que os programas de ajuste estrutural eliminam por serem muito custosos. Enquanto alguns desses serviços são assumidos por organizações internacionais de assistência, a maioria dos que são continuados é feita por grupos da própria sociedade em dificuldades. Em outras palavras, como Thomson coloca, "A capacidade decrescente do estado exigiu que a sociedade civil aumentasse sua autossuficiência". Os grupos de mulheres, sindicatos, associações de agricultores e outras redes de base, antes reprimidos, estão assumindo maior responsabilidade na vida social e econômica...

[Então talvez estejamos aqui a ver um caminho africano para o anarquismo] 'por meio do qual a economia monetária e o estado, que se encontram numa condição de colapso parcial ou retirada, cedem cada vez mais funções a comunidades aldeãs não monetarizadas e não estatais, organizadas com base na ajuda mútua?'¹¹

Isso já está acontecendo em algumas áreas de uma maneira não digna de notícia, sem conflito aberto. Em outras, essa revitalização dos bens comuns é *uma* das forças que preenchem o vácuo de poder deixado pela fragmentação guerreira de "estados falidos". O ajuste estrutural mencionado é, naturalmente, específico do tempo. Há um fluxo e refluxo de projetos de poder, como mostra a expansão da China para a África, mas, no entanto, o processo observado é um indicador do que pode acontecer em muitos lugares à medida que o comércio global se retrai em um mundo pobre em recursos e com mudanças climáticas.

Enganando o estado

Assim como aqueles que poderíamos maliciosamente rotular como anarquistas de estilo de vida,¹² a África tem um número crescente, embora ainda pequeno, de grupos se organizando sob a bandeira do Anarquismo. É improvável que eles mudem a face/s de todo o continente, mas podem desempenhar papéis significativos em movimentos e lutas emergentes. Para repetir a citação anterior de Seaweed: "Qualquer biorregião pode ser libertada por meio de uma sucessão de eventos e estratégias com base nas condições únicas a ela." Mesmo que aceitemos a exclusão de qualquer possibilidade de revolução anarquista global, não há razão para dizer que uma insurreição anarquista regional em algum lugar da África (ou em outro lugar) não esteja nos planos e isso é tornado mais provável pelos fatores que já discutimos. Em termos provavelmente excessivamente otimistas, Sam Mbah afirma:

O processo de transformação anarquista em África pode revelar-se relativamente fácil, dado que África carece de uma base capitalista forte, de formações de classe e relações de produção bem desenvolvidas, e de um sistema estatal estável e enraizado.¹³

Embora um número surpreendente de estradas de terra africanas levem à anarquia¹⁴, muito do que abordamos aqui se relaciona a muitas áreas rurais em todo o planeta em diferentes graus. Por exemplo, em seu excelente, *The Art of Not Being Governed*,¹⁵ James C. Scott relata vários exemplos de anarquias vividas no sudeste asiático. Mesmo fora das anarquias, comunidades camponesas cuja autossuficiência não foi totalmente vencida, ainda mantêm altos níveis de autonomia — Terra é Liberdade!¹⁶ Infelizmente,

¹¹ Jim Feast, 'O caminho africano para o anarquismo?', em, *Fifth Estate* Vol. 43, No. 2, 2008.

¹² Uma piada barata à custa da ridícula dicotomia de Murray Bookchin, 'Anarquismo Social vs Anarquismo de Estilo de Vida'.

¹³ Sam Mbah e IG Igariewy, *Anarquismo Africano: A História de um Movimento* (Tucson: Ver Sharp Press, 1997), p. 108.

¹⁴ "A melhoria cria estradas retas; mas as estradas tortuosas sem melhoria são estradas de gênio." — William Blake, citado em Lawrence Millman, *Last Places: A Journey in the North* (Londres: Sphere Books, 1992).

¹⁵ James C. Scott, *A arte de não ser governado: uma história anarquista do sudeste asiático* (New Haven: Yale University Press, 2009).

¹⁶ Se você duvida disto, por que não tentar uma experiência prazerosa e sentir o gosto da liberdade comendo alimentos não comprados com tempo vendido, mas cultivados com as próprias mãos? Suspeito que a experiência o convencerá de que a terra é liberdade e o fará desejar mais de ambas. Para aqueles que gostam de referências de livros, bem como de solo sob as unhas, veja: The Ecologist, *Whose Common Future? Reclaiming the Commons* (Londres: Earthscan, 1993)

em muitos lugares, as tradições comunitárias foram erradicadas, os "comuns" (ou "selvagens") cercados e os fazendeiros transformados à força em trabalhadores assalariados. Em outros, no entanto, isso não aconteceu, por um conjunto diverso de razões, entre as quais a resistência. Os estados nem sempre conseguem o que querem.

A maré da autoridade ocidental recuará de muito, mas não de todo o planeta. Uma confusão contorcida de destroços e restos sociais será deixada em seu rastro. Alguns trechos de anarquia vivida, alguns conflitos horríveis, alguns impérios, algumas liberdades e, claro, estranheza inimaginável. À medida que os estados recuam e "falham" — por meio da entropia, estupidez, revolução, conflito interno, estresse climático — as pessoas continuarão a cavar, semear, pastorear e viver — a maioria, reconhecidamente, em climas muito mais desafiadores, e poucas com a garantia de uma vida pacífica. Em muitos lugares, terras mercantilizadas serão recuperadas como bens comuns e novas comunidades serão formadas por refugiados das economias em colapso. Sociedades anárquicas — antigas e novas — precisarão defender sua liberdade e vida, por meio da evasão, armas, fuga e "enganar o estado".

Vislumbramos algumas das possibilidades abertas (e fechadas) tanto pelas futuras guerras climáticas quanto pela retração da governança estatal das comunidades rurais — mas e quanto à liberdade nas fronteiras externas mutáveis da civilização? E quanto à liberdade além dessas fronteiras — na natureza?

5. A civilização recua, a natureza selvagem persiste

Conheci um viajante de uma terra antiga
Que disse: Duas pernas de pedra vastas e sem tronco
Ficam no deserto... Perto delas, na areia,
Meio afundado, jaz um rosto despedaçado, cuja carranca,
E lábio enrugado, e sorriso de comando frio,
Dizem que seu escultor leu bem aquelas paixões
Que ainda sobrevivem, estampadas nessas coisas sem vida,
A mão que zombou delas, e o coração que as alimentou:
E no pedestal aparecem estas palavras:
'Meu nome é Ozymandias, rei dos reis:
Olhe para minhas obras, ó Poderosos, e desespere!
Nada mais resta. Em volta da decadência
Daquele naufrágio colossal, ilimitado e nu
As areias solitárias e planas se estendem ao longe.

— *Ozymandias*, Percy Bysshe Shelley, 1817

Os impérios espalham desertos nos quais não conseguem sobreviver

Leia-o nas ruínas de Ur e Mu Us, nos campos desertificados de Wadi Faynan¹ e no Vale Techuacan.² *Os impérios espalham desertos aos quais não conseguem sobreviver*. Ataques, insurreições e deserções frequentemente marcam a queda de civilizações, mas o verdadeiro trabalho de base para sua destruição sempre foi feito por seus próprios líderes, trabalhadores e zeks. Estamos todos trabalhando para a destruição de nossas civilizações.³

“O homem civilizado marchou pela face da Terra e deixou um deserto em suas pegadas.”⁴

Não se sabe até que ponto o aquecimento global causará a expansão de desertos quentes, mas que eles o farão — e drasticamente — é uma aposta bastante segura. A interação do solo, clima e poder civil continuará a ser um fator dominante determinando tanto a história quanto a abertura de território para vidas mais livres. Que os sistemas agrícolas falharão à medida que os mundos áridos se espalham significa que, mais uma vez, as civilizações terão que recuar de muitas de suas terras previamente conquistadas. Em alguns lugares, isso será total, em outros, uma questão de graus.

Na minha língua materna, os desertos são inabitáveis, abandonados, *desertos*; mas por quem? Não pelos coiotes ou pelos wrens de cacto. Não pelas formigas cortadeiras ou pelas cascavéis. Não pelos

¹ Graeme Barker, 'Um conto de dois desertos: histórias contrastantes de desertificação na fronteira desértica de Roma', em, *World Archaeology*, vol 33, No.3, 2002, pp. 488–507.

² Helmut Geist, *As causas e a progressão da desertificação* (Aldershot: Ashgate Publishing, 2005), pp. 4–7.

³ Aqueles que duvidam disto poderiam ler. Clive Ponting, *A Green History of the World: The Environment and the Collapse of Great Civilisations*. (Londres: Penguin Books, 1991). Numa nota lateral, antes de se tornar um acadêmico, Ponting evitou por pouco a prisão (graças a uma absolvição inesperada do júri) por ter vazado a verdade por trás do Caso Belgrano (o naufrágio britânico de um navio de guerra da marinha argentina enquanto este se afastava do conflito das Malvinas) enquanto era um alto funcionário público do MoD.

⁴ Vernon G. Carter e Tom Dale, *Solo vegetal e civilização* (Oklahoma: University of Oklahoma Press, 1974).

quicksteps da namíbia, os suricatos, as acácias, os tahrs, os cortiços e os cangurus vermelhos. Desertos e ambientes áridos geralmente são biologicamente diversos, embora, por sua natureza, a vida seja mais esparsa do que em outros biomas. Enquanto algumas áreas desérticas são sem vida, na maioria das comunidades de animais, pássaros, insetos, bactérias e plantas correm, voam, rastejam, se espalham e crescem em vidas desordenadas, não domesticadas pela civilização. A selvageria está em nós e ao nosso redor. A batalha para contê-la e controlá-la é o trabalho constante da civilização. Quando essa batalha é perdida e os campos estão desertos, a selvageria persiste.

Atrás da poeira, entretanto, sob o céu assombrado por abutres, o deserto espera — mesas, colinas, cânions, recifes, sumidouros, escarpas, pináculos, labirintos, lagos secos, dunas de areia e a Montanha Árida.⁵

Liberdades nômades e o colapso da agricultura

Lembro-me de sentar agachado no vermelho, sob o sol quente, o vento fraco, o silêncio do deserto era absoluto... ou teria sido se não fosse, é claro, por toda a fofoca. Há pessoas aqui, nem todos os desertos são inabitáveis, mas para os estados um excedente é quase impossível. A escassez de vida favorece o nomadismo — seja por pastores, forrageadores, viajantes ou comerciantes.

Ninguém pode viver esta vida e emergir inalterado. Eles levarão, por mais tênue que seja, a marca do deserto, a marca que marca o nômade.⁶

Embora a concentração de poder possa surgir em qualquer sociedade com algum nível de domesticação, no geral, quanto mais nômade um povo, mais independente ele provavelmente será. Os governos sabem disso, como pode ser testemunhado pelas tentativas generalizadas de *resolver* seus problemas de nômades do deserto. Seja a sobrevivência obstinada dos modos de vida aborígenes na Austrália,⁷ a resistência intransigente dos apaches liderados por Victorio ou a recente insurreição tuaregue no Saara, os nômades são frequentemente adeptos da luta e/ou fuga.

Helene Claudot-Hawad diz em uma discussão sobre o conflito tuaregue com os estados modernos que: “As fronteiras dos estados têm por definição uma linha fixa, imóvel e intangível, e são propositalmente feitas para não serem transgredidas. Elas separam o que deveriam ser entidades mutuamente opostas.”⁸ O fato de a independência resistente dos nômades ser frequentemente misturada com uma descrença prática nas fronteiras as torna ameaçadoras à própria base ideológica dos governos.

O aquecimento global estimulará transformações nos usos humanos da terra. Conforme observado no capítulo anterior, em alguns lugares a autossuficiência camponesa provavelmente substituirá a monocultura orientada para a exportação, enquanto em outros as colheitas murchas podem ser substituídas pela criação de animais. Nas zonas áridas em expansão, uma boa proporção daqueles que se adaptam

⁵ Edward Abbey, *Desert Solitaire: Uma temporada no deserto* (Nova York: Ballantine Books, 1971), pp. 303–305.

⁶ Wilfred Theiseger, *Arabian Sands* (Londres: Penguin, 1959). Tomei a atitude atrevida, embora eu ache que vale a pena, de neutralizar o gênero desta citação, ou seja, 'Um' era originalmente 'Homem' e 'eles' era originalmente 'ele'.

⁷ Ver, por exemplo: Christobel Mattingley ed, *Survival In Our Own Land: Aboriginal experiences in 'South Australia' since 1936* (Sydney: Hodder & Stoughton, 1988).

⁸ Para um bom contexto sobre a situação dos tuaregues, ver: Helene Claudot-Hawad, 'A Nomadic Fight Against Immobility: the Tuareg in the Modern State', em Chatty, Dawn ed. *Nomadic Societies in the Middle East and North Africa: Entering the 21st century*. (Leiden: Brill Academic Publishers, 2006).

com sucesso podem fazê-lo abraçando as liberdades nômades e a subsistência pastoral transumante.⁹ Em outros ainda, os pastores e agricultores nômades podem voltar à caça-coleção.

Durante a maior parte da existência da nossa espécie, todos eram forrageadores e a natureza selvagem era o nosso lar. As sociedades de caçadores-coletores incluem as mais igualitárias da Terra¹⁰ e onde tais culturas sobreviveram até os tempos modernos, elas o fizeram em áreas remotas do poder centralizado e muitas vezes inadequadas para a agricultura. Por exemplo, o povo Spinfex do Grande Deserto de Victoria conseguiu continuar suas vidas tradicionais apesar do advento da 'Austrália', pois suas terras natais são tão áridas que nem são adequadas para o pastoreio.¹¹ Os !Kung também conseguiram viver bem e livres como caçadores-coletores em um ambiente muito hostil — o Kalahari.¹²

Quando os agricultores enfrentam estresse alimentar extremo ou violência externa, a coleta é uma estratégia adaptativa que tem sido usada muitas vezes. Para alguns, isso pode ser temporário, para outros, permanente. Assim, com a desertificação crescente, podemos ver, em alguns lugares, uma deserção crescente da civilização para algo semelhante à nossa vida selvagem anarquista original. Novos grupos inteiros de coletores podem evoluir após colapsos da viabilidade agrícola e a retração de poderes estatais exuberantes e ricos em energia. Dada a condição atual de muitos pastores e coletores de zonas áridas, é mais provável que, na maioria dos casos, veremos hibridismo — um aumento nas populações nômades autônomas que dependem tanto do pastoreio de animais quanto da coleta.

Cortiça e creosoto

Em um nível mais geral, muitos daqueles que anseiam pela vida selvagem e precisam se libertar da autoridade gravitam em direção às fronteiras, geralmente desertos quentes e regiões semiáridas.

Enquanto eu vagueio na suave primavera,
Eu ouço um chamado agudo de suas estradas, ó deserto!
Eu deixarei meu lar nas colinas sombrias
Quão tristes são outras terras comparadas a você, ó deserto!

— Seidi, um poeta turcomano do século XIX

Tais possibilidades estão presentes — e estarão ainda mais — em muitas regiões. Mesmo para aqueles dentro dos muros das supostas potências globais, haverá um exterior em expansão. Nas áreas já com escassez de água do sul da Europa, fazendas e vilas desertas foram reabitadas por anarquistas, hippies, cultos e outros que desejam fugir do olhar direto da autoridade e desertar da prisão do trabalho assalariado. Situações semelhantes de "abandono" estão presentes no coração seco da Austrália e nos desertos ocidentais da América do Norte. Aqui, o mais importante é que as comunidades aborígenes

⁹ "Dado o provável aumento das temperaturas e as mudanças nas chuvas, muitos agricultores enfrentarão condições de cultivo ainda mais desafiadoras. A produção pecuária pode ter um desempenho um pouco melhor do que as plantações, especialmente porque os pastores estão se afastando do gado, que é menos tolerante ao calor, e se aproximando das cabras, ovelhas e camelos, que são mais capazes de lidar com condições mais secas e quentes." (p. 12.) "No geral, no entanto, o setor pecuário provavelmente será mais resiliente do que a agricultura corporativa, uma vez que os rebanhos mistos mantidos por pequenos proprietários são mais capazes de lidar com chuvas irregulares. Os sistemas transumantes nos quais os animais são movidos de acordo com as estações também estão em melhor posição do que aqueles onde os animais são mantidos em grandes fazendas comerciais de gado bovino e leiteiro. Nas áreas que provavelmente ficarão mais quentes e secas, a composição do rebanho mudará de gado para um número maior de pequenos rebanhos ou camelos. Se isso significa que mais bois podem ser mantidos, isso terá um efeito cascata na capacidade de cultivar terras. (p. 60.; Camilla Toulmin, *Mudanças Climáticas em África* (Londres: International African Institute e Zed Books, 2009).

¹⁰ Richard B Lee e Richard Daly, eds. *The Cambridge Encyclopaedia of Hunters and Gatherers* (Cambridge: Cambridge University Press, 1999).

¹¹ Embora para os militares britânicos isso o tornasse ideal para testes de armas nucleares.

¹² Nisa, uma mulher dos !Kung San: "Lembro-me de outra ocasião em que estava a caminhar com os meus amigos no mato. As nossas famílias estavam a mudar-se de um acampamento para outro e os meus amigos e eu caminhávamos à frente dos adultos, montados uns em cima dos outros, fingindo que éramos burros. Foi quando a minha amiga Besa viu um gnu morto no chão; depois vimos outro e depois outro; todos tinham sido recentemente mortos por leões. Corremos de volta para os nossos trilhaos, gritando: "Vimos três gnus mortos por leões!" Os adultos disseram: "Ho, ho, os nossos filhos... os nossos filhos maravilhosos... os nossos filhos maravilhosos, maravilhosos!" — Marjorie Shostak, *Nisa: The Life and Words of a !Kung Woman* (Londres: Earthscan, 1990), p. 101.

persistem ou estão se restabelecendo. A longa estratégia indígena de sobrevivência — “estávamos aqui antes e estaremos depois” — pode dar frutos no deserto. Como inúmeras lutas contemporâneas ilustram, anarquistas e povos nativos podem ser bons aliados.

Algumas das comunidades mais antigas vivem em desertos. No Mojave há uma colônia clonal de arbustos de creosoto cujo círculo de expansão lenta é estimado em 11.700 anos. Testes genéticos recentes indicaram que os bosquímanos do Kalahari são provavelmente a população humana contínua mais antiga da Terra.¹³ Essas comunidades — tanto vegetais quanto humanas — são exemplos inspiradores de resiliência, mas tendo sobrevivido milênios nos desertos quentes, elas podem não sobreviver à comunidade cultural ainda em expansão. O antigo anel de arbustos de creosoto é bem baixo em relação ao solo e cresce em terras do US Bureau of Land Management “designadas para uso recreativo em veículos todo-o-terreno”.¹⁴ O governo de Botsuana realocou à força muitos bosquímanos do Kalahari de suas terras natais para campos de reassentamento miseráveis, aparentemente para permitir a mineração de diamantes.¹⁵ Para os povos livres e a vida selvagem, a dureza do nosso deserto cultural é um dos ambientes mais ameaçadores.

No geral, então, à medida que o planeta esquenta, devemos nos lembrar das liberdades nômades dos pastores e forrageadores, dos refúgios dos povos aborígenes e dos desertores renegados, dos habitats cada vez maiores da flora e fauna do deserto. Que as zonas áridas se expandam traz possibilidades positivas, assim como tristeza para os ecossistemas diminuídos, muitas vezes antes vibrantes.¹⁶ Ainda pode haver uma bela floração no deserto. Mencionei as possibilidades abertas pela disseminação de desertos quentes, mas é claro que também há muitos fechamentos. Mesmo algumas culturas relativamente anárquicas nas fronteiras do deserto ou além delas se tornarão inviáveis. Espécies se extinguirão. Embora haja sobreviventes nas terras desérticas em expansão, muitos escolherão fugir do calor. Algumas dessas migrações — até certo ponto já acontecendo — serão intranacionais, mas muitas serão internacionais.

No mundo quente e árido, os sobreviventes se reúnem para a jornada aos centros árticos da civilização; eu os vejo no deserto enquanto o amanhecer rompe e o sol lança seu olhar penetrante através do horizonte no acampamento. O ar fresco da noite permanece por um tempo e então, como fumaça, se dissipa enquanto o calor toma conta...¹⁷

Estas são algumas das últimas palavras em *Revenge of Gaia*, de Lovelock. À medida que a civilização e grande parte da humanidade fogem e/ou morrem à medida que os desertos quentes se expandem, o que dizer dos desertos frios — o que dizer dos novos “centros árticos de civilização”?

¹³ Steve Conner, 'A raça mais antiga do mundo rastreada em estudo de DNA', *The Independent* (Londres), 1 de maio de 2009.

¹⁴ Rachel Sussman, *Os seres vivos mais antigos do mundo*, TED 2010, (www.ted.com).

¹⁵ Survival International, (www.survivalinternational.org/tribes/bushmen).

¹⁶ E sim, isso inclui pessoas.

¹⁷ James Lovelock, *A vingança de Gaia* (Londres: Penguin Books, 2006), p. 159.

6. Terror-Nullius retorna

A civilização se expande à medida que os desertos frios derretem
Genocídio e ecocídio nas terras "vazias"
Vidas de liberdade/escravidão nas novas fronteiras

Em outros lugares, vastos
rebanhos de renas se movem por
quilômetros e quilômetros de musgo dourado,
silenciosamente e muito rápido.

— de *A Queda de Roma*, WH Auden¹

A civilização se expande à medida que os desertos frios descongelam

À medida que evoluímos na África, os desertos frios sempre foram bastante hostis ao esforço humano e, portanto, embora cada vez mais afetados pela civilização, permaneceram em grande parte não domesticados. Isso não vai durar. Relatórios de climatologistas, povos indígenas, marinheiros, trabalhadores sazonais e ecologistas confirmam que os efeitos da mudança climática global são ampliados no extremo norte. Na Groenlândia, Sten Pederson se inclina para colher repolhos,² algo impensável algumas décadas atrás. Através das ondas árticas recém-liberadas do gelo, navios de pesquisa avançam em busca de petróleo, gás e riquezas.³ Em grande parte do extremo norte (com exceção das áreas marcadas pelo legado dos gulags de Stalin e novas cidades), as intrusões da civilização são esparsas ou temporárias, mas estão aumentando, e muitos pensam que estamos à beira de uma nova corrida fria. Tesouros enterrados se tornam acessíveis e territórios previamente congelados se tornam mais hospitaleiros para assentamentos e agricultura. A civilização se expandirá à medida que os desertos frios descongelam.

É um segredo sujo que muitos governos do Norte estão ativamente ansiosos pelos efeitos das mudanças climáticas nas terras que ocupam, no momento, muitas vezes apenas simbolicamente. Haverá alguns vencedores no (cada vez mais) rico em água, descongelando o Extremo Norte, assim como haverá muitos, muitos perdedores nas regiões quentes com escassez de água. O clima não acredita na injustiça. “Algumas... regiões do mundo... podem experimentar ganhos com o aquecimento global nos próximos 20 a 30 anos, como condições agrícolas mais favoráveis em algumas partes da Rússia e do Canadá.”⁴ “O quarto norte das latitudes do nosso planeta passará por uma tremenda transformação ao longo deste século, tornando-se um lugar de maior atividade humana, maior valor estratégico e maior importância econômica do que hoje.”⁵

Esta transformação será alimentada pelo efeito climático da queima de combustíveis fósseis e pela abertura de novas reservas. “A região pode abrigar 90 bilhões de barris de petróleo — no valor de incríveis US\$ 7 trilhões ao preço atual do petróleo — e 30% das reservas de gás inexploradas do planeta, de acordo com o US Geological Survey.”⁶

¹ WH Auden, 'A Queda de Roma', em, *Poemas Coletados* (Londres: Faber & Faber, 2004).

² Tim Folger, 'Viking Weather: The Changing Face of Greenland', *National Geographic* Vol 217 No 6, junho de 2010, p. 49.

³ James Melic, James e Duncan Bartlett, *Melting Ice Opens Up Potential for Arctic Exploitation*. BBC World Service — Business Daily: 22 de setembro de 2010, (www.bbc.co.uk/news/business-11381971).

⁴ Camilla Toulmin, *Mudanças climáticas em África* (Londres: International African Institute e Zed Books, 1999), pp. 15–16.

⁵ Laurence C. Smith, *O mundo em 2050: quatro forças que moldam o futuro da civilização no Norte* (Nova Iorque: Penguin, 2010), p. 6.

⁶ 'O aquecimento global representa ameaças e oportunidades para a região do Ártico', *Manila Bulletin*, 6 de Dezembro de 2009.

Anteriormente, olhamos para os conflitos climáticos e focamos em guerras quentes, mas guerras frias sobre o controle de hidrocarbonetos, minerais e 'recursos' terrestres recentemente acessíveis também são possíveis, embora tenham um caráter fundamentalmente diferente. "Áreas frias são geralmente países economicamente desenvolvidos e áreas quentes são geralmente países em desenvolvimento... Conflitos entre países desenvolvidos podem levar a fatalidades concentradas, enquanto aqueles em países em desenvolvimento podem levar a conflitos mais difusos." "Onde a Guerra Quente é caracterizada pelo colapso das funções do Estado e conflitos internos, a Guerra Fria exemplifica condições de expansão do controle do Estado e conflito externo."⁷

O surgimento de uma nova Guerra Fria — mais uma vez principalmente entre os centros de poder do Leste e do Oeste, embora desta vez solidamente sobre o Extremo Norte — está nos planos.⁸ Por enquanto, a probabilidade de uma guerra total no novo Cinturão de Tensão Polar é muito menor do que nas áreas quentes do planeta, principalmente porque muitos dos países em questão são potências nucleares. Fracasso semelhante às Guerras do Bacalhau entre o Reino Unido e a Islândia, combinado com arrogância diplomática, como o recente plantio da bandeira russa no fundo do mar do polo norte,⁹ sem dúvida aumentará. A única coisa que impedirá categoricamente o conflito na região é se for descoberto que não há nada que valha a pena discutir. Infelizmente, isso é improvável — a abertura do próprio mar traz novas possibilidades de comércio e movimento, mesmo que pouco seja encontrado abaixo dele.

Há um continente esquecido nesta história. "A Antártida verá enormes mudanças devido à terraformação que criará oportunidades para exploração econômica. Com muitas reivindicações de soberania na região, há uma chance de que o conflito seja o resultado."¹⁰ Há muito gelo na Antártida e disputas significativas provavelmente não ocorrerão antes de meados do século, se não muito, muito mais tarde, mas isso não significa que os estados não estejam lançando fundações. É uma ironia cruel que grande parte da ciência que permitiu a conscientização sobre as mudanças climáticas e permitiu vislumbres de climas passados tenha surgido por meio dos esforços extraordinários de cientistas que trabalham em instituições estatais — o British Antarctic Survey, por exemplo, cuja presença na Antártida é em grande parte financiada para sublinhar reivindicações imperiais sobre um continente. A verdadeira conquista e domesticação só podem ocorrer por meio de mudanças climáticas massivas. Enquanto isso, os mares do Extremo Sul — especialmente ao redor das disputadas Ilhas Malvinas — estão cada vez mais envolvidos na prospecção de petróleo.

Ecocídio e genocídio nas terras "vazias".

Quando o estado britânico declarou a Austrália 'terra nullius', ele estava definindo a terra como vazia. Os povos, a selvageria, deveriam ser tornados invisíveis, insuportáveis. Se percebidos, eram vistos, corretamente, como obstáculos ao progresso. No Extremo Norte, como nas colônias em geral, grande parte da terra já é povoada e, de uma perspectiva mais ampla, animalizada. Há maravilhas na tundra que a civilização deve destruir em nome do esvaziamento e da ocupação. Em sua bela exploração do Ártico, o naturalista Barry Lopez descreve terras que ama.

O Ártico, no geral, tem as linhas clássicas de uma paisagem desértica: esparsa, equilibrada, extensa e silenciosa... A aparente monotonia da terra é aliviada, no entanto, pelos sistemas climáticos que se movem, e pelas atividades dos animais, particularmente pássaros e caribus. E porque grande parte do país permanece exposta, e porque a luz do sol passando pelo ar sem poeira torna suas bordas com uma nitidez tão incomum, os animais permanecem diante do olho. E sua presença é vívida.

⁷ James R. Lee, *Alterações climáticas e conflitos armados: guerras quentes e frias* (Londres: Routledge, 2009), p. 167 e p. 17.

⁸ Por exemplo, a Estratégia de Segurança Nacional Russa, adotada na Primavera de 2009, referiu-se à possibilidade de utilização da força armada em conflitos sobre reservas de hidrocarbonetos. 'Climate Change, the Arctic and Russia's National Security', *Pravda*, 25 de Março de 2010 (www.english.pravda.ru).

⁹ Vladimir Putin declarou publicamente que pensa que há uma necessidade urgente de a Rússia proteger os seus "interesses estratégicos, econômicos, científicos e de defesa" no Ártico. *Russia Plants Flag Under N Pole*, sítio Web da BBC News, 2 de Agosto de 2007 (www.news.bbc.co.uk/1/hi/world/europe/6927395.stm).

¹⁰ James R Lee, *Mudanças climáticas e conflitos armados: guerras quentes e frias* (Londres: Routledge, 2009), p. 102.

Como outras paisagens que inicialmente parecem áridas, a tundra ártica pode se abrir de repente, como a corola de uma flor, quando se busca qualquer intimidade com ela. Começa-se a notar manchas de vermelho brilhante, laranja e verde, por exemplo, entre os marrons monótonos de uma touceira de tundra.

Uma aranha-lobo ataca um besouro brilhante. Um pedaço de lã de boi-almiscarado jaz inerte nas flores de lavanda da saxifrage... A riqueza de detalhes biológicos na tundra dissipa qualquer sentimento de que a terra está vazia; e sua semelhança com um palco sugere eventos iminentes. Em uma caminhada de verão, o ar lavado pelo vento se mostra imortalmente claro. Vez após vez, você se depara com a evidência isolada e sucinta da vida — pegadas de animais, os restos não digeridos de uma perdiz-branca no molde de uma coruja, um pedaço de salgueiro de solo árido mordiscado quase sem folhas por lebres árticas. Você tem a companhia de pássaros, que o seguem. (Eles sabem que você é um animal; mais cedo ou mais tarde, você encontrará algo para comer.) Maçaricos se espalham diante de você, gritando tuituek, um nome esquimó para eles. Descendo desajeitadamente uma encosta de cascalho de calcário congelado, você faz um barulho de vidro tilintando — e à distância um urso-pardo da tundra se ergue sobre suas patas traseiras para estudá-lo; as patas em forma de prato de suas patas dianteiras mortalmente imóveis... [Mas já, mesmo em terras desabitadas], não se pode deixar de notar a evidência da revolta, nem evitar ser arrancado por ela. A depressão que ela engendra, porque muito disso parece uma imposição descuidada à terra e ao povo, uma invasão rude, pode levar alguém ao desespero.¹¹

A escala atual da invasão industrial é meramente um presságio do ecocídio vindouro, engendrado, à medida que as altas latitudes esquentam, pela salpicadura do Extremo Norte com mais cidades, estradas, instalações, campos e fábricas. Este processo também será uma tentativa de genocídio. Pastores como alguns dos Sami¹² da Lapônia e indígenas da Sibéria provavelmente encontrarão suas terras natais cada vez mais fragmentadas e poluídas, enquanto as comunidades que vivem em terras ricas em recursos enfrentarão a erradicação — seja por simples desapropriação ou por assimilação à cultura industrial.¹³ Em alguns lugares como a Groenlândia, onde grande parte da maioria indígena pode obter algum benefício material com a desnudação de suas terras descongeladas, este processo pode ser parcialmente conduzido pelos indígenas. Na maioria, entretanto, onde as comunidades aborígenes são minorias, haverá padrões familiares de repressão e resistência.

Esta história futura de um choque entre velhos mundos frios e novos aquecidos pelo "calor branco da revolução tecnológica" já é passado e presente. Contos de desapropriação e destruição são muitos, mas também o é a resistência. Por exemplo, apesar dos poucos recursos, algumas das tribos siberianas se opuseram fervorosamente à expansão da infraestrutura de gás e petróleo em suas terras tradicionais. Em uma ação, cem Nivkh, Evenk e Ulita bloquearam estradas com suas renas por três dias contra novos oleodutos e gasodutos.¹⁴ No Canadá, especialmente, o governo e as corporações se deparam com sociedades guerreiras indígenas com uma forte ética da terra e um crescente espírito de luta.

Embora tenha havido — e haverá — vitórias na batalha para impedir a expansão do império e sua infraestrutura para o norte, mesmo os povos mais resolutos não conseguem deter a mudança climática em si. Os povos indígenas relatam que vidas e a capacidade de sobrevivência dos modos de vida já estão sendo afetadas. Como diz Violet Ford, uma inuit: "Não podemos mais prever o clima, então é muito

¹¹ Barry Lopez, *Arctic-Dreams: Imaginação e desejo numa paisagem do Norte* (Nova Iorque: The Harvill Press, 1999), p. xxiii — xxvii.

¹² A existência divisiva dos estados-nação já é um problema para os Sami inerentemente transfronteiriços e pode revelar-se fatal nas suas tentativas de adaptação às alterações climáticas, mesmo sem considerar a expansão civilizacional. Ver: Erik Reinert et al, 'Adapting to climate change in Sami reindeer herding: the nation-state as problem and solution', em, W Neil Adger et al, *Adapting to Climate Change: Thresholds, Values, Governance* (Cambridge: Cambridge University Press, 2009), pp. Para um bom contexto, ver também: Hugh Beach, *The Saami of Lapland* (Londres: Minority Rights Group, 1988).

¹³ Quando um povo indígena deixa de existir e se torna parte de uma cultura mais ampla é uma questão que deixarei para os próprios povos. Que tal assimilação é profundamente dolorosa pode ser visto tanto nas taxas de suicídio assustadoramente altas entre muitas comunidades recém-estabelecidas quanto nas taxas de automutilação e suicídio de forma mais geral, à medida que as crianças em todo o mundo são transformadas em engrenagens e microprocessadores adultos.

¹⁴ Survival International. *Protesto do povo siberiano contra oleodutos e gasodutos*, 26 de agosto de 2005, (www.survivalinternational.org/news/985).

difícil planejar nossa caça. Isso coloca muito estresse e medo em nossas comunidades.”¹⁵ Relatórios semelhantes vêm do Ártico ‘russo’ também, onde mudanças no derretimento do gelo e da neve estão causando mudanças culturais e colocando em risco o estilo de vida de pastoreio de renas dos pastores Nenet na Península Yamal.¹⁶

Em um dia claro em um cabo sacudido pela tempestade, caminhei com um amigo cercado por floresta, ondas, águias-pesqueiras e orcas. Longe de qualquer estrada ou vila, o lugar parecia imaculado, mas entre as árvores estavam os restos podres de uma escola. Implementos agrícolas enferrujados cobriam o mato e os antigos campos eram agora os campos de caça do puma. O afastamento dos mercados, a falta de lógica da política e terras inadequadas para colonização por um modelo importado levaram à evacuação desta costa. Isso me lembrou que, apesar dos desejos daqueles que planejam mundos, a colonização às vezes falha e o selvagem vence. Isso continuará sendo verdade.¹⁷

Vidas de liberdade/escravidão nas novas fronteiras

Possibilidades surgirão à medida que os desertos frios recuarem para aqueles que desejam se estabelecer/invadir/resistir/trabalhar. Quem povoará essas novas terras? Paisagens físicas e terrenos sociais de luta moldam o que achamos possível e, portanto, o que fazemos. Na América do Norte do século XIX e início do século XX, o Anarquismo Individualista (especialmente aquele influenciado por Henry David Thoreau) foi moldado diretamente pela ideia e existência de fronteiras e, portanto, a capacidade real de construir algum nível de autonomia e autossuficiência — reconhecidamente em terras roubadas! Na Europa lotada, ao mesmo tempo, havia menos “fora” disponível e, portanto, apesar das fortes correntes com uma perspectiva ecológica e anticivilização, muitos anarquistas individualistas se voltaram para assaltos a bancos, insurreição, assassinato e arte. Podemos esperar que a abertura de novas terras na Europa e na América do Norte tenha um impacto significativo tanto naqueles que desejam abandonar a civilização quanto naqueles que desejam expandi-la. Haverá muitas possibilidades de vidas de liberdade nas fronteiras em expansão, embora os desertores e renegados possam lançar as bases para uma “gentrificação” mais ampla da natureza.

Seria adorável pensar que mil cabanas de madeira anarquistas floresceriam, mas provavelmente serão mais prevalentes os campos de trabalho e as terras agrícolas que lembram algo entre os gulags modernos de Dubai e as novas colônias agrícolas e madeireiras chinesas da Sibéria. No deserto dos Emirados Árabes Unidos, os trabalhadores migrantes vivem em condições horríveis e são transportados de ônibus para dentro e para fora de Dubai diariamente para construir a nova supercidade. Eles não têm direitos de cidadania, nenhum direito de permanecer além de um contrato por prazo determinado, quase nenhum cônjuge (ou direito de se casar ou coabitar), as famílias raramente existem, nenhuma sindicalização oficial. Assustados por uma “bomba-relógio demográfica indiana”, os governantes de Dubai iniciaram um complexo sistema de cotas de imigração, onde os migrantes são trazidos de diversos países para manter os trabalhadores socialmente divididos. Na Sibéria, 600.000 trabalhadores chineses cruzam a fronteira em migração sazonal todo verão para trabalhar nos novos campos.¹⁸

Então haverá vidas de escravidão, assim como de liberdade nas novas fronteiras e com perspectivas de piora em grande parte do mundo em aquecimento e a promessa de moeda forte, muitos as escolherão. Leitores com tendências anarco-sindicalistas podem notar a semelhança impressionante de tais situações com a dos campos de extração de madeira e mineração que eram os campos de batalha dos Wobblies. O IWW foi a única organização de trabalhadores que teve algum sucesso em unir trabalhadores migrantes

¹⁵ Geoffrey York, ‘Povos indígenas descrevem os perigos reais do aquecimento global’, em *The Globe and Mail*, 14 de dezembro de 2007.

¹⁶ Luke Harding, ‘Alterações climáticas na tundra ártica da Rússia’, *Guardian*, 20 de Setembro de 2010.

¹⁷ Para a civilização, o grande degelo do Extremo Norte provavelmente formará obstáculos, bem como pontes. Lawrence C Smith argumenta que em muitos lugares, devido à diminuição do acesso rodoviário no inverno e às perturbações do solo causadas pelo degelo do permafrost, haverá “diminuição do acesso por terra, mas aumento do acesso por mar. Para muitas paisagens interiores remotas, as perspectivas talvez surpreendentes que vejo são a redução da presença humana e seu retorno a um estado mais selvagem.” — Lawrence C. Smith, *The World in 2050: Four Forces Shaping Civilization’s Northern Future* (Nova York: Penguin, 2010), p. 170.

¹⁸ Parag Khanna *mapeia o futuro dos países*, TED, julho de 2009, (www.ted.com).

'lumpen' de diversas nacionalidades na América do início do século XX . Culturalmente dividido e sem recurso a sindicatos legais e outros órgãos de social-democracia, o sindicalismo informal militante poderia surgir no Novo Norte, possivelmente até mesmo informado pelo Anarquismo.

Os paralelos entre as antigas e as novas fronteiras são bem estabelecidos pelo climatologista Lawrence C. Smith.

[Uma] visão do Novo Norte hoje pode ser algo como a América em 1803, logo após a Compra da Louisiana da França. Ela também possuía grandes cidades alimentadas pela imigração estrangeira, com uma vasta e inóspita fronteira distante dos principais núcleos urbanos. Seus desertos, como a tundra ártica, eram severos, perigosos e ecologicamente frágeis. Ela também tinha ricas dotações de recursos de metais e hidrocarbonetos. Ela também não era realmente uma fronteira vazia, mas já ocupada por povos aborígenes que viviam lá há milênios.¹⁹

Embora a extensão da expansão civilizacional no "Novo Norte" seja, como muito na futurologia relacionada à mudança climática, atualmente desconhecida; a tendência em si parece um dado adquirido. Em alguns lugares, ela pode ser resistida, e com sucesso. Em outros, a arrogância do assentamento simplesmente falhará. Em muitos lugares, sua própria expansão traz possibilidades para aqueles que viveriam em novas aberturas ou em mundos antigos, porém mais quentes, do gerifalte.

¹⁹ Laurence C. Smith, *O mundo em 2050: quatro forças que moldam o futuro da civilização no Norte* (Nova Iorque: Penguin, 2010), p. 258.

7. Convergência e as novas majorias urbanas

Expectativa de vida e expectativas da 'vida moderna'

Em 2008, a humanidade passou por um marco significativo — mais de nossa espécie agora vive em cidades do que fora delas. Nem vou tentar adivinhar para onde exatamente — além da desnudação ecológica¹ — o crescimento das cidades está levando. Poderia ser as cúpulas de vidro brilhantes da fantasia de ficção científica, as águas pútridas do Makoko contemporâneo² ou as avenidas abandonadas imersas na selva das cidades maias. Com toda a probabilidade, isso leva na direção de todos os três e outros. Suspeita-se que ninguém saiba qual é a situação atual, muito menos para onde ela está indo. Como Mike Davis coloca;

Cidades muito grandes — aquelas com uma pegada ambiental global, não apenas regional — são, portanto, o produto final mais dramático, em mais de um sentido, da evolução cultural humana no Holoceno. Presumivelmente, elas deveriam ser o assunto da investigação científica mais urgente e abrangente. Elas não são. Sabemos mais sobre ecologia de florestas tropicais do que sobre ecologia urbana.³

A taxa de mudança é impressionante. Para ilustrar, tomemos as megacidades, aquelas com mais de 10 milhões de cidadãos. Embora não houvesse nenhuma em 1900, em meados da década de 1970 havia três megacidades, e entre então e 2007 o número cresceu para dezenove, com o total previsto para aumentar para vinte e sete até 2025. Isso é de 3 a 27 em cerca de 50 anos. No geral, desde o início da década de 1990, as cidades no (rapidamente) 'mundo em desenvolvimento' se expandiram em três milhões de pessoas por semana.⁴ Isso é aproximadamente equivalente a uma nova cidade do tamanho de Bristol, Bratislava ou Oakland *a cada dia*.⁵ Por enquanto, as majorias urbanas parecem destinadas a continuar se expandindo, pois as pessoas estão sujeitas a forças que as empurram e as afastam da agricultura e as levam para as liberdades e escravidão das metrópoles.

Enquanto a distância entre os mais ricos e os mais pobres financeiramente do globo continua a aumentar, as estatísticas da ONU mostram, no entanto, mudanças incríveis para grande parte da população mundial; mudanças de estilo de vida que muitas vezes não são refletidas em nenhuma mudança de paradigma comparável entre ativistas no mundo "desenvolvido". Como Hans Roesing apontou, o planeta é frequentemente visto como dividido entre:

¹ A tendência emergente, de ver as cidades como a salvação da natureza, é um absurdo cargueiro, apoiado por técnicas de contagem de carbono que ignoram a natureza inter-relacionada do industrialismo. Um bom exemplo recente desse pensamento falho é: Shanta Barley, 'Escape to the City', em *New Scientist* 6.11.2010, pp. 32–34. Notei que os editores o sinalizaram na capa como o artigo principal com o título 'Urban Utopia', que realmente diz tudo!

² Lagos, na Nigéria, abriga cerca de 20 milhões de pessoas e é uma das megacidades de crescimento mais rápido do mundo. Antigamente uma pequena vila de pescadores, Makoko cresceu e se tornou uma favela que abriga cerca de 100.000 pessoas, em grande parte em casas sobre palafitas na lagoa de Lagos. Como muitas favelas, a área é amplamente governada por gangues locais, em vez de estatais.

³ Mike Davis, *Cidades mortas e outros contos* (Nova Iorque: The New Press, 2002), p. 363.

⁴ Programa das Nações Unidas para os Assentamentos Humanos, *Estado das Cidades do Mundo 2008/2009* (Londres: Earthscan, 2008), citado em Laurence C. Smith, *O Mundo em 2050: Quatro Forças que Moldam o Futuro Setentrional da Civilização* (Nova Iorque: Penguin, 2010), p. 32.

⁵ Números populacionais retirados de censos estaduais. Bristol: 433.100 (Reino Unido 2001). Bratislava: 429.000 (Eslováquia 2006). Oakland: 446.901 (EUA 2010).

... nós e 'eles' e 'nós' é o Mundo Ocidental e 'eles' é o Terceiro Mundo. 'É o que você quer dizer com Mundo Ocidental?' Eu disse. 'Bem, isso é vida longa e família pequena, e Terceiro Mundo é vida curta e família grande.'⁶

Uma imagem tão simplista sempre obscureceu as diferenças de classe, culturais e regionais, mas havia alguma verdade nela. Não mais. As mudanças na expectativa de vida e no tamanho das famílias em todo o mundo são apenas as mudanças mais óbvias. Junto com elas, há enormes transformações na saúde geral (boas e ruins),⁷ programação infantil e o grau crescente de mercantilização das relações sociais. No entanto, mesmo em um planeta onde os acidentes de trânsito agora matam um número semelhante de pessoas que a malária, a velha imagem ainda persiste.⁸

Especialmente nas cidades em crescimento, revoluções sociais tangíveis (como o aumento da expectativa de vida) podem se combinar com mitos do sonho (não) americano impulsionados pela mídia para produzir expectativas irrealistas de "vida moderna". Tais expectativas encorajam tentativas de assimilação e submissão ao poder, mesmo que os inevitáveis conflitos de interesses de classe e a incapacidade do "sistema" de apresentar os bens prometidos dêem origem a fúrias. No lado positivo, muitas pessoas terão pelo menos vidas mais longas para experimentar a possibilidade do amor, bem como o inevitável deslocamento social e a crescente desigualdade de classe.

Mundos divergentes

Aqueles que veem essas transformações como magicamente levando as espécies em direção a uma convergência com base em onde essas tendências levaram o Ocidente⁹ estariam iludidos, mesmo sem os limites reais agora definidos pelas mudanças climáticas, escassez de recursos, etc. Para começar, alguns estimam que, mesmo se tomarmos essas tendências como certas, ainda permanecerá uma população rural se aproximando dos três bilhões em meados do século.¹⁰ Muitos desses fazendeiros, bem como muitos daqueles nas cidades, provavelmente viverão em economias estagnadas semelhantes aos países do "bilhão de baixo" hoje. Além disso, muitas dessas populações menos convergentes provavelmente estarão naqueles países comumente descritos como estados fracassados. É improvável que esses países "cresçam", principalmente graças às barreiras adicionais fornecidas pela ascensão (ou, mais precisamente, retorno) das potências globais da China e da Índia.¹¹ Conforme observado anteriormente¹², a presença dessas "grandes ilhas de caos"¹³ (Paul Collier, ex-Banco Mundial) traz possibilidades positivas e negativas — pelo menos da minha perspectiva anarquista. Parece provável, então, que em vez de uma convergência global, veremos o surgimento contínuo de mundos radicalmente divergentes — tanto entre nações quanto dentro delas.

Além disso, reversões repentinas de tendências, na saúde, por exemplo, podem surpreender. Basta olhar para a epidemia imprevisível de AIDS na África ou para o aumento dramático das taxas de mortalidade masculina na Rússia na década de 1990. Dentro da medicina e entre os planejadores de

⁶ Hans Rosling, *Hans Rosling mostra as melhores estatísticas que você já viu*. TED, fevereiro de 2006, (www.ted.com).

⁷ Ver: Christine McMurray e Roy Smith, *Doenças da Globalização: Transições Socioeconômicas e Saúde* (Londres: Earthscan, 2001).

⁸ 1,20 milhões e 1,27 milhões, respectivamente, em 2002. Tim Halliday e Basiro Davey, *Water and Health in an Overcrowded World* (Oxford: Oxford University Press, 2007), p. 39.

⁹ Como se 'nós' estivéssemos 'acabados'...

¹⁰ Laurence C. Smith, *O mundo em 2050: quatro forças que moldam o futuro da civilização no Norte* (Nova Iorque: Penguin, 2010), p. 35.

¹¹ "...o bilhão mais pobre terá que esperar muito tempo até que o desenvolvimento na Ásia crie uma lacuna salarial com o bilhão mais pobre, semelhante à enorme lacuna que prevalecia entre a Ásia e o mundo rico por volta de 1980. Isso não significa que o desenvolvimento no bilhão mais pobre seja impossível, mas o torna muito mais difícil. Os mesmos processos automáticos que impulsionaram o desenvolvimento asiático impedirão o desenvolvimento do bilhão mais pobre." — Paul Collier, *The Bottom Billion: Why the Poorest Countries are Failing and What Can Be Done About It* (Oxford: Oxford University Press, 2008), p. 86. Quer se veja o processo acima como 'automático', como Collier descreve, ou como uma expressão de interesses de classe (ou ambos), o tom básico de sua conclusão é persuasivo.

¹² Ver Capítulos 3, Tempestades no Deserto, e 4, Estradas Africanas para a Anarquia.

¹³ Paul Collier, *O Mil milhões de Baixo: Por que razão os países mais pobres estão a falhar e o que pode ser feito a esse respeito* (Oxford: Oxford University Press, 2008), p. 3.

elite, há um medo generalizado, e não infundado, de que as megacidades e os sistemas de produção de alimentos de hoje estejam se tornando incubadoras perfeitas para pandemias de ferocidade possivelmente sem paralelo.

Um resumo útil (embora simplista e, portanto, falso) pode ser que muitas pessoas nos países industrializados há muito tempo tendem a ainda manter uma visão de um único Terceiro Mundo que é muito menos industrializado do que grande parte dele, enquanto muitos nas economias emergentes do sul global veem seus futuros como muito mais otimistas e pré-determinados do que provavelmente são; e, finalmente, aquelas populações que (de uma perspectiva econômica padrão) estão no fundo, no futuro médio se parecerão muito com o que são agora, mas provavelmente viverão em ambientes menos hospitaleiros. O melhor que se pode dizer é que as tendências de convergência desiguais em muitos dos mundos em desenvolvimento continuarão (por enquanto) (mas não universalmente); que não há destinos dados e as viagens podem ser realmente acidentadas, principalmente devido à rivalidade entre poderes. As tendências que mencionei estão simultaneamente reunindo muito — mas de forma alguma toda — da humanidade, ao mesmo tempo em que geram divisão ilimitada. Nas palavras sempre alegres da Agência Nacional de Inteligência dos EUA, além de criar convergência, “...as tendências actuais parecem estar a caminhar para um mundo potencialmente mais fragmentado e conflituoso.”¹⁴

Sobrevivência nas favelas

Embora lugares diferentes sejam, por natureza, diferentes, uma quase constante em toda a metrópole em expansão são as favelas. Pelo menos um bilhão de pessoas já vivem nelas, um número que deve aumentar para dois bilhões em duas décadas e três bilhões de pessoas em meados do século. Isso significa que uma em cada três pessoas¹⁵ na Terra pode estar vivendo em terrenos urbanos não formalizados, em barracos, tendas, ferro corrugado, cortiços e lixo. Já em muitos países, os moradores de favelas constituem a maioria dos urbanos. 99,4% na Etiópia e Chade, 98,5% no Afeganistão e 92% no Nepal. Bombaim é a capital global de favelas com 10–12 milhões de invasores e moradores de cortiços, seguida pela Cidade do México e Dhaka com 9–10 milhões cada, depois Lagos, Cairo, Kinshasa-Brazzaville, São Paulo, Xangai e Delhi, todos com 6–8 milhões.¹⁶

Na primeira noite em que dormi em um bairro de invasores do Terceiro Mundo, me senti surpreendentemente em casa, como tenho certeza de que qualquer um que tenha vivido em ocupações (especialmente ocupações) no norte global se sentiria. A eletricidade malfeita, o ar de camaradagem, a sujeira, os cães por toda parte. Se os arcos amarelos brilhantes sinalizam a presença da globalização corporativa, então os abrigos construídos com lonas e paletes de plástico azul desbotados também agem como sinalizadores globais — desta vez você está entrando em mundos de invasores. Acordar com galinhas na sua cara denuncia um pouco o jogo que você provavelmente acordou no Terceiro Mundo, mas, dito isso, também aconteceu comigo no local no sul de Londres... A família com quem eu estava hospedado era adorável e havia tanta energia, criatividade e resiliência amontoadas nos becos dos barracos ao redor, que eu realmente *me senti* como se estivesse em uma Zona Autônoma Temporária.

Muito do que experimentei naquela comunidade me deixou estranhamente orgulhoso de ser humano, mas aqueles de nós que veem soluções como decorrentes da autonomia, informalidade, autoajuda e luta de classes podem cair na armadilha de ver o que queremos ver nas favelas. Não me entenda mal — todos esses motores estão presentes, mas também, em graus diferentes, todas as divisões intraclasses previsíveis, bem como o aprofundamento das opressões de classe. Por exemplo, só porque é uma favela — mesmo um assentamento de invasores — não significa que não tenha proprietários. Isso geralmente começa no nível mais baixo, com subdivisões, telhados e quartos alugados por moradores estabelecidos para recém-chegados. Como Mike Davis aponta (em seu livro caracteristicamente surpreendente e francamente angustiante *Planet of Slums*), “É a principal maneira pela qual as pessoas pobres urbanas podem

¹⁴ *Tendências Globais 2025: Um Mundo Transformado* (Washington: US National Intelligence Council, 2008), p.99, citado em Laurence C. Smith, *O Mundo em 2050: Quatro Forças que Moldam o Futuro do Norte da Civilização* (Nova Iorque: Penguin, 2010), p. 43.

¹⁵ Robert Neuwirth, *Shadow Cities: A Billion Squatters, a New Urban World (Cidades das Sombras: Mil Milhares de Invasores, um Novo Mundo Urbano)*. (Londres: Routledge, 2004).

¹⁶ Estatísticas das Nações Unidas citadas em: Mike Davis, *Planet of Slums* (Londres: Verso, 2007), p. 23.

monetizar seu patrimônio (formal ou informal), mas geralmente em um relacionamento explorador com pessoas ainda mais pobres”.¹⁷ Outros, desde gangsters a grandes promotores imobiliários, políticos, juntas e a classe média também entram em ação. Nas favelas de Nairobi, por exemplo, muitos dos que atrasam o pagamento da renda, mesmo que seja por um dia, enfrentam o terror do senhorio e dos seus capangas que aparecem para confiscar os seus escassos bens, despejá-los e pior. Os quenianos referem-se a estes senhorios simplesmente como 'Wabenzi' — aqueles com dinheiro suficiente para comprar um Mercedes-Benz.¹⁸

Se dissemos onde vivem muitas das crescentes maiorias urbanas, o que dizer sobre o que elas fazem, onde trabalham e para onde estão indo? As respostas são, obviamente, muito diversas e não vou fingir que sou capaz de dizer. O que direi é que muitos moradores de favelas podem ser vistos e se veem como em transição. Transição do campo para a cidade. De refugiado para trabalhador. De despossuído para proprietário. De morador de favela para outro lugar.

Esta narrativa é tão antiga quanto o capitalismo. Camponeses/trabalhadores agrícolas são despossuídos e acabam em favelas urbanas. No Ocidente, horrores sobre horrores se seguiram, eventualmente fabricando o trabalhador industrial¹⁹, mas não antes do quase século de revoluções nascidas na França em 1848 e morrendo na Espanha em 1938. Essas insurreições foram amplamente travadas por classes de transição um tanto semelhantes às de hoje, que no processo de serem proletarizadas viviam, “nem na sociedade industrial nem na sociedade de aldeia, mas no tenso e quase eletrizante campo de força de ambas”.²⁰ Embora esta grande história da evolução de classe no capitalismo inicial seja verdadeira (mais ou menos), as histórias que se desenrolam hoje não têm roteiro e não se deve presumir que compartilhem o mesmo 'final'.

Enquanto muitos nas favelas já trabalham no mundo da escravidão assalariada ou acabarão fazendo isso, muitos, muitos outros sobrevivem na chamada economia 'informal', um setor que em algumas cidades é muito maior (em termos de cativos humanos) do que a economia formal. Aqui temos um surgimento potencialmente explosivo de classes, vastas em número, que *não vão a lugar nenhum* e parecem ser excedentes às exigências do capitalismo. “Um proletariado sem fábricas; oficinas e trabalho, e sem patrões, na confusão dos biscates, afogando-se na sobrevivência e levando uma existência como um caminho através das brasas.”²¹

Graças à falta de saneamento, abastecimento de água e drenagem; a escassez de água e a propagação de doenças são alguns dos maiores problemas enfrentados atualmente por muitos moradores de favelas. Mesmo sem uma mudança climática massiva, o número de grandes desastres em áreas urbanas tem aumentado rapidamente e a maior parte desse crescimento é devido a tempestades e inundações.²² Sem bueiros, a futura destruição de muitos assentamentos de invasores parece inevitável, localizados como eles geralmente estão em áreas de maior risco de inundações. O poder de recuperação dessas comunidades é incrível, mas podemos presumir que as grandes inundações que virão provavelmente agravarão a crise social e a instabilidade.

Deuses antigos e novos céus

De longe, a experiência menos agradável que tive no bairro de invasores que mencionei antes foi ir a um culto dominical. Eu tinha conseguido me esquivar dos outros, mas dessa vez não havia escapatória. A igreja em si era o maior prédio do bairro e também foi construída em grande parte com sucata. Achei realmente perturbador ver tantas pessoas com quem passei tempo desabafando irracionalidade religiosa, encenando rituais inúteis e se submetendo à autoridade de pregadores, deus e das escrituras. A igreja tinha recebido algumas fitas de hinos de uma denominação pentecostal nos EUA e, portanto, fiquei

¹⁷ Mike Davis, *Planet of Slums* (Londres: Verso, 2007), p. 42.

¹⁸ Robert Neuwirth, *Shadow Cities: A Billion Squatters, a New Urban World* (Londres: Routledge, 2004).

¹⁹ Leopold Roc, *Domesticação Industrial: A Indústria como Origens da Dominação Moderna*. Biblioteca Anarquista (www.theanarchistlibrary.org).

²⁰ Murray Bookchin, citado durante uma descrição das classes de transição históricas e presentes em: *Abaixo o Império, Acima a Primavera!* (Te Whanganui a Tara/Wellington: Rebel Press, 2006), p. 150.

²¹ Patrick Chamoiseau, citado em Mike Davis, *Planet of Slums* (Londres: Verso, 2007), p. 174.

²² Camilla Toulmin, *Mudanças climáticas em África*. (Londres: International African Institute e Zed Books, 2009), pp. 70–118.

sentado ouvindo centenas de invasores que, embora o inglês não fosse sua primeira língua, cantavam hinos americanos com sotaques pseudo-americanos. Na verdade, no país em que eu estava, nenhuma livraria na capital (todas de propriedade de igrejas) vendia qualquer coisa que mencionasse evolução, muito menos revolução anarquista. É fácil para nós, de sociedades com altas porcentagens de ateísmo, subestimar o nível de religiosidade que está misturado ao industrialismo no hemisfério sul, onde, pelo menos entre os pobres, eles frequentemente se reforçam em conjunto.

Grande parte da política radical é religião por outros meios, mas nas favelas, e entre os despossuídos em geral, os deuses antigos estão crescendo em estatura. Embora as seitas possam diferir em seu grau de quietismo ou militância, elas compartilham uma irrealdade que dificilmente ajudará a capacidade de leitura de mapas dos oprimidos em tempos verdadeiramente confusos. O caso mais amplo contra a religião foi bem argumentado em outro lugar²³, então não vou me incomodar, mas vale a pena notar que, embora os "competidores" intraclassistas mais organizados dos anarquistas ocidentais sejam grupos políticos, em muitos terceiros mundos, os anarquistas são confrontados pelas fileiras cada vez mais fortalecidas da teocracia. Isso é claro nos lugares onde os anarquistas existem, que — embora crescentes — ainda não são muitos. Em contraste, os autoritários religiosos parecem estar ganhando adeptos em todos os lugares e, geralmente, quanto maior o deslocamento social, melhor o recrutamento.²⁴ No capítulo 4 (*African Roads to Anarchy*) nós olhamos para a expansão da provisão social não estatal à medida que os governos se retraem de compromissos anteriores — em parte devido ao ajuste estrutural e coisas do tipo. Entre a dor óbvia que isso cria, eu aponte para as possibilidades que isso abre para as forças sociais libertárias. Infelizmente, em favelas de Kinshasa a Gaza, são os autoritários religiosos que estão mais frequentemente tirando vantagem desse potencial para construir um poder dual (ou multi) através da provisão de saúde e cuidados gerais, e isso é frequentemente feito junto com o aumento da capacidade armada. A terrível herança de fracassos e sucessos esquerdistas apenas deixou o campo aberto para o crescimento de autoridades teocráticas milenares entre as favelas e "grandes ilhas de caos".

Se muitos dos pobres estão vivendo em condições infernais, e depositando sua confiança no milênio ou na vida após a morte, as elites e classes médias estão cada vez mais vivendo em paraísos protegidos modelados nos subúrbios fechados dos EUA. Aqui, argumenta Mike Davis, eles estão construindo (ou mais precisamente mandando construir para eles) 'Out-worlds' no estilo *Blade Runner*, longe dos mundos desordenados e perigosos dos despossuídos. Enquanto alguns desses 'out-worlds' são tão 'off' que os pobres estão muito, muito longe, a maioria está potencialmente ao alcance. Como a África do Sul do Apartheid (ou a África do Sul hoje, para esse ponto), esses paraísos ainda precisam de trabalhadores — faxineiros, jardineiros, motoristas de van e seguranças — muitos dos quais vivem nos infernos ao redor. Como os oligarcas envenenados do Haiti²⁵ poderiam lhe dizer, isso, apesar do CCTV, não é tão seguro quanto parece.

Com mundos tão divididos — e cidades tão divididas — revoltas e conflitos generalizados estão sempre nos planos. Estrategistas militares têm previsto revoltas e guerras de guerrilha nas cidades inchadas há décadas, e até certo ponto já as estamos vendo à la batalhas em *Revolution/Sadr City* e similares. A combinação de disparidade de renda sem paralelo, privação, aglomeração e a disseminação

²³ "A ideia de Deus implica a abdicação da razão e da justiça humanas; é a negação mais decisiva da liberdade humana e termina necessariamente na escravização da humanidade, na teoria e na prática... se deus realmente existisse, seria necessário aboli-lo." — Mikhail Bakunin, *God and the State* (Nova Iorque: Dover Publications, 2003). Ver também: Richard Dawkins, *The God Delusion* (Londres: Black Swan, 2007).

²⁴ Seria muito simplista culpar tudo isso ao industrialismo, mas relações claras podem ser vistas — por exemplo, aquela demonstrada por Vandana Shiva entre a disseminação da revolução verde e o crescimento de movimentos comunialistas fundamentalistas na Índia. Se alguma coisa, a guerra alimentada pelo coltan no Congo e a subsequente disseminação de cultos nativos/pentecostais carismáticos empenhados em resolver seus problemas através da expulsão de dezenas de milhares de "bruxas crianças" é um sinal ainda mais assustador do casamento do moderno e do mágico.

²⁵ Contorcendo-se em agonia, com o braço perdido numa usina de açúcar, o escravo Francois Makandal teve uma visão milenarista de gloriosas cidades negras livres haitianas. "Imediatamente após sua mutilação, Makandal assumiu o papel de profeta e construiu um considerável número de seguidores no norte de Limbe. Em 1740, Makandal fugiu para os Maroons e usou suas redes secretas para construir uma força de milhares em todo o Haiti, infiltrando-se em cada casa e plantação e levando veneno para cada uma, adaptado da tradição da África Ocidental às circunstâncias locais. Dependente de seus servos, a plantocracia estava desamparada, pois um dia seu gado morria, no outro seus animais domésticos, finalmente eles próprios e suas famílias. 6.000 foram mortos antes que Makandal terminasse." — John Connor, *Children of Guinea: Voodoo, The 1793 Haitian Revolution and After* (Londres: Green Anarchist Books, 2003), p. 11.

de gangues criminosas e grupos milenares é uma mistura inebriante. Como diz um relatório de um think tank do Exército dos EUA:

Características distintivas das maiores ou chamadas 'cidades do mundo'... incluem marcada polarização econômica e social e intensa segregação espacial. Também encontramos o que provavelmente é um efeito dessas condições; a grande variedade de atores anti-estado. Anarquistas, criminosos, despossuídos, intrometidos estrangeiros, oportunistas cínicos, lunáticos, revolucionários, líderes trabalhistas, cidadãos étnicos... e outros podem formar alianças de conveniência. Eles também podem cometer atos de violência e lidar com ideias que provocam outros... Análises que se concentram em um único fio do tecido da violência — que isolam a rivalidade étnica, máfias ou quadros revolucionários — podem subestimar o poder disruptivo que esses fenômenos ganham quando coincidem. Problemas não virão como soldados isolados; eles virão em batalhões.²⁶

Então, os militares (e as forças policiais militarizadas) estão lutando e se preparando para o conflito nas novas selvas urbanas não mapeadas. Claro, se as cidades fossem simplesmente negativas para os governos, eles não teriam passado milhares de anos ordenando sua construção. Há razões pelas quais os estados geralmente gostam de concentrar seus súditos. A "tentativa mais famosa de urbanização militarizada moderna foi a realizada pelo exército dos EUA no Vietnã. Sua derrota não deve mascarar a lógica de sua tentativa de 'drenar o mar' e, assim, deixar o Vietcong exposto. Exemplos mais amplos de como as favelas impedem a insurgência abundam. Como Charles Onyango-Obbo diz:

No caso do Quênia, as favelas — apesar de todos os seus riscos — são na verdade uma força estabilizadora. As pressões criadas pela grande desapropriação de terras no Quênia pelos colonialistas, que continuou após a independência, foram parcialmente absorvidas pelas favelas de Nairobi... Sem elas, talvez tivesse havido uma segunda revolta Mau Mau.²⁷

Plantas errantes em ecossistemas urbanos

Apesar de serem ferramentas de domesticação, há possibilidades selvagens nas cidades, como em quase todos os lugares. Seu lugar como terreno exclusivo de poder é uma ilusão generalizada, mesmo que seja apoiada por fatos violentos. Nenhum lugar é totalmente civilizado. Para começar, como diz o teórico do Exército dos EUA citado acima, "... o ambiente urbano oferece anonimato individual, um fator que pode ser de grande utilidade para o anarquista."²⁸ As últimas duas décadas viram o surgimento de uma 'terceira onda' de anarquistas em muitas das Cidades do Mundo: Manila, Jacarta, Cidade do México, Lagos, Seul, Buenos Aires, Istambul, Déli e muitas outras, com um crescimento verdadeiramente notável especialmente na América Latina. Aqui parece que temos o início de um retorno ao florescimento de diversos Anarquismos transnacionais que nos caracterizaram há um século.²⁹ Que isto esteja a acontecer *como parte* da globalização e do crescimento das cidades não é surpreendente, dado que as sementes do *movimento social* Anarquismo são largamente transportadas pelo planeta nas caudas do capitalismo e muitas vezes crescem melhor, como ervas daninhas, em solo perturbado. Como Richard Mabey afirmou, a civilização divide a vida em:

²⁶ Geoffrey Demarest (US Army Foreign Military Studies Office, Fort Leavenworth), 'Geopolitics and Urban Armed Conflict in Latin America', em, *Small Wars and Insurgencies*, Vol.6, No.1 (Londres: Routledge, 1995). Este artigo está um pouco desatualizado (máquinas de fax como ameaça à rede!), mas definitivamente vale a pena ler, não menos importante como uma boa ilustração da circularidade do pensamento sobre a possibilidade insurrecional. Eu o li como Mike Davis (que é um socialista revolucionário) faz referência a este estudo em seu livro de 2006 *Planet of Slums*, mas é perceptível que uma grande parte de sua tese é do livro anterior de Davis (que ele cita) *City of Quartz...*

²⁷ Charles Onyango-Obbo, 'Kibera. São os ricos das cidades que mais precisam das favelas', *Daily Nation*, artigo de opinião de 8 de julho de 2009.

²⁸ Geoffrey Demarest (Gabinete de Estudos Militares Estrangeiros do Exército dos EUA, Fort Leavenworth), 'Geopolítica e Conflito Armado Urbano na América Latina', em, *Small Wars and Insurgencies*, Vol.6, No.1 (Londres: Routledge Spring 1995).

²⁹ Jason Adams, *Anarquismos não ocidentais: repensando o contexto global* (Joanesburgo: Zabalaza Books, 2003).

... dois campos conceitualmente diferentes: aqueles organismos contidos, administrados e criados para o benefício dos humanos, e aqueles que são 'selvagens', continuando a viver em seus próprios territórios, mais ou menos, em seus próprios termos. As ervas daninhas ocorrem quando essa compartimentação organizada se rompe. O selvagem invade nossos domínios civilizados e o domesticado escapa e se descontrola.³⁰

Anteriormente, vimos algumas anarquias contínuas, ainda que sitiadas, que continuam a viver “em seus próprios territórios, mais ou menos em seus próprios termos”. Embora desde o nascimento a maioria de nós nas cidades tenha sido “contida, administrada e criada” para o benefício dos outros, as possibilidades de fuga estão frequentemente presentes. Há rachaduras no pavimento e nosso crescimento pode alavancá-las mais amplamente. Na maioria dos lugares, ao fazer isso, é improvável que destruamos o concreto completamente, mas podemos abrir mais espaços para crescermos juntos.

Em alguns sentidos, as plantas vagabundas estão “do outro lado”; elas estão vivendo em oposição à cidade, mas são simultaneamente parte do ecossistema urbano abrangente. Vê-las isoladamente sem ver implicitamente seus vínculos e interações dentro da comunidade mais ampla seria tolice. O mesmo pode ser dito daqueles de nós com ambições selvagens — como anarquistas urbanos, somos conscientemente “outros” enquanto intrinsecamente dentro dos ecossistemas mais amplos — tanto humanos quanto além. Anarquistas em todos os mundos urbanos estão cultivando suas próprias contraculturas *enquanto* lutam ativamente em lutas sociais e ecológicas mais amplas, dentro e ao lado de trabalhadores em greve, povos indígenas, organizações de mulheres, migrantes, comunidades de favelas e inúmeros outros. No entanto, basta olhar para a repressão recente enfrentada por anarquistas no Chile e em outros lugares para lembrar que ser “grama entre as rachaduras” é perigoso — o herbicida está sempre a caminho. A solidariedade internacional prática às vezes é útil, mas será o vigor das próprias plantas e quão adequado é seu ambiente que determinará principalmente se elas se firmarão. Se, como muitos teóricos do poder de elite temem, as cidades em rápida expansão e em grande parte não planejadas do sul global são terreno fértil para o crescimento da anarquia, a era das megacidades será realmente interessante. Que rebeliões aguardam? Que ideologias serão inventadas? Como as humanidades se sentirão e se verão após essa desconexão massiva da terra? Todas essas cidades permanecerão no final do século ou serão uma floração transitória?

“Viva ainda as ervas daninhas e a natureza selvagem.”³¹ Analisámos brevemente as monoculturas urbanas em expansão, mas o que dizer do seu oposto, as regiões selvagens biodiversas sitiadas? Como é que as alterações climáticas, os conflitos, a expansão e a contracção civilizacionais as afectarão? O que podemos nós, as ervas daninhas, fazer para defender a natureza selvagem?

³⁰ Richard Mabey, *Ervas daninhas: como as plantas errantes invadiram a civilização e mudaram a maneira como pensamos sobre a natureza* (Londres: Profile Books, 2010), p. 21.

³¹ Gerard Manley Hopkins, 'Inversnaid', em, *Poemas e Prosa* (Londres. Penguin Classic, 2008), p. 50.

8. Conservação em meio à mudança

Apocalipses agora

Enquanto a sociedade de classes existir, a guerra contra a natureza selvagem continuará — elas são uma e a mesma coisa. A resposta ideal para a pergunta feita no final do capítulo anterior, "o que nós, as ervas daninhas, podemos fazer para defender a natureza selvagem?" seria: tornar selvagem novamente onde estamos (e a nós mesmos) na medida em que as falsas divisões das civilizações estejam crescidas demais. Eu digo *ideal* porque, por todas as razões já descritas e mais, na maioria dos lugares é improvável que vejamos uma transcendência ecológica.

Mas se o milênio é um mito, os apocalipses parecem cada vez mais realidades em desenvolvimento. Muitos temem, compreensivelmente, que as florestas tropicais possam morrer no futuro devido à seca induzida pelas mudanças climáticas,¹ mas o fato é que hoje muitas delas já estão sendo desmatadas e queimadas para dar lugar à agricultura — ainda o principal impulsionador do desmatamento tropical. A agricultura já substituiu a vida selvagem em cerca de 40% da superfície terrestre da Terra², então para os animais, insetos, pessoas e plantas que ela substituiu, o apocalipse já chegou. Adicione o sequestro geral dos serviços ecossistêmicos e a pilhagem contínua de terras selvagens para corpos de animais, troncos de árvores, água, minerais e qualquer outra coisa que possa ser transformada em um "recurso natural", e a civilização industrial está efetivamente tentando uma tomada de controle sustentada, cega e extremamente prejudicial do Sistema Terrestre. Como parte desse processo, a mudança climática antropogênica provavelmente será um ampliador de força.

"A destruição do habitat inclui a fragmentação do habitat, um fator particularmente problemático sob as mudanças climáticas. E o problema das espécies exóticas e invasoras, tão favorecidas por perturbações não naturais, só é maior quando as mudanças climáticas são adicionadas... O impacto das mudanças climáticas neste mundo fortemente fragmentado pode ser imenso."³

Quão imenso? Ninguém sabe realmente, embora muitos estejam tentando descobrir.⁴ Embora haja muita incerteza sobre os detalhes, a maioria dos biólogos conservacionistas provavelmente concordaria que, a menos que "ações [sejam] tomadas rapidamente, o sexto grande evento de extinção na Terra será garantido por um habitat cada vez mais fragmentado combinado com a dinâmica biológica resultante das mudanças climáticas".⁵ Algumas vozes vão mais longe. Como Stephen M. Meyer aponta em *The*

¹ Tal como acontece com muitas coisas relacionadas com as alterações climáticas, as narrativas sobre os efeitos que o aquecimento global futuro pode ter nas florestas tropicais variam entre o positivo e o apocalíptico. Para uma boa visão geral, veja o excelente: Simon L. Lewis, 'Tropical forests and the changing earth system', em, *Philosophical Transaction of the Royal Society B* (2006) 361, 195–210.

² Garry Peterson, 'Limites ecológicos da adaptação às alterações climáticas', em, W Neil Adger et al *Adaptação às alterações climáticas: limiares, valores, governação* (Cambridge: Cambridge University Press, 2009), p. 31.

³ TE Lovejoy, 'Conservação com um clima em mudança', em, *Mudanças climáticas e biodiversidade* (New Haven: Yale University Press: 2006), pp. 325–326.

⁴ Podemos olhar para as florestas tropicais — esses grandes reservatórios de diversidade — em particular. "As projeções para 2050 estimam 10% de extinção (ou seja, espécies comprometidas com a extinção) de todas as espécies de florestas tropicais com base apenas na perda de habitat, mas uma extinção muito maior de 24% em cenários projetados de mudanças climáticas de médio alcance." — 'Biodiversity in a changing world', em, Jaboury Ghazoul e Douglas Sheil eds., *Tropical Rain Forest Ecology, Diversity, and Conservation* (Oxford: Oxford University Press, 2010), p. 356. Cenários de emissões piores elevam esse número horrendo para 37% em um modelo. — Laurence C. Smith, *The World in 2050: Four Forces Shaping Civilization's Northern Future* (Nova York: Penguin, 2010), p. 138.

⁵ 'Níveis de gases com efeito de estufa e biodiversidade', em Thomas E. Lovejoy e Lee Hannah, eds., *Alterações climáticas e biodiversidade* (New Haven: Yale University Press: 2006), p. 395.

End of the Wild, as taxas de extinção — muito antes de mudanças climáticas significativas ocorrerem — já estão na ordem de 3.000 espécies por ano e acelerando rapidamente. A situação é realmente terrível.

Ao longo dos próximos 100 anos ou mais, cerca de metade das espécies da Terra, representando um quarto do estoque genético do planeta, desaparecerão funcionalmente, se não completamente... Nada — nem leis nacionais ou internacionais, nem reservas biológicas globais, nem esquemas de sustentabilidade local, nem mesmo fantasias de "terras selvagens" — pode mudar o curso atual. O amplo caminho para a evolução biológica está agora definido para os próximos milhões de anos. E, nesse sentido, a crise de extinção — a corrida para salvar a composição, estrutura e organização da biodiversidade como ela existe hoje — acabou, e nós perdemos.⁶

Não sei sobre você, mas quando li a última frase pela primeira vez foi um choque, e vale a pena ler mais de uma vez. "A crise da extinção — a corrida para salvar a composição, estrutura e organização da biodiversidade como ela existe hoje — acabou, e nós perdemos." A posição geral de Meyer é que, na antropocena, espécies *não domesticadas* são efetivamente divididas em Espécies Daninhas ou Relíquias, com muitas das Espécies Relíquias rapidamente se tornando, na melhor das hipóteses, Fantasmas.

As espécies daninhas "prosperam em ambientes continuamente perturbados e dominados por humanos", enquanto as espécies relíquias vivem "nas margens em números cada vez menores e distribuição espacial em contração... As espécies relíquias não prosperam em ambientes dominados por humanos — que agora cobrem quase o planeta". Meyers argumenta que, "para sobreviver fora dos zoológicos, as relíquias exigirão nosso gerenciamento permanente e direto". As relíquias que não recebem tanta atenção de conservação, e mesmo muitas que recebem, entrarão, se não forem imediatamente extintas, nas fileiras das espécies fantasmas. Essas espécies são "organismos que não sobreviverão em um planeta com bilhões de pessoas, por causa de suas habilidades e de nossas escolhas. Elas são fantasmas porque, embora pareçam abundantes hoje e possam de fato persistir por décadas, sua extinção é certa, além de alguns espécimes em zoológicos ou amostras de DNA arquivadas em laboratório".⁷

Muitas das plantas e animais que percebemos como saudáveis e abundantes hoje são, na verdade, relíquias ou fantasmas. Essa aparente contradição é explicada pelo fato de que a perda de espécies não é um processo linear simples. Muitas décadas podem passar entre o início do declínio e o colapso observável de uma estrutura populacional, especialmente quando formas de vida de vida moderada a longa estão envolvidas. Os biólogos da conservação usam o termo "dívida de extinção" para descrever essa lacuna entre a aparência e a realidade. No século passado, acumulamos uma vasta dívida de extinção que será paga no próximo século. O número de plantas e animais aumentará à medida que a dívida de extinção vencer.⁸

“A conservação é o nosso governo”

Então, que estratégias os conservacionistas estão criando para proteger a biodiversidade, a vida selvagem e os serviços ecossistêmicos em meio às mudanças climáticas? A principal resposta proposta ainda parece ser as áreas protegidas,⁹ mas com uma proteção maior para sua matriz circundante e com um olho no fluxo e no aumento da gestão intervencionista. Claro, colocar uma placa de parque em um

⁶ Stephen M. Meyer, *O fim da natureza selvagem* (Cambridge: Massachusetts Institute of Technology Press, 2006), p. 4.

⁷ Stephen M. Meyer, *O fim da natureza selvagem* (Cambridge: Massachusetts Institute of Technology Press, 2006), pp. 9–14.

⁸ Stephen M. Meyer, *O fim da natureza selvagem* (Cambridge: Massachusetts Institute of Technology Press, 2006), p. 16.

⁹ “As áreas protegidas são o componente mais importante e mais eficaz das estratégias de conservação atuais... Há fortes razões para acreditar que elas continuarão a ser centrais nas estratégias de conservação projetadas para as mudanças climáticas... A área sob proteção está se expandindo, enquanto o habitat não perturbado restante está diminuindo, de modo que, quando os impactos das mudanças climáticas forem pronunciados, as áreas protegidas podem representar a maioria das áreas naturais restantes do planeta. As áreas protegidas fornecem o habitat natural menos perturbado e, portanto, a melhor esperança de resposta natural (por exemplo, mudanças de alcance) às mudanças climáticas. Consequentemente, as áreas protegidas desempenharão um papel dominante nos esforços para conservar a biodiversidade no futuro, como fazem agora.” — Lee Hannah e Rod Salm, 'Protected Areas Management in a Changing Climate', em, Thomas E. Lovejoy e Lee Hannah, eds., *Climate Change and Biodiversity* (New Haven: Yale University Press: 2006), p. 363.

habitat não resulta automaticamente em preservação; em um mundo cada vez mais lotado, é quase uma forma de publicidade. Como Meyer coloca, “as reservas biológicas se tornaram os campos de caça preferidos para caçadores furtivos e comerciantes de carne de caça: é, afinal, onde os animais estão.”¹⁰ Embora a predação seja em grande parte de humanos comendo a vida selvagem, chegou ao ponto em que o conflito entre espécies também se inverte. “Em Mumbai, moradores de favelas penetraram tanto no Parque Nacional Sanjay Gandhi que alguns estão sendo rotineiramente comidos por leopardos (dez somente em junho de 2004): um gato furioso até atacou um ônibus da cidade.”¹¹

Tentativas de superar tais divisões intrínsecas de ‘humano civilizado versus natureza selvagem’ com projetos de conservação como desenvolvimento, esquemas de geração de renda comunitária de ecoturismo e similares tiveram algum sucesso, mas não muito. Frequentemente, eles simplesmente monetizaram relacionamentos existentes com a terra, geraram ressentimento e instilaram outra camada de burocracia sobre as cabeças das pessoas locais com ganhos marginais de conservação.¹² Mais bem-sucedido, embora seja horrível admitir, tem sido o cercamento em larga escala — incluindo às vezes a expulsão¹³ — de pessoas de paisagens, e seu policiamento contínuo por guardas florestais. Mas deixando a ética de lado por um momento, esse ‘modelo Yellowstone’ parece cada vez mais impraticável sem injeções significativas de recursos, aumento da militarização e uma expansão da cobertura de terra. Nenhum dos quais parece particularmente provável em grande parte do planeta.

Ambas as grandes ideias da conservação — parques e projetos de conservação como desenvolvimento — são efetivamente formas de governo sobre pessoas que presumem uma ecologia estática ameaçada por uma população humana em fluxo. Em uma Terra modificada pela mudança climática, onde os ecossistemas estão em fluxo (eles sempre estiveram, mas não tão rapidamente); a resposta óbvia de uma perspectiva de conservação convencional é expandir para abranger a gestão/governo sobre sistemas humanos na matriz da paisagem *ao redor* das reservas e a gestão/governo dos ecossistemas *dentro* das reservas. No geral, “as estratégias de gestão provavelmente terão que ser mais inovadoras e mais intervencionistas”.¹⁴

Já sabemos um pouco do que isso vai começar a parecer — basta olhar para a natureza incrivelmente intervencionista da maior parte da conservação britânica. A biorregião onde vivo é, no contexto da Europa temperada, biodiversa, mas é fortemente administrada, em parte por conservacionistas. Dada a fragmentação do habitat existente, provavelmente seria desastroso se tal gestão parasse.¹⁵ Efetivamente, na minha biorregião é uma escolha ridícula entre terra selvagem (ou seja, autodeterminada) e biodiversidade. De uma perspectiva ambiental radical (para não mencionar uma com um olho na biogeografia de ilhas), a solução seria reverter a *gestão* humana do habitat em uma área grande o suficiente para que os ecossistemas pudessem funcionar efetivamente. Realisticamente, agora parece mais provável que grande parte das áreas selvagens do mundo se assemelharão cada vez mais à minha biorregião do que minha biorregião se assemelhará às áreas selvagens do mundo.

É provável que haja muito trabalho para os gestores de conservação com estômago para a necessária interferência infinita, mas não é o tipo de conservação que Aldo Leopold reconheceria. Mesmo que tal expansão massiva da governança por conservacionistas sobre a humanidade e áreas protegidas seja realizada (duvidoso), a menos que haja uma desaceleração significativa da mudança climática (o que

¹⁰ Stephen M. Meyer, *O fim da natureza selvagem* (Cambridge: Massachusetts Institute of Technology Press, 2006), p. 49.

¹¹ Mike Davis, *Planet of Slums* (Londres: Verso, 2007), p. 136.

¹² Para uma crítica antropológica perspicaz de um projecto de conservação como desenvolvimento, ver: Paige West, *Conservation is Our Government Now: The Politics of Ecology in Papua New Guinea* (Durham: Duke University Press 2006).

¹³ Para uma boa (embora antropocêntrica) análise do envolvimento do Estado por parte de organizações de conservação e dos conflitos resultantes com os povos indígenas, especialmente através da criação de Parques Nacionais, ver: Marcus Colchester, *Salvaging Nature: Indigenous Peoples, Protected Areas and Biodiversity Conservation* (Genebra: Instituto de Investigação das Nações Unidas para o Desenvolvimento Social com o Movimento Mundial pelas Florestas Tropicais, 1994).

¹⁴ Lee Hannah e Rod Salm, ‘Gestão de áreas protegidas num clima em mudança’, em Thomas E. Lovejoy e Lee Hannah, eds., *Climate Change and Biodiversity* (New Haven: Yale University Press: 2006), p. 370.

¹⁵ Isso não quer dizer que tudo faça sentido. Grande parte da conservação do Reino Unido é simplesmente bagagem de regimes de gestão anteriores ou é distorcida para favoritos particulares (flores florestais como exemplo) em vez de orientada para uma abordagem de sistema completo. Para uma crítica antiga, mas infelizmente ainda relevante, veja: Clive Hamblen e Martin R Speight, ‘Biodiversity Conservation in Britain: Science Replacing Tradition’, em *British Wildlife*, 6 (3) pp. 137–148.

suspeito que não acontecerá tão cedo), a biodiversidade será afetada “de maneiras que eventualmente se tornarão impossíveis de gerenciar”.¹⁶

Alguns anos atrás, um velho amigo e camarada me disse, com tristeza óbvia nos olhos, que a Terra precisará de gerenciamento ativo pelos próximos 1.000 anos. Em alguns sentidos, ele provavelmente está certo; o truque do governo sempre foi criar problemas para os quais somente ele pode ser a solução. Embora duvide de sua eficácia, eu, por exemplo, não condenarei aqueles que — motivados pela paixão biocêntrica — seguem esse caminho. No entanto, para aqueles que não estão dispostos a se afastar de sua ética central em torno da liberdade/selvageria/anarquia, outras opções permanecem, por mais estreitas que sejam.

Controle de danos

Ação, ação de qualquer tipo. Deixe nossa ação definir os pontos mais sutis de nossa filosofia...
Deste planeta, da terra surgiu uma sociedade de guerreiros, mulheres e homens que estão plantando suas lanças no chão e estão tomando uma posição... Nosso trabalho é controlar os danos.

— Dave Foreman¹⁷

Ainda há lugares e povos que a civilização ainda não conquistou e nesses lugares linhas podem ser traçadas e batalhas travadas. A resistência ecológica espalhada pelo planeta tem sido inspiradora e frequentemente eficaz.

Pessoas diferentes usam diferentes sistemas de definição de prioridades para escolher onde plantar suas lanças, sendo o mais comum o mais simples — onde posso alcançar e onde amo? Para muitos, as respostas para as perguntas de como e onde defender a natureza serão óbvias, os agentes locais de destruição claros, comunidades despertadas, lugares a serem ocupados disponíveis, coisas a serem destruídas visíveis. A questão então é simplesmente agir.

No entanto, muitos ecossistemas selvagens (e os povos não civilizados que fazem parte deles) têm poucos (se houver) aliados e muitos guerreiros em potencial vivem em lugares com pouca selvageria para defender, ou com pouca chance de vitória. Dada a escala do ataque ao Sistema Terra/Gaia/Mãe Terra, alguns sistemas de definição de prioridades exigem maior foco em áreas específicas.¹⁸ Além disso, fortes desejos pessoais de responder ao chamado da selva buscando aventura, fuga, comunidades em dificuldades e conflito também levam as pessoas a buscar outros terrenos. Com o objetivo de auxiliar tais escolhas, vamos mapear algumas vantagens que se tornam claras quando aceitamos que a situação é tão ruim quanto provavelmente é. Dado que estamos em uma situação bem ruim, parece útil transformar desvantagens em vantagens.

¹⁶ 'Níveis globais de gases com efeito de estufa e o futuro da biodiversidade', em Thomas E. Lovejoy e Lee Hannah, eds., *Climate Change and Biodiversity* (New Haven: Yale University Press: 2006), p. 390.

¹⁷ Dave Foreman, falando sobre o filme *Earth First: The Politics of Radical Environmentalism*, produzido por Christopher Manes, 1987.

¹⁸ Como tem sido amplamente argumentado, há uma necessidade de maior defesa ecológica tanto nos “pontos críticos de biodiversidade” (34 regiões com alta diversidade biológica sob ameaça iminente) quanto nas últimas grandes áreas selvagens tropicais (Amazônia, Nova Guiné, Congo), bem como no mar. A escala da crise atual e a probabilidade de futuras mudanças climáticas massivas podem agora dar peso ao argumento que pede um foco de “guerra longa” nas últimas grandes áreas selvagens, mas provavelmente ainda não é hora de desistir completamente dos pontos críticos. Também é perfeitamente concebível que se o Sistema Terrestre estiver se movendo para um estado quente, então até mesmo a estratégia de “guerra longa” está um tanto quanto fora de questão.

Ho hum. Para um resumo atualizado dos pontos críticos — www.biodiversityhotspots.org. Para uma crítica, veja: Peter Kereiva e Michelle Marvier, 'Conserving Biodiversity Coldspots', em *American Scientist*, Volume 91 (2003), pp. 344–351. No final, a análise numérica só leva a uma conclusão; independentemente da “importância” global relativa de um ecossistema, é o nosso desejo de fazer parte dele e nos tornarmos sua defesa que nos leva à ação, seja uma floresta tropical do outro lado do planeta ou um terreno baldio em processo de regeneração selvagem no fim da rua.

Vantagem — Somos pequenos em número, mas os problemas são grandes.

A primeira desvantagem que pode ser contornada é o simples fato de que poucas pessoas estão dispostas a se comprometer a defender a natureza, poucas são libertárias e menos ainda conseguem viajar para longe de casa, ou investir tempo e recursos em ações solidárias ou arrecadação de fundos. Quando isso é somado à escala do problema global e ao número e diversidade de batalhas, uma *vantagem* óbvia aparece. Os problemas superam em muito aqueles de nós que desejam enfrentá-los de nossa perspectiva e, portanto, deveríamos ser capazes de nos concentrar apenas nas batalhas que mais refletem nossa ética. Podemos deixar a maioria dessas situações mais confusas, que abundam na conservação, para quando as lutas que não levantam contradições significativas para nós forem "resolvidas". Isso provavelmente nunca acontecerá.

Vantagem — A civilização é genocida e também ecocida.

Alguns povos indígenas, movidos por uma ética de terra profundamente arraigada, defendem voluntariamente as comunidades selvagens biodiversas das quais fazem parte do desenvolvimento. Outros são forçados a fazê-lo, pois, certa ou erradamente, os estados frequentemente os veem como impedimentos ao progresso, ou simplesmente querem destruir seu habitat para cercar sujeitos humanos, outros "recursos naturais" e território. De qualquer forma, a natureza genocida da civilização garante que a resistência de comunidades indígenas minoritárias das montanhas de Orissa às florestas da Amazônia seja frequentemente a melhor defesa de um ecossistema. Solidariedade e luta conjunta com tais povos é frequentemente a estratégia mais bem-sucedida para a defesa da vida selvagem e que geralmente envolve poucos compromissos e contradições para libertários biocêntricos.

Vantagem — Os orçamentos para conservação em grande parte do mundo são pequenos.

Não é totalmente atípico que em pouco mais de 25 anos o poder de compra do salário de um oficial florestal (um posto de pós-graduação) no serviço florestal de Uganda tenha caído em 99,6%.¹⁹ Tais situações permitem que pequenas quantias de dinheiro externo tenham um impacto significativo se cuidadosamente direcionadas. A Sea Shepherd conseguiu ganhar influência e fortalecer a conservação nas Ilhas Galápagos fornecendo fundos, equipamentos e suporte técnico ao Serviço de Parques — que anteriormente sofria tanto de negligência inadvertida quanto de subfinanciamento proposital para prejudicar sua chance de interferir na pesca industrial no estilo mafioso apoiada por políticos.²⁰ Os guardas florestais em algumas das reservas mais importantes do planeta geralmente estão mal armados e sofrem baixas significativas com pouco apoio externo. Por exemplo, 158 guardas florestais congolezes foram mortos ao longo de 10 anos defendendo habitats de gorilas da montanha, e pequenas quantias de dinheiro — principalmente para apoiar famílias enlutadas — estão fazendo uma diferença real na sustentabilidade de projetos e comunidades.²¹

Vantagem — Muitas pessoas são racistas

Muitos fora do "ocidente" acreditam que *todos* aqueles de lá — especialmente (mas não somente) aqueles com privilégio de pele branca — possuem poderes políticos/econômicos que eles não têm. Essa ilusão (por mais infeliz que seja de uma perspectiva anti-imperialista) pode ser de grande utilidade. Por exemplo, uma visita à prisão do conservacionista florestal Raul Zapatos por um punhado de eco-anarquistas das Ilhas Britânicas em uma viagem de solidariedade nas Filipinas, combinada com uma pequena quantidade de "pressão internacional" de círculos semelhantes, foi provavelmente um fator significativo que levou à sua libertação.²² Vários exemplos semelhantes de solidariedade bem-sucedida em áreas ecologicamente importantes vêm à mente. Povos que encontraram refúgio em áreas selvagens —

¹⁹ 'Réquiem ou renascimento', em Jaboury Ghazoul e Douglas Sheil eds., *Tropical Rain Forest Ecology, Diversity, and Conservation* (Oxford: Oxford University Press, 2010), p. 400.

²⁰ Sociedade de Conservação da Sea Shepherd — www.seashepherd.org/galapagos/

²¹ Fundação Thin Green Line — www.thingreenline.info

²² Para mais informações sobre o caso Zapatos, veja Solidarity South Pacific — www.eco-action.org/ssp/prisoners.html Para uma visão geral excelente, informativa e revigorantemente honesta da viagem de solidariedade em questão e das lutas ecológicas/

e desejam defendê-las — podem usar e construir mitos de etnia e aborígenes²³ para esculpir direitos de proteção à terra, mobilizar apoio romântico de fora e apresentar uma imagem autoprotetora, seja de "sábios pacíficos" ou "selvagens violentos", dependendo da utilidade.

Vantagem — Forças não estatais também estão causando destruição ecológica

Muita destruição e ataques são realizados por forças que, embora de forma alguma libertárias, são, no entanto, externas ou adversárias ao estado particular que controla o terreno *no papel*. Conservacionistas do Ocidente uniformemente governado muitas vezes presumem que os governos controlam "seu" território e ficam arrasados se não forem capazes ou não estiverem dispostos a agir. Em vez de fortalecer o estado (como os conservacionistas frequentemente fizeram) em algumas dessas situações, aqueles que desejam apoiar as comunidades locais na defesa militante de suas ecologias podem fazê-lo diretamente, "legalmente" e relativamente abertamente. Como atesta a experiência recente do "exército verde" aborígene de Bruce Hayse (cofundador da Earth First!) na República Centro-Africana, pode haver muitas armadilhas e problemas, mas as possibilidades permanecem. Ainda mais diretamente, a Sea Shepherd se autodenominou com sucesso como reforçadora da conservação em águas internacionais — ou seja, em grande parte não governadas —, permitindo-lhe realizar eco-defesa que em outro lugar (e com uma marca menos inteligente) seria julgada sabotagem, roubo, assédio e obstrução.

Vantagem — A globalização está se espalhando.

Como parte da globalização, uma quantidade crescente de anarquistas de movimentos sociais urbanos está surgindo em terras reivindicadas por estados como Indonésia, Chile, Filipinas e Rússia. Muitos deles estão bem posicionados para se engajar em resistência ecológica e solidariedade com povos indígenas e canalizar aqueles de outros lugares para apoiar tais lutas.

Vantagem — Fragmentos de habitat podem não ser capazes de preservar a biodiversidade

É geralmente aceite que — "com as alterações climáticas, mesmo o melhor sistema de áreas protegidas concebido não pode aspirar a conservar a diversidade biológica se consistir principalmente em unidades isoladas."²⁴ Meyers afirma acima que as fantasias de terras selvagens dificilmente conseguirão travar o colapso biológico; embora isto seja provavelmente verdade, o facto de muitos quererem acreditar que o podem fazer está, em alguns locais, a abrir a porta à reintrodução da vida selvagem em larga escala²⁵, assemelhando-se um pouco à regeneração da vida selvagem defendida por ambientalistas radicais durante décadas. Os projectos de restauro ecológico²⁶ mais pequenos parecem também estar a aumentar.

Vantagem — A situação é terrível

Não há como piorar muito a situação, e as ações de alguém podem ajudar a fazer uma diferença real nas lutas para defender a vida selvagem e a liberdade.

indígenas nas Filipinas, veja: *From Mactan to the Mining Act: Everyday stories of devastation and resistance among the native people of the Philippines* (Leeds: Repressed Distro, 2003).

²³ Isto não quer dizer que não existam grupos aborígenes, mas apenas apontar para a probabilidade de que muitos dos que são assim rotulados ou que reivindicam tal "estatuto" sejam, na verdade, comunidades maroon que fugiram para áreas remotas para evitar a incorporação na civilização. Ver: James C. Scott, *The Art of Not Being Governed: An Anarchist History of Upland South-East Asia* (New Haven: Yale University Press, 2009).

²⁴ Thomas E. Lovejoy, 'Conservação com um clima em mudança', em Thomas H. Lovejoy e Lee Hannah, eds., *Mudanças climáticas e biodiversidade* (New Haven: Yale University Press: 2006), p. 326.

²⁵ Para uma boa introdução às ideias de rewilding de conservação — Dave Foreman, *Rewilding North America: A Vision for Conservation in the 21 st Century* (Washington: Island Press, 2004). Rewilding já é uma palavra da moda que não só está a enquadrar novos projetos de conservação, mas também a ser usada para dar um toque sexual a projetos com menos "reivindicação legítima". De qualquer forma, para uma visão geral facilmente acessível — ainda que propagandista — dos projetos atuais em todo o mundo, Caroline Fraser, *Rewilding the World: Dispatches from the Conservation Revolution* (Nova Iorque: Henry Holt, 2010).

²⁶ Para algumas reflexões sobre a restauração ecológica a partir de uma perspectiva ambiental radical britânica, ver: "Take a Sad Song and Make it Better?: Ecological Restoration in the UIC, em *Do or Die*, No. 8, 1998, pp. 159–173.

Uma crítica óbvia ao controle de danos é que ele pode ser visto como um tratamento dos sintomas e não da causa raiz. O diagnóstico da doença é claro, mas seria ilusório acreditar que se tinha (ou, mais ameaçadoramente, se tinha) a cura. Seja qual for o prognóstico, a propagação da doença certamente ainda vale a pena resistir e, se alguma coisa, a mudança climática apenas sublinha isso. Desacelerar a destruição da natureza selvagem (o que Lovelock descreve como “a face de Gaia que desaparece”²⁷) pode permitir que o Sistema Terrestre lide melhor com as contínuas liberações antropogênicas de dióxido de carbono, uma porcentagem significativa das quais vale a pena lembrar, surgem no momento do desmatamento. Isso não quer dizer que a defesa do habitat pode “parar a mudança climática”. Goste ou não, a mudança climática é provavelmente agora o contexto no qual as lutas ecológicas são travadas, não um assunto contra o qual se pode lutar.

A natureza reina por último

Na Europa Oriental, uma incrível região selvagem está repleta de alces e lobos. Acima das florestas e pastagens da Floresta de Absinto, corujas-águia voam enquanto castores constroem represas nos rios e pântanos. No que se tornou efetivamente uma das maiores reservas naturais da Europa, trepadeiras escalam edifícios, lince correm em campos abandonados e pinheiros há muito tempo romperam grande parte do asfalto. Bem-vindo à zona de exclusão de Chernobyl. Após o desastre nuclear de 1986, mais de 120.000 pessoas foram evacuadas da área — a maioria nunca mais retornou. No coração da zona, a cidade de Pripjat, que antes tinha 50.000 habitantes, agora está deserta — exceto por um pequeno número de invasores — mas não é de forma alguma uma cidade fantasma. “Pripjat começou a retornar à natureza assim que as pessoas partiram, e não havia ninguém para aparar, podar e capinar.”²⁸

O incrível poder da natureza de crescer e florescer novamente após desastres é evidente tanto em extinções em massa anteriores quanto em sua capacidade de curar muitas terras marcadas pela civilização. Seu verdadeiro poder raramente é considerado dentro do pensamento antropocêntrico e selado daqueles que lucrariam com o presente ou tentariam planejar o futuro. No entanto, o funcionamento do Sistema Terrestre é destrutivo e abundante, e não é um deus consciente com interesse em nos preservar ou em seu arranjo atual — algo que podemos descobrir se a Terra estiver agora se movendo para um novo estado muito mais quente. Conosco ou sem nós, “enquanto a guerra de classes for cruel — só pode haver um vencedor, o selvagem”.²⁹ Em certo sentido, há consolo nisso, mas não devemos olhar para tal ‘vitória’ como os fundamentalistas cristãos olham para seu ‘arrebato’, pois aquelas espécies que foram empurradas para o esquecimento não ressuscitarão dos mortos e nós também não. No entanto, a natureza continua.

²⁷ James Lovelock, *O rosto desaparecido de Gaia: um aviso final* (Londres: Penguin, 2009).

²⁸ Mary Mycio, *Wormwood Forest: A Natural History of Chernobyl* (Washington: Joseph Henry Press, 2005), p. 6. Elementos no estado ucraniano estão actualmente (2010) a pressionar para re-domesticar grande parte das terras desertas para a produção agrícola.

²⁹ *Abaixo o Império, acima a Primavera!* (Te Whanganui a Tara/Wellington: Rebel Press, 2006), p. 159.

9. Anarquistas Atrás dos Muros

Guerra social em climas temperados

James Lovelock diz que na “catástrofe climática prevista... o que está em risco é a civilização”.¹ Infelizmente, estou menos otimista — a civilização de uma forma ou de outra persistirá, pelo menos em muitas regiões. Não é por acaso que a primeira civilização a se espalhar globalmente se origina na Europa temperada. Muitas outras civilizações ergueram impérios apenas para destruir seus ambientes e entrar em colapso. O clima temperado oceânico deu à civilização da Europa Ocidental uma margem de erro maior, permitindo que a civilização escapasse de sua própria localidade regional e devorasse grande parte da Terra. Como acontece com outras civilizações, ele deixa desertos em suas pegadas — mas sendo global em alcance, mas temperado em origem, os desertos físicos estão em grande parte em outros lugares. Assim, alguns dos principais países historicamente responsáveis pelo aquecimento global serão os menos afetados dramaticamente por ele — pelo menos diretamente.

Enquanto aqueles grandes países capitalistas centrais que abrangem múltiplas zonas climáticas (Austrália, EUA, Rússia) podem ver uma perturbação direta considerável,² sob a maioria dos modelos aqueles que vivem em zonas temperadas — especialmente terras oceânicas e montanhosas — podem esperar um clima aquecido, mas *relativamente* calmo, pontuado por eventos extremos.³ Em grande medida, a previsão para a guerra social⁴ provavelmente será semelhante à da previsão climática: aquecida, mas *relativamente* calma, embora pontuada por eventos extremos. Em relação, isto é, a situações em outros lugares em um planeta em rápido aquecimento e conflito, NÃO em relação às situações sociais e climáticas de hoje. As terras mediterrâneas provavelmente ficarão muito mais quentes — em ambos os sentidos — e isso pode favorecer o crescimento de anarquistas em uma versão disseminada do que a Europol chamou de “triângulo mediterrâneo da violência anarquista”.⁵ De um modo geral, os países temperados sem litoral, no centro dos continentes, provavelmente verão os seus verões consideravelmente mais quentes, com alguns, como Lovelock, a preverem mesmo o colapso funcional das formas agrícolas existentes.

No filme *Children of Men*, países do mundo todo parecem estar mergulhados em fome, insurreição, guerra civil, epidemias e desastres “naturais”. Enquanto isso, a Grã-Bretanha “segue em frente” com um sistema autoritário banal que vê a maioria das pessoas continuando em seus papéis de classe atribuídos e viajando diariamente para trabalhar enquanto grande parte do planeta aparentemente implode ao seu redor. Refugiados políglotas em grande número são presos em uma cidade de gueto à beira-mar. Tal imagem poderia ser uma imagem do clima futuro não apenas para as Ilhas Britânicas, mas para muitos países temperados, especialmente aqueles estados com fronteiras oceânicas (que moderam extremos climáticos e permitem um controle de fronteira mais fácil), como Nova Zelândia, Tasmânia etc.

¹ James Lovelock, *The Revenge of Gaia* (Londres: Penguin, 2006), p. 10. Alguns questionaram se ele realmente pensa assim, sugerindo que ele está exagerando para causar efeito ou para encorajar a ação. Perguntei isso a ele pessoalmente e ele disse que realmente acha que esse é provavelmente o caso.

² Por exemplo, alguns modelos prevêem que “as condições de seca associadas à breve Dustbowl americana poderiam conceivelmente tornar-se o novo clima da região [do sudoeste americano].” — Laurence C. Smith, *The World in 2050: Four Forces Shaping Civilization's Northern Future* (Nova Iorque: Penguin, 2010), p. 108.

³ “A guerra climática pode matar quase todos nós e deixar os poucos sobreviventes vivendo uma existência da idade da pedra. Mas em vários lugares do mundo, incluindo o Reino Unido, temos uma chance de sobreviver e até mesmo de viver bem.” — James Lovelock, *The Vanishing Face of Gaia: A Final Warning* (Londres: Penguin, 2009), p. 22. Para uma perspectiva interessante sobre as futuras Ilhas Britânicas, veja: Marek Kohn, *Turned Out Nice: How the British Isles will Change as the World Heats Up* (Londres: Faber & Faber, 2010).

⁴ “Guerra social: A narrativa da ‘luta de classes’ desenvolveu-se para além da classe para incluir as complexidades e multiplicidades de ... conflito dentro de todas as relações sociais hierárquicas.” — Liam Sionnach, ‘Earth First Means Social War: Becoming an Anti-Capitalist Ecological Social Force’, em *Earth First! Journal*, Lughnasadh 2008, Vol. 28, No. 5.

⁵ Europol, Relatório sobre a actividade terrorista na União Europeia: situações e tendências (Europol: Haia, 2003).

Embora a conformidade e a cópia social, eu suspeito, continuem sendo a norma, condições cada vez mais autoritárias e o efeito econômico de deslocamentos globais, ocasionalmente fermentarão episódios espetaculares de raiva de classe e a formação mais ampla de culturas dissidentes — por mais "marginais". Gord Hill, da nação Kwakwaka'wakw, pode estar certo:

A convergência de guerra, declínio econômico e crise ecológica levará a um maior conflito social geral dentro das nações imperialistas nos próximos anos. É esse conflito crescente que criará mudanças nas condições sociais atuais [com] maiores oportunidades para resistência organizada. Os governantes estão bem cientes disso, e é por essa razão que a repressão estatal está agora sendo estabelecida como um meio primário de controle social (ou seja, forças policiais-militares muito expandidas, novas leis de terror etc.)... Estamos agora em um período que pode ser descrito como a 'calmaria antes da tempestade'.⁶

Seguindo Gord Hill, mas de uma perspectiva estatista, o cientista chefe do Reino Unido alertou para uma "tempestade perfeita" em 2030 devido a potenciais escassez de água, alimentos e energia que poderiam resultar em "grande desestabilização, aumento de tumultos e problemas potencialmente significativos com a migração internacional, à medida que as pessoas se mudam para evitar a escassez de alimentos e água".⁷ Embora esta tempestade possa inicialmente rebentar noutro lugar, os estados (e os seus cativos) que dependem fortemente do comércio internacional serão atingidos.

Tal imagem de conflito social não deve dar a falsa impressão de que os "problemas" vindouros resultarão em algum tipo de transcendência social libertária. Suspeitar que o futuro verá um aumento nos problemas e que alguns desses problemas serão "nós", não presume nenhuma forma de "vitória" geral. Em vez disso, as crises sociais são inevitáveis em sociedades baseadas na guerra de classes e só serão exageradas pelas condições emergentes. Além disso, não seria sensato ignorar o efeito pacificador de todos os outros lugares serem percebidos como "piores". No Capítulo 3 (Tempestades no Deserto), analisamos como terras como a América e as Ilhas Britânicas etc. podem "recorrer a uma combinação de políticas que resultam em quarentena" e seria ingênuo pensar que esta seria uma política favorecida apenas pelos estados; na verdade, podemos esperar apelos mais fortes por Mais Fronteiras vindas de todas as classes.⁸ Em contraste, Lovelock tem, alguns podem se surpreender ao descobrir, uma visão otimista:

A Escandinávia e as partes oceânicas do norte da Europa, como as Ilhas Britânicas, podem ser poupadas do pior do calor e da seca que o aquecimento global traz. Isso coloca uma responsabilidade especial sobre nós para ... dar refúgio ao inimaginavelmente grande afluxo de refugiados climáticos.⁹

A imigração legal hoje é seletiva por classe (e até certo ponto por raça) e isso provavelmente se tornará ainda mais o caso. É extremamente improvável que lutas gerais mudem isso, embora quando focadas em indivíduos, sem dúvida continuarão a ter alguns grandes sucessos.

Enquanto aqueles de nós que vivem "atrás dos muros" podem estar protegidos de alguns dos conflitos mais evidentes e de larga escala — e oportunidades — que provavelmente caracterizarão este século, a guerra social está ao nosso redor. A falta de guerra civil evidente é meramente um sinal da profundidade de nossa domesticação, já que na maioria dos lugares, o policiamento precisa ser apenas esporádico. Ordens de bicadas estão em quase todos os lugares, e do tédio, dor e indignidade do trabalho assalariado à nossa exclusão da comunidade da terra, vivemos em (e somos) território ocupado. Se desconsiderarmos a ilógica da propriedade privada e pegarmos comida ou abrigo quando necessário, corremos o risco

⁶ Zig-Zag, *Colonização e Descolonização: Um Manual para a Libertação Indígena no Século XXI* (Victoria: Warrior Publications, 2006), p. 28.

⁷ John Beddington, citado em, O mundo enfrenta uma 'tempestade perfeita' de problemas até 2030, alerta cientista-chefe', *The Guardian*, 18.3.2009.

⁸ O controle de imigração do Reino Unido foi na verdade uma 'vitória' (sic) trazida pela primeira vez após uma grande mobilização da esquerda contra os migrantes judeus. Notavelmente, a única seção da esquerda que se agitou contra isso foi o único grupo que não aceitou fronteiras de forma alguma — os anarquistas. Veja: Steve Cohen, *That's Funny, You Don't Look Anti-Semitic: Anti-racist Analysis of Left Anti-Semitism* (Londres: Beyond the Pale Press, 1984).

⁹ James Lovelock, *Mudanças climáticas na Terra viva*, The Royal Society, 29 de outubro de 2007.

de enfrentar seguranças, oficiais de justiça, polícia e prisões. Embora em grande parte ausentes do espetáculo, as baixas de classe aumentam — no meu país, os mais ricos vivem em média 10 anos a mais do que os mais pobres¹⁰ e um dos maiores preditores individuais de doenças cardíacas fatais — graças ao estresse social — é o quão baixo alguém está em uma hierarquia.¹¹ Assim como em todo o mundo mais pessoas se matam do que são mortas em guerras e por violência interpessoal,¹² na Grã-Bretanha o suicídio continua a ser a maior causa de morte para homens e mulheres com idades entre 15 e 34 anos.¹³ A assimilação é dolorosa e o trauma, a automutilação, o abuso e a dependência são abundantes. Como disse Raoul Vaneigem, para muitos, “o maior segredo de Estado guardado é a miséria da vida cotidiana”.¹⁴

Nossas vidas podem ser melhores, mais livres e mais selvagens do que isso e, como anarquistas, fazemos o máximo para que assim seja, não no além do paraíso pós-revolucionário, mas agora. No entanto, apesar de sermos anarquistas, muitos de nós nos encontramos em climas sociais relativamente temperados, longe de conflitos abertos na escala provável de ser vista além dos muros. Isso traz vantagens e desvantagens.

Estados de vigilância e culturas de segurança

A Fortaleza está voltada para dentro e para fora. Cada vez mais novas tecnologias de controle são introduzidas sob a justificativa do medo dos bárbaros — sejam terroristas ou migrantes. Um tanto evocativos de distopias de ficção científica (para não mencionar a Faixa de Gaza), drones de vigilância secretos já estão voando nos céus britânicos, introduzidos inicialmente para controle de fronteiras marítimas, uma justificativa pública que a própria polícia admite ser em grande parte um estratagema.¹⁵ Em muitos países, câmeras, algumas agora com microfones, proliferam a ponto de serem praticamente invisíveis — não porque sejam secretas, mas porque foram normalizadas. Tecnologias de controle generalizadas, muitas até pagas por *nós mesmos* e adotadas *voluntariamente*, como celulares, computadores, cartões bancários e câmeras de estrada (com reconhecimento de placas) mapeiam redes sociais, mudando afiliações e movimentos físicos.

Novas tecnologias de comunicação = Novas formas de nos fazer falar.

Quando essas novas tecnologias são combinadas com a antiquada ‘inteligência humana’ coletada por informantes e infiltrados que operam dentro de comunidades resistentes, estados e corporações podem ganhar um nível de supervisão que teria sido impensável até mesmo algumas décadas atrás. Se as tecnologias de controle convergem ou não para criar um estado de inteligência que entenda a todos em vez de apenas coletar dados sobre eles ainda está para ser visto; mas contra essas culturas pré-existentes de oposição as lentes já estão muito focadas. Infelizmente, muito do foco é feito por nós.

O fato de que nosso inimigo tirânico não mais extrai seu poder de sua capacidade de calar as pessoas, mas de sua aptidão para fazê-las falar — ou seja, do fato de que ele mudou seu

¹⁰ ‘Os pobres no Reino Unido morrem 10 anos mais cedo do que os ricos, apesar de anos de ação governamental’, *Guardian*, 2.7.2010.

¹¹ Richard Wilkinson, *Mind the Gap: Hierarquias, Saúde e Evolução Humana* (Londres: Weidenfeld & Nicholson, 2000).

¹² James Phillips, *Trauma, Reparação e Recuperação* (Oxford: Oxford University Press, 2008), p. 5.

¹³ Esta estatística envolve uma ordenação de dados que divide tanto os cânceros como os acidentes. Ver: Clare Griffiths et al., *Leading causes of death in England and Wales — How should we group causes?* (Londres: National Office of Statistics, 2005), p. 11.

¹⁴ Raoul Vaneigem, *A Revolução da Vida Cotidiana* (Londres: Rebel Press, 1983).

¹⁵ “A polícia do Reino Unido está planejando usar drones espíões não tripulados, controversamente implantados no Afeganistão, para o monitoramento ‘de rotina’ de motoristas antissociais, manifestantes, ladrões agrícolas e despejos ilegais... Anteriormente, a polícia de Kent disse que o esquema de drones tinha a intenção de ser usado sobre o canal da Mancha para monitorar o transporte e detectar imigrantes cruzando da França. No entanto, os documentos sugerem que o foco marítimo era, pelo menos em parte, uma estratégia de relações públicas projetada para minimizar as preocupações com a liberdade civil. ‘Há potencial para que esses usos [marítimos] sejam projetados como uma história de ‘boas notícias’ para o público em vez de mais ‘big brother’, afirma um minuto de uma das primeiras reuniões, em julho de 2007.” — ‘CCTV in the Sky: police plan to use military-style spy drones’, *Guardian*, 23.1.2010. Mais recentemente, a ACPO confirmou que três forças já estão usando drones e um esquema nacional está em licitação, ‘Drones não tripulados podem ser usados na vigilância policial’, *Guardian*, 24.9.2010.

centro de gravidade de seu domínio do mundo em si para sua tomada do modo de divulgação do mundo, exige que alguns ajustes táticos sejam feitos.

— “Silêncio e Além”, *Tiqqun* 1

Uma resposta limitada seria (junto com o abandono de qualquer diálogo com o poder e o espetáculo) abrir mão do uso de novas tecnologias de comunicação quase universais. Embora isso possa ter benefícios mais amplos para o estilo de vida, também pode fazer com que cada vez mais alguém se destaque. De acordo com uma projeção militar de médio prazo do Reino Unido: “Até o final do período [2036], é provável que a maioria da população global ache difícil ‘desligar o mundo exterior’. É provável que as TIC [tecnologia da informação e comunicação] sejam tão difundidas que as pessoas estejam permanentemente conectadas a uma rede ou fluxo de dados bidirecional com desafios inerentes às liberdades civis; estar desconectado pode ser considerado suspeito.”¹⁶ Estamos caminhando para esse futuro rapidamente. Quando a polícia antiterrorista francesa invadiu a comunidade terrestre em Tarnac em 2008, uma das justificativas públicas que deram para suspeitar que uma célula terrorista estava se formando foi que poucos na terra tinham celulares!¹⁷

A convenção acordada é que o primeiro passo para aqueles que, tendo planejado o futuro, agora desejam realizá-lo é se tornar conhecido, fazer sua voz ser ouvida — falar a verdade ao poder. No entanto, “o ouvinte impõe os termos, não o falador”.¹⁸ Grande parte da contestação de baixo nível que caracteriza o ativismo e os espaços sociais limitados que constituem as contraculturas marcam ativamente áreas e pessoas que precisam de policiamento potencial. Isso não quer dizer que toda resistência seja fútil (se objetivos significativos e alcançáveis forem mantidos em mente, e táticas não forem transformadas em objetivos), nem que devemos desistir de desenvolver comunidades nas quais viver e amar; em vez disso, seria sensato entender que muitas ações “subversivas” — e relações sociais — atendem cada vez mais às necessidades de poder, bem como de liberdade. O equilíbrio de vantagens deve sempre ser levado em consideração. Precisamos sempre nos perguntar: até que ponto a ação planejada ou o método de relacionamento social provavelmente sangrará dados sobre identidades potencialmente resistentes? Com estados de vigilância cada vez mais poderosos e tempestades se aproximando, nossa responsabilidade uns com os outros, especialmente com aqueles ainda não envolvidos, cresce.

No entanto, apesar dessa contradição, se não acreditamos em um futuro revolucionário global, devemos viver (como de fato sempre tivemos que viver) no presente. As prateleiras transbordam com histórias de lutas passadas e alucinações do futuro pós-revolucionário, enquanto surpreendentemente pouco foi escrito sobre a vida anarquista sob, não depois, do capitalismo.¹⁹ No entanto, é onde a maioria de nós em regiões temperadas está, e onde a maioria de nós provavelmente permanecerá.

O Estado não é algo que pode ser destruído por uma revolução, mas é uma condição, uma certa relação entre seres humanos, um modo de comportamento humano; nós o destruímos ao contrair outras relações, ao nos comportarmos de maneira diferente.

— Gustavo Landauer²⁰

Em muitos lugares, estamos “nos comportando de forma diferente” ao espalhar amor e cooperação E resistindo e/ou evitando aqueles que seriam nossos mestres. Um dos pontos fortes das correntes anarquistas sempre foi o desejo, e a tentativa, de viver nossa ética agora. Não é preciso acreditar, como muitos acreditam, que as contraculturas são prefigurativas para ver seu valor. Afinal, embora na maioria

¹⁶ Centro de Desenvolvimento, Conceitos e Doutrina, *Programa de Tendências Estratégicas Globais 2007–2036* (Londres: Ministério da Defesa, 2006). ‘Um documento fonte para o desenvolvimento da política de defesa do Reino Unido’ citado em, Gwynne Dyer, *Climate Wars* (Toronto: Random House, 2009), p. 5.

¹⁷ ‘Idílio rural ou centro terrorista?’, *Guardian*, 3.1.2009.

¹⁸ ‘Silêncio e Além’, em, *Tiqqun* 1, (Paris: Tiqqun, 1999).

¹⁹ Ver: Paul Avrich, *Anarchist Voices* (Oakland: AK Press, 2005), *The Call* (Londres: Short Fuse Press, 2010), Colin Ward, *Anarchy in Action* (Londres: Freedom Press, 1988), ‘Growing Counter Cultures’, em, *Abaixo o Império, Acima a Primavera!* (Te Whanganui a Tara/Wellington: Rebel Press, 2006), pp. 61–79, Crimethinc, *Dropping out: A Revolutionary Vindication of Refusal, Marginality, and Subculture* (Londres: Active Distribution, 2010).

²⁰ Gustav Landauer, *Revolução e outros escritos* (Oakland: PM Press, 2010).

dos lugares temperados as subculturas anarquistas não sejam “novos mundos para o futuro”, elas ainda permanecem “quartéis e santuários para hoje”.²¹

Isso não é novidade, mesmo que pareça (à sua maneira) estar se tornando mais difundido novamente. O período anarquista clássico foi impulsionado principalmente por insurgências camponesas (pense em Zapata e Machnovicha) e essencialmente boêmias, principalmente urbanas, anarquistas “contra-sociedades” (para usar o termo de Murray Bookchin para os mundos criados por anarquistas espanhóis antes da contra-revolução fascista).²² Da Espanha pré-1936, aos anarquistas judeus na América do Norte, os ilegalistas da França e os anarcossindicalistas italianos da Argentina; os habitantes das contra-sociedades anarquistas sempre foram, por definição, minorias ativas. As minorias podem ter se tornado maiores em momentos insurrecionais, mas permaneceram minorias sempre. O mesmo pode ser dito para as subculturas libertárias desde então. No futuro previsível, os libertários em regiões temperadas permanecerão minorias, mesmo que as possibilidades de anarquia generalizada surjam além dos muros. Há muitas coisas que podemos fazer, mas não podemos mudar o fato de que não seremos unidos voluntária e ativamente pela maioria dos cidadãos. Estaremos sempre dentro e contra, e isso pode se tornar cada vez mais perigoso para *todos os* envolvidos.

Eu vivo em uma área com uma subcultura anarquista considerável. Gosto de viver entre pessoas que tornam minha vida mais adorável em uma sociedade que não escolhi, e com quem posso continuar a me envolver em resistência. Infelizmente, tal aglomeração é quase projetada para atrair atenção indesejada. Não devemos ter ilusões sobre nossa capacidade de sermos simultaneamente abertos ao mundo, mas fechados ao estado, mas medidas de “cultura de segurança” podem minimizar os danos. No final, porém, nossa segurança repousa principalmente na sociedade mais ampla, não simplesmente nas práticas das subculturas que criamos. Os governos sem dúvida trancariam muito mais de nós do que eles, mas por enquanto, em muitos países pelo menos, há alguma proteção no medo do estado de que o aumento da repressão corra o risco de ampliar a resistência e, de forma mais geral, quebrar o feitiço da paz social ilusória.

As contraculturas precisam de segurança incorporada para sobreviver, mas nossa principal segurança está escondida na cultura mais ampla.

Quando escolhemos quais intervenções/campanhas/lutas lutar, e em quais locais viver, devemos selecioná-los, onde pudermos, em parte por seu potencial de contágio social. Pela presença de fatores que nos ligam, e nossos desejos, ética e necessidades, àqueles da sociedade circundante. Fazer isso é autoprotetor. Além de nossa própria segurança, escolher batalhas com base em onde as pessoas já estão, e ligar as anarquias que estamos cultivando com ecologias existentes, relações sociais e ganhos de lutas anteriores, tem a vantagem significativa de tornar a anarquia mais traduzível. Como disse Colin Ward:

Muitos anos de tentativas de ser um propagandista anarquista convenceram-me de que conquistamos os nossos concidadãos para as ideias anarquistas, precisamente através da utilização da experiência comum das redes informais, transitórias e auto-organizadas de relações que de facto tornam a comunidade humana possível, em vez de através da rejeição da sociedade existente como um todo em favor de alguma sociedade futura onde algum tipo diferente de humanidade viverá em perfeita harmonia.²³

Buscar outros elementos, outros aliados, relações sociais mais amplas e compatíveis nos permite aprender com eles, ajudá-los — e sermos ajudados em troca. Isso não quer dizer que devemos nos diluir. Somos anarquistas. As forças que temos surgem de nossos desejos e decisões ativas de viver mais livres e selvagens, como comunidades, como indivíduos; a falsa unidade com forças sociais autoritárias apenas nos enfraquece. Em nossas próprias pequenas maneiras, onde existimos, comunidades libertárias de resistência estão reunindo recursos e aumentando conexões de ajuda mútua nas cidades, re-habitando e defendendo a terra e tentando desenvolver um espírito de luta. Podemos fazer muito melhor, mas já começamos.

Subculturas são parte da sociedade envolvente e, portanto, uma de suas características é que suas práticas podem vazar para a cultura circundante, frequentemente de forma deformada, mas nem sempre

²¹ Abaixo *o Império, acima a Primavera!* (Te Whanganui a Tara/Wellington: Rebel Press, 2006), p. 77.

²² Murray Bookchin, *Os anarquistas espanhóis: os anos heróicos de 1868 a 1936*. Edimburgo: AK Press, 1988).

²³ Colin Ward, *Anarquia em Ação* (Londres: Freedom Press, 1992), p. 5.

completamente limpas de sua ética e salubridade (ou de outra forma, como pode ser o caso). Por mais horrível que seja a situação hoje, seria ainda pior se não fosse pela resistência e pelos efeitos imprevistos das pessoas tentando viver bem. Assim como não podemos "salvar o mundo", não iremos "reivindicar o futuro"; no entanto, seremos parte dele.

Não somos "a semente da sociedade futura na casca da antiga", mas um dos muitos elementos a partir dos quais o futuro está se formando.

Resista muito, obedeça pouco

Quando a resistência e a deserção ameaçam significativamente aqueles no poder, a repressão/contrarrevolução é inevitável. Uma resposta para como tornar as contraculturas menos ameaçadoras para aqueles *dentro delas* seria drená-las de antagonismo; torná-las obviamente não ameaçadoras ao poder. Este conselho de evasão e não resistência tem sido articulado há muito tempo na experiência vivida de anarquias tanto fora da civilização quanto dentro dela. Hoje, porém, deixando de lado as questões éticas envolvidas,²⁴ o fato é que, embora você possa tentar ignorar o estado, se estiver dentro de seu território controlado, as chances são de que o estado não o ignore. Essas comunidades com uma base de terra capaz de algum nível de autossuficiência ainda enfrentarão intervenção, enquanto aquelas imersas no capitalismo muitas vezes terão pouca opção a não ser trabalhar, e sem resistência, para piorar as horas e os salários.

Outra resposta, e notavelmente é a que muitos de nós adotamos, explicitamente ou não, é resistir (de preferência em campanhas vencíveis), mas, exceto em crises sociais mais amplas, geralmente em um nível um tanto quanto discreto — sempre tentando algum nível de invisibilidade.

Dado onde nos encontramos, muito do que já fazemos faz sentido, mesmo quando as justificativas abertas para tal ação permanecem atoladas em visões de salvação (conforme descrito no Capítulo 1). Ironicamente, essas ações práticas são às vezes abandonadas quando se percebe (corretamente) que elas não levarão à transformação do mundo. Assim como contraculturas/comunas/comunidades de resistência podem não ser embriões de uma futura sociedade anarquista de massa, a ação direta pode não levar à destruição do capitalismo; mas protege alguns ecossistemas ameaçados, ajuda muitos de nós e impede a erosão adicional de algumas liberdades. Greves e sindicalismo podem não ser passos em direção a um futuro anarcocomunismo, mas podem ajudar na sobrevivência no aqui e agora e abrir tempo para viver melhor. Motins podem não levar à revolução, mas podem quebrar o feitiço social para muitos. Eu não fingiria por um momento que estamos a abrandar significativamente a marcha da morte que a civilização está a tirar à vida na Terra, mas as "armas dos fracos"²⁵ são as que eles têm, não as que sonham.

O terreno mais fértil para a resistência nos últimos 30 anos não foi nem "underground" nem "aboveground", mas no espaço em rede entre os dois. Como observado anteriormente na discussão sobre o aumento da vigilância, esse terreno pode estar desaparecendo sob nossos pés, independentemente dos argumentos de sua utilidade. Para culturas de resistência que são frequentemente distorcidas geracionalmente em direção aos jovens, é frequentemente fácil esquecer o quão rápido as opções se estreitam. Houve um tempo, não muitas décadas atrás, em que a polícia não tinha uniformes de choque e tinha que usar tampas de latas de lixo de metal como escudos redondos improvisados em meio a uma insurgência no centro da cidade. Não muito tempo atrás, os liberacionistas animais podiam invadir laboratórios onde nenhum sensor de movimento os detectaria — porque eles não tinham sido inventados. As instituições de caridade poderiam executar abertamente campanhas de arrecadação de fundos para suporte médico para movimentos de libertação armada no exterior (SWAPO) — por meio da União Nacional de Estudantes! Isso não é um chamado para a nostalgia dos anos 1980 — pelos relatos de outros, em muitos aspectos as coisas estão muito melhores agora; mas algumas avenidas se fecharam, e mais as seguirão.

²⁴ Ward Churchill, *Pacifismo como patologia* (Winnipeg: Arbeiter Ring, 1998) pp. 70–74.

²⁵ Para usar o termo de James Scott, num contexto diferente. James Scott, *A arma é dos fracos: formas cotidianas de resistência camponesa* (New Haven: Yale University Press, 1987).

Até certo ponto, muitas das ações que se tornarão cada vez mais difíceis, especialmente as coisas espetaculares, poderiam ser descartadas com pouca perda de qualquer maneira. Muitas vezes, seu único propósito é fazer as pessoas sentirem que estão Fazendo Política.²⁶ No entanto, algumas vitórias e campanhas bem-sucedidas alcançaram ganhos reais, defenderam pessoas e lugares reais e, muitas vezes, com táticas que podem estar diminuindo em viabilidade. O que, então, o "outro lado" está pensando sobre o futuro da resistência?

Para começar, devemos deixar claro que não somos de forma alguma vistos como a única, ou mesmo a principal, força social de resistência. Infelicidade, pobreza, divisão social, irracionalidade e o desejo de lutar abundam, e muitos nas elites entendem que o potencial para o caos muitas vezes está mal disfarçado. Como apontado anteriormente na discussão sobre a ascensão das megacidades, os teóricos do estado muitas vezes não cometem o erro de ver o crime econômico como divorciado da guerra de classes mais ampla. Em termos estritamente "políticos", muitos ativistas pareceram bastante irritados quando o 11 de setembro e o crescimento do terrorismo islâmico ofuscaram o "movimento dos movimentos" que uma década atrás deveria ser o único jogo na cidade. O crescimento (limitado como é) de atores autoritários não estatais, sejam aspirantes à Al-Qaeda ou "soldados raciais" de extrema direita, mostra que há muitas subculturas potencialmente insurgentes por trás dos muros, muitas das quais são nossos inimigos tanto quanto os estados.

O Coronel Thomas X Hammes (Corpo de Fuzileiros Navais dos EUA) em seu livro influente, *The Sling and the Stone*, popularizou a ideia de guerra de quarta e quinta geração. Algumas teorias militares há muito dividem diferentes formas de conflito moderno em gerações. No esquema mais comum, a Guerra de Primeira Geração (1GW) é caracterizada pelo surgimento de conflitos envolvendo exércitos massivos culminando nas Guerras Napoleônicas, 2GW por conflitos industrializados no estilo da Primeira Guerra Mundial e 3GW pelo Blitzkrieg no estilo da Segunda Guerra Mundial. 4GW foi desenvolvida na teoria e na prática por Mao e inclui, entre outras, as guerras na China, Vietnã, Somália, Gaza, Iraque (após a bem-sucedida invasão blitzkrieg 3GW), bem como a chamada "guerra contra o terror". Esta é uma versão muito simplificada do esquema, mas você entendeu a ideia.

Hammes passa a maior parte do livro explicando 4GW, apontando que esta é uma forma de guerra que os EUA e companhia estão, e estarão, lutando por algum tempo, e que — pelo menos no século XX — é o único tipo de guerra que perderam. Os estados ocidentais têm sido, em sua maioria, bem-sucedidos em impedir que "incidentes terroristas" de 4GW aconteçam dentro de suas fronteiras por uma série de razões, não menos importante das quais tem sido sua crescente capacidade de vigilância eficaz de redes. Hammes afirma que "a guerra de quarta geração tem mais de setenta anos e está atingindo a maturidade". "Embora estejamos apenas começando a entendê-la claramente, a história nos diz que a quinta geração já começou a evoluir". Ele é aberto sobre dizer que é muito cedo para dizer, mas seu melhor palpite é que 5GW pode ser realizado por "indivíduos superpoderosos ou pequenos grupos" que, ao contrário de 4GW, não estão inseridos em redes mais amplas e, portanto, muito menos visíveis. Esta é praticamente uma descrição de como grande parte da ELF e da ALF se retrataram, embora raramente seja uma descrição da realidade — como mostra a repressão bem-sucedida de redes da libertação animal dos anos 80 ao susto verde dos anos 90. Também ressoa um pouco com o aparecimento crescente de ataques de "lobos solitários" em todo o espectro de oposição. Vale a pena ressaltar que "superempoderado" no sentido de Hammes não significa apenas uma superabundância de autoconfiança nietzschiana, mas o efeito de ampliação de força da alta tecnologia.²⁷

Anteriormente, analisamos o pensamento militar sobre a insurgência nas novas megacidades do mundo majoritário, mas aqueles que manteriam a paz submissa também se lembram da Revolta de Los Angeles e estão se militarizando rapidamente enquanto aguardam seu retorno. A extensão do pensamento

²⁶ Em contraste, como afirmou o anarquista francês Pierre Chardon: "A ação anarquista — paciente, oculta, tenaz, envolvendo indivíduos, corroendo as instituições como um verme corrói a fruta, como as térmitas minam árvores majestosas — tal ação não se presta aos efeitos teatrais daqueles que desejam chamar a atenção para si próprios." — Citado em David Berry, *A History of the French Anarchist Movement: 1917–1945* (Oakland: AK Press, 2009), p. 42.

²⁷ A propósito, a teoria/prática da 4GW é altamente evoluída e, embora incorpore a guerrilha e a guerra em rede, tem um significado mais amplo no papel e no terreno. Só por isso, o livro já vale a pena ser lido. Coronel Thomas X. Hammes (USMC), *The Sling & The Stone: On War in the 21st Century* (St. Paul: Zenith Press, 2004). Citações, p. xiv e p. 290, respectivamente. A ALF faz uma aparição hilariante como uma possível tela para um ataque de bandeira falsa militar chinesa de 4GW à "indústria pecuária" americana. p. 259.

apocalíptico entre as elites (e o fracasso das classes oprimidas em muitas vezes viver de acordo com elas) foi mais evidente após o furacão Katrina. No entanto, mesmo na ausência diária de tais revoltas, há, e haverá, oportunidades de intervir e participar de momentos de luta social e ecológica mais ampla; mostrar liderança de baixo, ajudar a incutir um espírito de luta e fornecer infraestrutura importante. O sucesso geralmente vem quando as revoltas parecem surgir do nada, mas se beneficiam da vontade e da experiência que residem em comunidades estabelecidas de resistência. Os políticos geralmente querem empurrar esses momentos além de sua vida útil natural, mas o ímpeto dura apenas um certo tempo, e não leva muito tempo para o estado se organizar. Tais situações não serão a base para uma transformação libertária total do mundo, mas elas têm uma chance de ocasionalmente alcançar ganhos de classe reais, defender comunidades e ecologias, tornar as pessoas mais seguras, mostrar às pessoas sua própria capacidade e quebrar feitiços sociais.²⁸ Elas podem, obviamente, ser custosas, tanto em termos de repressão quanto do poder calmante de ter desabafado. Também não devemos ter ilusões de que forças sociais autoritárias — em ambos os lados das barricadas — não tentarão controlar tais momentos para seus próprios usos.

Parece então, pelo menos na mente de alguns dos nossos inimigos, que as principais *formas ofensivas* que a resistência assumirá em futuros mundos temperados mais pesquisados e irritantes serão aquelas de pequenos grupos (e indivíduos) superpoderosos sem rede e episódios amplamente não gerenciados de oposição social em massa. Por enquanto, um meio termo também existe — ocupado principalmente por ativismo e crime — mas talvez não por muito mais tempo. Como eu disse antes, ações subversivas atendem às necessidades de poder e também de liberdade, então a tolerância pode durar mais do que o estritamente necessário tecnologicamente se desempenhar o papel de inibir formas emergentes de ação. Também deve ser óbvio que as formas de oposição mencionadas até agora — existentes ou ainda por aparecer — são métodos de oposição, não facilitadores de transcendência ou fim. Isso não impedirá que sejam reivindicadas como tal. Em nossos círculos, *alguns* comunistas sem dúvida verão as lutas sociais e os surtos de desordem como levando à transcendência, enquanto *alguns* primitivistas verão a 5GW como uma forma de acabar com a civilização em suas terras centrais.

Situações em terras distantes também chamam, e aqueles atrás dos muros podem sair — pelo menos no momento. Muitas vezes é perigoso ir onde tempestades de batalha estão se formando, potencial para anarquias se abrindo e ecologias precisando de defesa, mas alguns sempre “preferem liberdade com perigo à paz com escravidão”.²⁹ Mesmo alguns dos que não o fazem, podem sentir a obrigação de lutar, seja em um nível que pode ser insustentável sob estados de vigilância, ou com lugares e povos selvagens, que em grande parte, mas não em todo, o mundo temperado, são cada vez mais poucos e distantes entre si. Apesar das negações, as civilizações ainda têm muitos outsiders, e como argumentei em capítulos anteriores, o aquecimento global provavelmente expandirá muitos deles.

Amor, saúde e insurreição

Na minha opinião, a situação é desesperadora, que a raça humana produziu um ponto de inflexão ecológica... mas supondo que haja uma possibilidade de mudar o “curso da sociedade na escuridão rumo à morte”, isso só pode ser feito por infecção, infiltração, difusão e imperceptibilidade, microscopicamente por todo o organismo social, como as pelotas invisíveis de uma doença chamada Saúde.

— Kenneth Rexroth, anarquista e poeta, julho de 1969³⁰

²⁸ “Para ser feminista, é preciso primeiro se tornar uma... As feministas não estão cientes de coisas diferentes das outras pessoas; elas estão cientes das mesmas coisas de forma diferente. A consciência feminista, pode-se arriscar, transforma um ‘fato’ em uma ‘contradição’.” — Sandra Lee Bartky, citada em: Carol J Adams, *The Sexual Politics of Meat: A Feminist-Vegetarian Critical Theory* (Nova York: Continuum, 1991), p. 184. Enquanto muitos articulam seu anarquismo graças à palavra escrita, é raro, pelo menos na minha experiência, que muitos decidam se tornar anarquistas por meio dela. Em vez disso, a ‘propaganda’ mais poderosa é aquela ‘pela ação’ — experiência vivida, seja por meio de envolvimento na resistência ou por meio do encontro com o amor e a ética vivida das comunidades anarquistas.

²⁹ Um aristocrata polonês, citado em Jean Jacques Rousseau, *The Social Contract* (Cosimo Inc: Nova York, 2008), p. 70.

³⁰ Kenneth Rexroth, ‘Movimentos radicais na defensiva’, *San Francisco Magazine*, julho de 1969. Bureau of Public Secrets — Rexroth Archive, (www.cddc.vt.edu/bps/rexroth).

Escolhemos ser anarquistas, presumivelmente pelo menos em parte, porque sentimos que é mais saudável e ético ser assim. É melhor não sermos chefes e servos em nossos relacionamentos íntimos e sociais. Transformar a dor que sentimos em resistência é melhor do que transformá-la uns nos outros, em nossa própria classe e em nossos próprios corpos. É ambientalmente mais saudável (para usar um termo degradado) defender liberdades selvagens do que deixar toda a Terra se tornar território da civilização.

Se Rexroth estivesse vivo hoje, ele não ficaria surpreso que agora provavelmente seja tarde demais para mudar o "curso na escuridão em direção à morte". No entanto, aqueles de nós que escolheram ser anarquistas, em alguns dos lugares mais domesticados da Terra, ainda precisam se encontrar — tanto para ser eficazes quanto para ser socialmente completos. Temos que manter alguma invisibilidade do poder, enquanto ainda estamos socialmente presentes o suficiente para sermos contagiosos.

Muitas vezes, o ativismo de algumas pessoas se assemelha à fase maníaca do transtorno bipolar. Isso é seguido inevitavelmente por uma fase depressiva, que, uma vez desiludindo as pessoas com sentimentos de onipotência, apenas reforça as ilusões de impotência. Para nos tornarmos mais fortes e saudáveis, e encorajar e apoiar outros a fazerem o mesmo, é sensato definirmos metas de curto prazo realizáveis, em vez de adotar uma perspectiva de tudo ou nada. Este é o caso, seja no que queremos que nossa resistência alcance, no que queremos criar ativamente, no que queremos aprender ou simplesmente no que queremos nos tornar. Desta forma, nossa ação consciente pode assumir a função de terapia coletiva, tornando nossas vidas mensuravelmente melhoradas por sermos anarquistas, ao mesmo tempo em que alcançamos ganhos sociais e ecológicos mais amplos. Há muitas respostas sobre como podemos fazer isso.

Somos anarco-sindicalistas no chão de fábrica, anarquistas verdes nas florestas, anarquistas sociais nas nossas comunidades, individualistas quando nos apanham sozinhos, anarco-comunistas quando há algo para partilhar, insurreccionistas quando damos um golpe.³¹

Um Anarquismo com muitos adjetivos, mas que também define e alcança objetivos, pode ter um presente maravilhoso e ainda ter um futuro; mesmo quando fundamentalmente fora de sintonia com o mundo ao redor. Há tanto que podemos fazer, alcançar, defender e ser; mesmo aqui, onde infelizmente a civilização provavelmente ainda tem um futuro.

³¹ Crimethinc., 'Digamos que você quer uma insurreição: colocando o "social" na guerra social', em *Rolling Thunder*, n.º 8, outono de 2009.

10. Deserto

Aqui, tentei mapear o presente e futuros plausíveis, ao mesmo tempo em que clamava por uma deserção de velhas ilusões e batalhas invencíveis em favor do possível. Espero que o chamado implícito em todo o texto, para que desertemos individual e coletivamente a causa da sociedade/civilização de classes, tenha sido claro. No entanto, já posso ouvir as acusações do meu próprio campo; acusações de desertar a causa da Revolução, desertar a luta por Outro Mundo. Tais acusações estão corretas. Eu diria que tais mitos milenares e progressistas estão no cerne da expansão do poder. Podemos ser mais anárquicos do que isso.

Grande parte desta peça foi "visão geral", mas isso não deve diminuir o verdadeiro valor do prático, do local, dos nossos relacionamentos emocionais e dos projetos do dia a dia. Não se deve permitir que o futuro impeça o hoje, mesmo que o hoje impeça algumas possibilidades no futuro. Nenhum futuro vale a pena ser vivido ou lutado se não existir no presente.

Nada do que descrevi neste artigo é surpreendentemente revelador; na comunidade anarquista em que vivo, algumas misturas dessas ideias são frequentemente sentidas como senso comum. Em outros, acho que esse também é o caso. No entanto, não se saberia disso por nossas posições declaradas abertamente, seja no texto ou, muitas vezes, na maneira como falamos uns com os outros. É quase como se sentíssemos que temos essas visões, apesar de sermos anarquistas. No entanto, como descrevi, sinto que descartar artigos progressistas e revolucionários de fé pode nos tornar mais fortes, mais livres e mentalmente mais saudáveis.

Estar desiludido — com a 'Revolução Global' e com nossa capacidade de 'Salvar a Terra' — não deve alterar nossa natureza anarquista, ou o amor pela natureza que sentimos como anarquistas. Ainda há muitas possibilidades para a liberdade e a selvageria. Quais são algumas dessas possibilidades e como podemos vivê-las? Quais objetivos, quais planos, quais vidas, quais aventuras existem quando as ilusões são postas de lado e entramos no mundo não incapacitados pela desilusão, mas aliviados por ela?

Se eu cruzar o rio, você cruzará o rio?

Ou se afogará neste deserto, neste copo vazio do qual estamos bebendo.

Se somos bestas, não somos bestas de carga.

Então cavalgue sozinho ou cavalgue com muitos outros.

Apenas cavalgue o mais rápido que puder.

— Blackbird Raum, *Valkyrie Horsewhip Reel*¹

¹ Blackbird Raum, 'Valkyrie Horsewhip Reel', *Swidden* (Santa Cruz: Black Powder Records).

Biblioteca Anarquista



Anônimo
Deserto
2011

<https://theanarchistlibrary.org/library/anonymous-desert>

bibliotecaanarquista.org